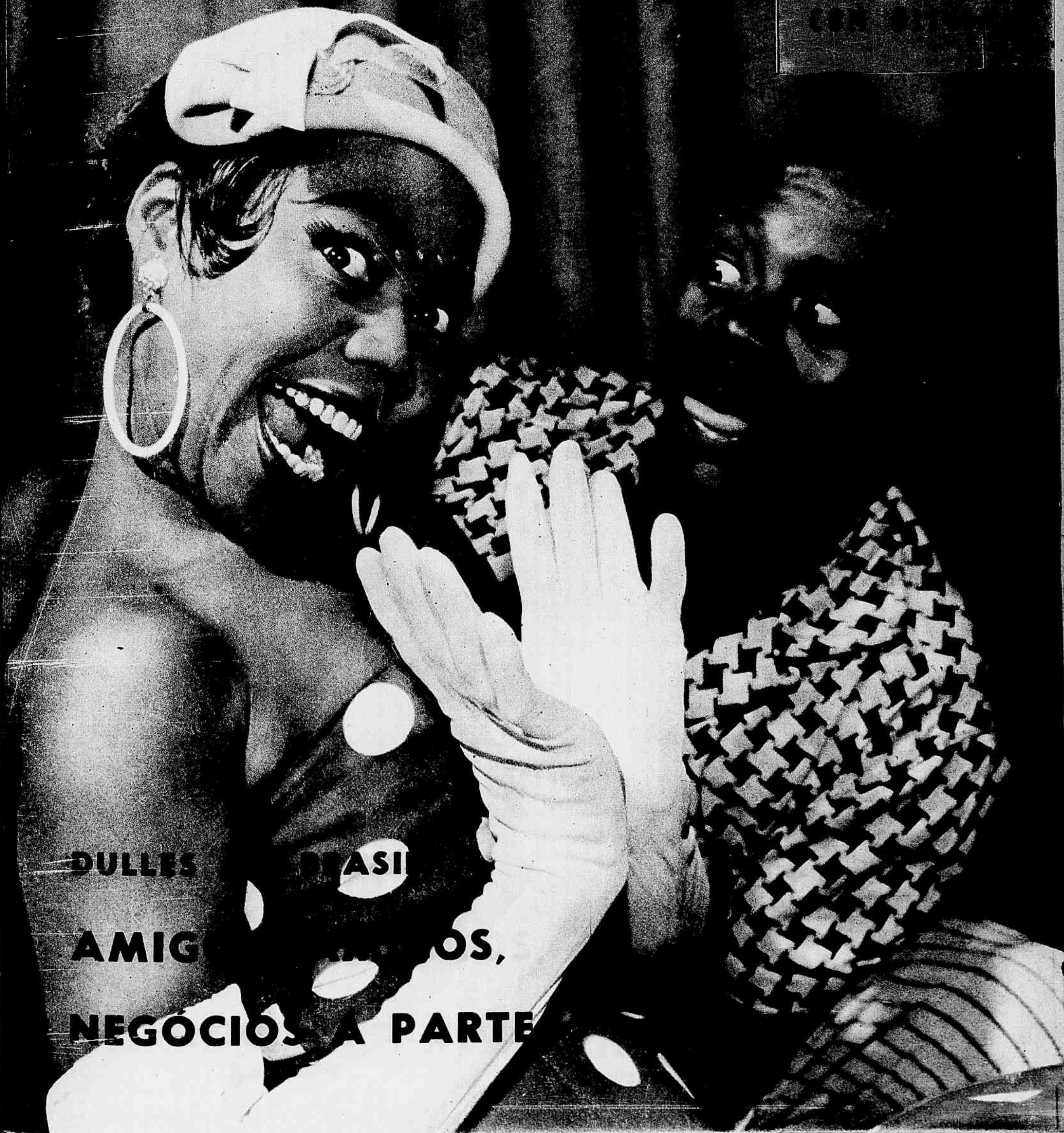


Revista da **Semana**

16 de agosto 58 — Cr.

MOCIDADE
SEM
LAMBRETA

INCOGNITO
JAN. 1958
COM 81.000



DULLES E BRASIL
AMIGOS E INIMIGOS,
NEGÓCIOS À PARTE



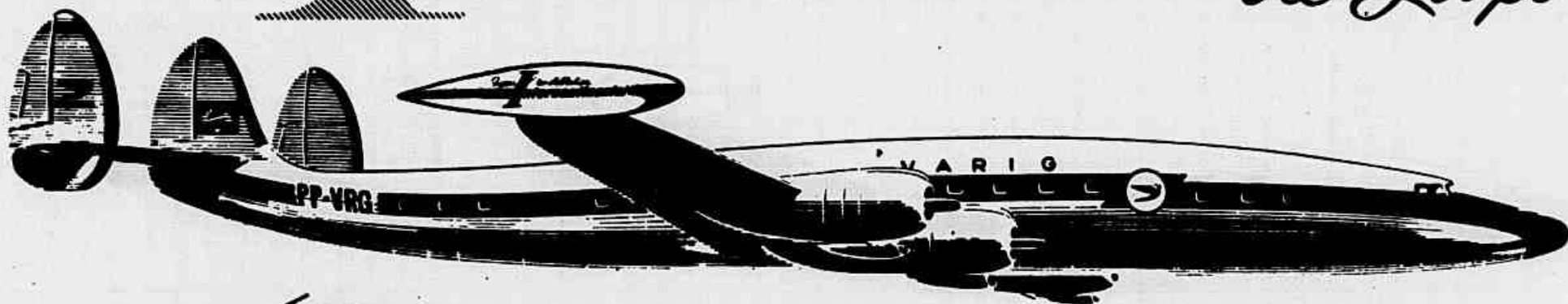
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

Ano 58 — N.º 33, Rio, 16-8-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

LEIA:

A CAPA

Grande Otelo e Vera Regina (Ektachrome George Gafner) 10

REPORTAGENS

Amigos, amigos — negócios à parte 5
Mocidade sem lambreta 25
Tio Sam prepara as malas 32
Eu fui cocheiro de Rui Barbosa 37
Pavel abraçou o figado 45
Imigrantes e paus de arara invadem o Paraná 48

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado (final) 14

A COMÉDIA HUMANA

A propósito de... vidas extraordinárias 18

ENTREVISTA

Encontro (em Paris) com Olivia 22

CONTO

A mulher das pestanas de sol 28

CINEMA

Lola Montés 52

SECÇÕES

Kaleidoscópio 12

Literatura e Arte 40

A Revista há 50 anos 42

Modas 54

As verdades de Mariasinha Maranguape 59

Humor (Ambrósio) 58

A Semana deixou também estas lembranças 60

POLÍTICA

Trapézio 64

CRÔNICA

Brasília, 1988 66

CONTATO

MR. Foster Dulles chegou, viu e decidiu não conceder o cobrado empréstimo de milhões, nesta hora em que ia mais animada a política pan-americana do Presidente Juscelino. Livrou-se também de uma incômoda manifestação dos estudantes, que se limitaram a protestos simbólicos; Dulles fez ainda uma visita à Brasília e, todo sorrisos, plantou uma magnólia no solo da Novacap.

POR uma curiosa coincidência, o repórter da Revista vai encontrar, como chofer de táxi, no Rio, o antigo cocheiro de Rui Barbosa — Luciano Carneiro. Conversa com o homem, e termina por marcar encontro no casarão da Voluntários da Pátria, onde morou o Conselheiro, e é hoje o seu museu. E, naquele cenário histórico, rememora o velho Luciano fatos e episódios pitorescos — muitos deles inéditos, da vida do grande político, escritor e jurisconsulto brasileiro.

MOCIDADE sem Lambretas. — Rapazes de teatro de todo o Brasil se reúnem em Recife para o I.º Festival Nacional de Teatro de Estudante, organizado por Paschoal Carlos Magno. Grupos amadores do Distrito Federal, Estado do Rio, São Paulo, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná representam peças no teatro Santa Isabel e trazem belas revelações. Mas as notas pitorescas do Festival são os júris simulados do "Othelo" (Paulo Autran) e "Hamlet" (Sérgio Cardoso) este último, tendo Evandro Lins na defesa e Araújo Lima na Acusação bem como a festa de encerramento — o Baile das Personagens (Reportagem de Hugo Sérgio Koatz, à pág. 25).

CHEGA ao fim a novela de M. B. Endrebe — "O Mistério do Arayado" — com surpreendentes revelações para os leitores na inesperada descoberta do assassino do escritor Georges Meller. E a Revista anuncia, para o seu próximo número, o início de uma nova história seriada — "Os Galhos do Cedro" — novela romântica, de grande beleza, sobre a vida dos sírios-libaneses no Brasil da autoria de Maria da Conceição Neves About.

EM Paris, através do famoso cabeleireiro das grandes celebridades — Alexandre — descobre o nosso correspondente a suave Olivia de Havilland — casada e temporariamente afastada do cinema. Numa entrevista especial para a Revista, fala-nos a doce Melanie de "... E o Vento Levou", de seus planos para o futuro, e do desejo que tem de visitar o Brasil e conhecer o carnaval carioca.

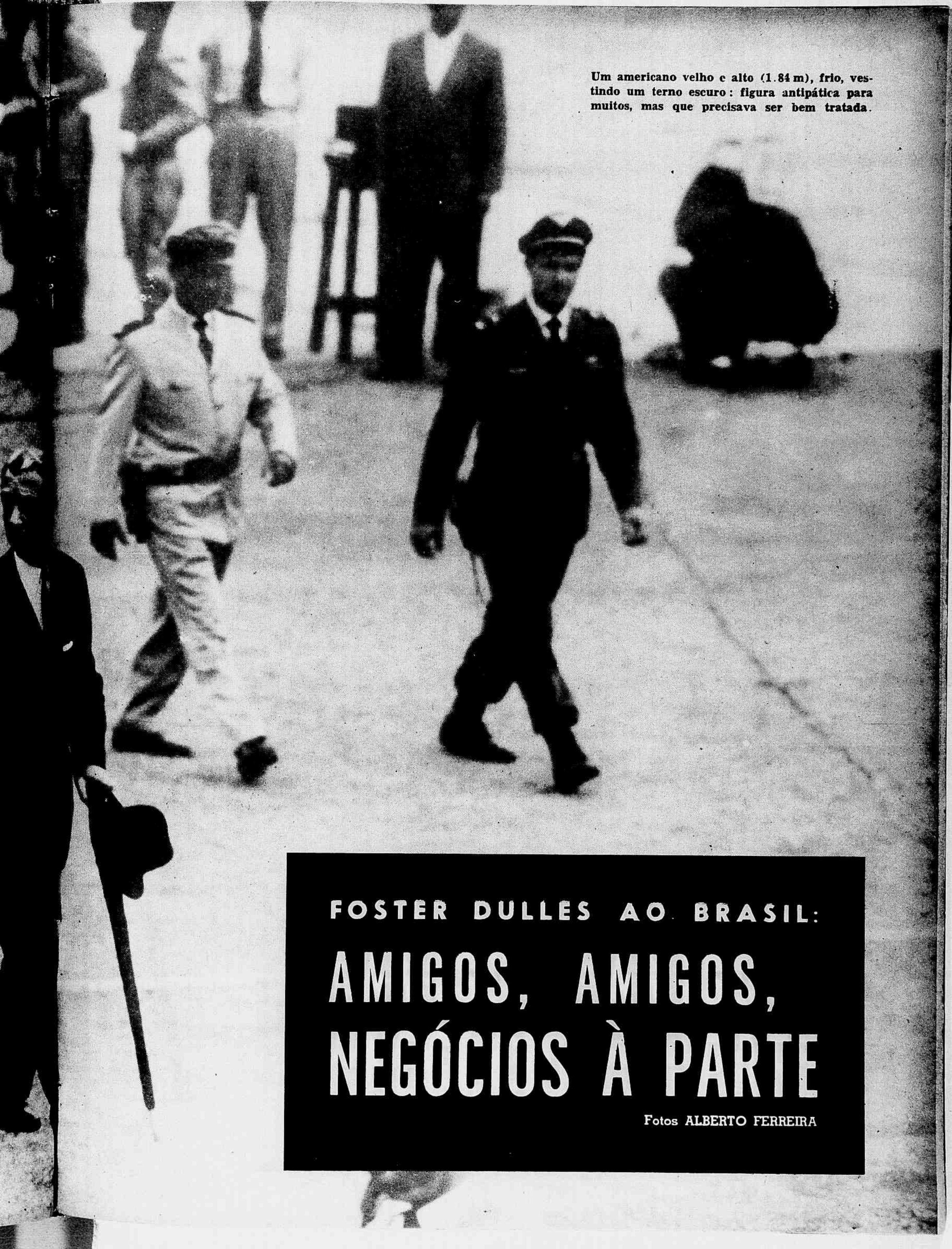
PAVEL Serebriakov — o famoso pianista russo presentemente no Rio — faz confissões. Fala de seus sonhos de infância, de suas "tournées" vitoriosas pelo mundo, confessa as suas predileções pela música popular. Revela ainda seu entusiasmo por Villa-Lôbos e Camargo Guarnieri — cujas composições já interpretou em Moscou, Leningrado, Pérsia.

Orodízio de cronistas de nossa última página prossegue desta vez com Aníbal Machado, falando saborosamente de uma "Brasília, 1988".

Ausente, entretanto, está a habitual crônica da primeira página, de GUIMA — parado por motivos de saúde.

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape n.º 15, Rio. Enderço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas n.º 502 — 19.º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.





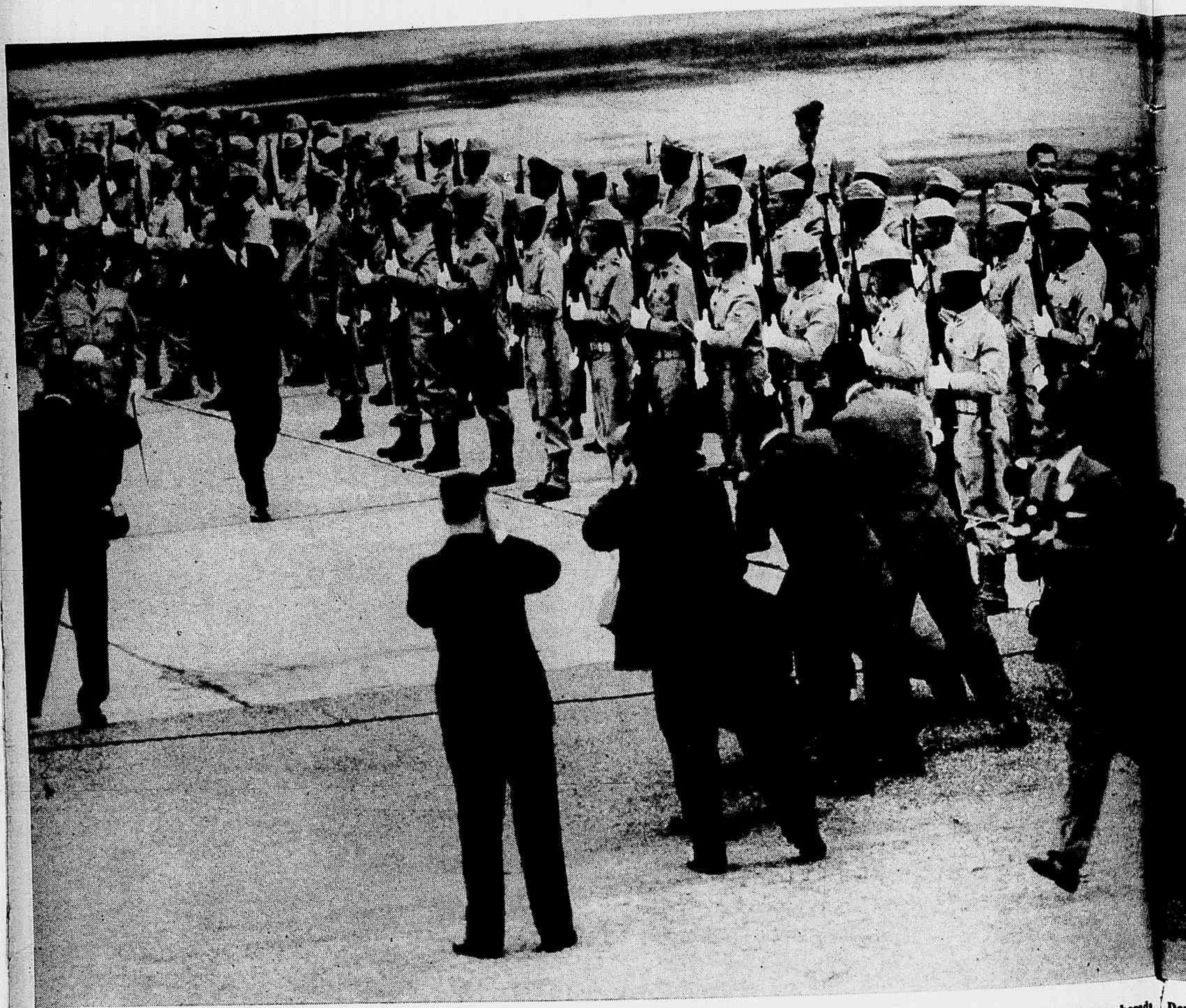
Um americano velho e alto (1.84 m), frio, vestindo um terno escuro: figura antipática para muitos, mas que precisava ser bem tratada.

FOSTER DULLES AO BRASIL:

AMIGOS, AMIGOS, NEGÓCIOS À PARTE

Fotos ALBERTO FERREIRA

Programa a 100 quilômetros por hora



O aparato das forças militares, postadas no Galeão, deu uma boa impressão ao Secretário de Estado Americano, na ocasião de sua chegada.

AMIGOS, AMIGOS — negócios à parte. — Esta foi a resposta do secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, quando as autoridades brasileiras lhe pediram um empréstimo de mais de um bilhão de cruzeiros para a Petrobrás.

As negociações bilaterais fracassaram. Mas, ao término da festa, Foster Dulles plantou um pé de magnólia em Brasília e, juntamente com o presidente Juscelino Kubitschek, assinou uma nota conjunta sobre as excelências da "Operação Pan-Americana" contra o subdesenvolvimento.

E regressou sem que os estudantes, apesar das ameaças, lhe tocassem num fio de cabelo. Limitaram-se a lavar a avenida por onde Dulles passou.

Eram precisamente 15 horas do dia 4 de agosto quando o avião da "Military Air Transport Service" (prefixo Mats 0,8060) desceu

no Aeroporto Militar do Galeão, trazendo o secretário de Estado norte-americano, um homem alto (cerca de 1.84 m), corado, de terno escuro e gravata vermelha.

A expectativa era intensa. Desde as primeiras horas da tarde as viaturas da polícia (Militar e Especial) tomavam postos em toda a extensão do percurso que ele deveria fazer. Até a cavalaria passeava na Avenida Brasil. E investigadores (como se fossem transeuntes) rondavam o quartirão da Embaixada Americana.

O povo, indiferente e despreocupado, assistia àquele aparato militar. Num ponto da cidade, porém, havia agitação: edifício da UNE, coberto por uma grande tarja negra e faixas com seguintes dizeres:

"Go home Foster Dulles" e "Os Estados Unidos não têm amigos. Têm interesses" (frase atribuída a Dulles).

E Dulles passou sem levar petróleo



Depois de recebido pelo Ministro das Relações Exteriores e de passar as tropas em revista, Dulles fez uma saudação ao Brasil.

E DULLES PASSOU

E Dulles passou pela frente da UNE, com a velocidade de 100 quilômetros por hora, às 16.35. Uma vaia irrompeu, mas a sirena dos batedores impediu que ela fosse ouvida pelo secretário de Estado. As janelas de seu carro, apareciam as cabeças dos agentes do FBI.

Os estudantes, para cumprir a sua ameaça (Dulles não passará pela UNE) tentaram apenas usar de um artifício, transferindo a sede da entidade para a Escola de Arquitetura. Era tarde, porém. Os policiais forçaram-nos a entrar no prédio até a passagem do carro do secretário de Estado.

Nos arredores da praia do Flamengo, estavam colocados vários carros da polícia. Uma grande multidão de repórteres e fotógrafos esperavam que os estudantes se lançassem contra Dulles. E saíram dali decepcionados.

Os protestos não passaram de uma tarja negra e de vaias.

NEGÓCIOS A PARTE

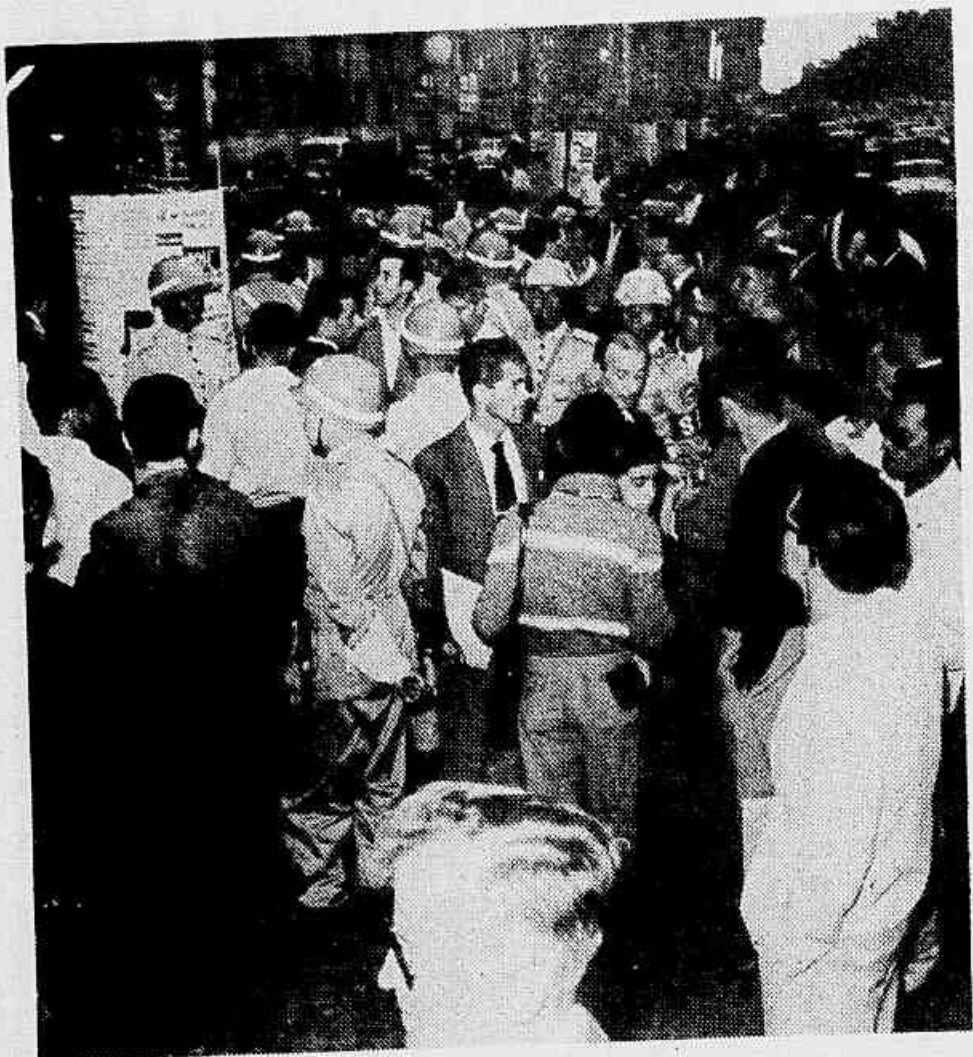
As negociações (bilaterais e multilaterais) começaram na manhã do dia seguinte à sua chegada. Primeiramente, no Itamarati e, depois, no Palácio das Laranjeiras.

A declaração do sr. Foster Dulles (reiterada na entrevista coletiva) de que "os Estados Unidos não intervêm na iniciativa privada" jogou água fria na fervura, após o relatório do Ministro da Fazenda, Lucas Lopes, salientando a questão do petróleo.

As autoridades brasileiras queriam um auxílio financeiro para a Petrobrás. E levaram um soleníssimo "não".

— Os Estados Unidos são um país que crê na iniciativa privada — argumentou Dulles.

O Brasil, por seu turno, fez ver que o monopólio estatal do petróleo seria mantido.



Fracassaram as negociações bilaterais



As famosas negociações começaram no dia seguinte à chegada de Dulles. Mas, apesar dos diplomáticos sorrisos, o auxílio financeiro para a Petrobrás não foi conseguido. O "Não" de Dulles foi definitivo.

"Go Home, Dulles" — O edifício da UNE, coberto por grande tarja negra e faixas significativas, mostrava o desagrado dos estudantes diante da presença, entre nós, do Secretário de Estado. Foi a única nota dissonante.

AM

Fo
jeira
rica
Méd

E,
pont

a)
b)
c)
d)
e)

Ta
mult
conv
dos
E
ricar



Foto. JORNAL DO BRASIL

AMIGOS, AMIGOS

Foster Dulles e o presidente Juscelino Kubitschek, nas Laranjeiras, trocaram idéias sobre problemas de investimentos na América Latina, falaram sobre a situação mundial e a crise no Oriente Médio.

E, depois de duas horas de conversa, assentaram os seguintes pontos:

- a) definição integral do problema do subdesenvolvimento;
- b) estabelecimento de programas para permitir investimentos;
- c) ampliação dos programas de assistência técnica;
- d) estudo de medidas para estabilizar o preço das matérias primas;
- e) reconhecimento da necessidade da reforma dos estatutos dos organismos financeiros interamericanos.

Tão logo terminem as consultas (que se realizarão, em caráter multilateral, de chancelaria para chancelaria), será estudada a convocação de uma conferência em alto nível, com a participação dos chefes de Governo.

E os amigos apertaram as mãos. Era a "Operação Pan-Americana".

MAGNÓLIA

Foster Dulles, no seu último dia brasileiro (6), foi para Brasília. E, na futura capital, plantou um pé de magnólia. Cumpriu o seu programa-relâmpago (a 100 quilômetros por hora), disse um "não" ao empréstimo à Petrobrás, discutiu a "Operação Pan-Americana", comeu caviar (russo) no Itamarati, fez discursos e voltou para os Estados Unidos. E os estudantes, impedidos pelos "meninos" do general Amaury Kruehl, chefe de Polícia, nada puderam fazer.

Somente, quando Dulles já havia partido para Brasília, saíram em passeata e lavaram a avenida da praia do Flamengo.

Dulles passou mas não conseguiu o petróleo.

"BOYS" DO FBI

Além de sua senhora, Mr. Dulles veio acompanhado pelos adjuntos de secretário de Estado, Roy Rubottom, para Assuntos Interamericanos, Andrew Berding, para Assuntos Públicos, Thomas C. Mann, para Assuntos Econômicos, e Ernest Siracusa, encarregado dos negócios brasileiros.

Além desses, que compunham a sua comitiva, vieram os "boys" do FBI, que vasculhavam todos os lugares aonde ia o secretário. Ao que se sabe, entretanto, não encontraram nenhuma bomba.

Fórmula Otelo—Vera Regina para fazer rir:



Vera Regina, de forno e fogão, mas seu forte mesmo é o palco.

**ÊLES FAZEM "FITA" AO
SOM DE BEIÇO GRANDE**

GRANDE OTELO durante longo tempo fez cinema, teatro e "boite" sem encontrar uma "partenaire" que lhe respondesse com a mesma graça ao seu famoso "aleais". Em que pese o valor positivo de Mara Abrantes, até mesmo Déo Maia (sua companheira desde os tempos da velha Urca), que agradavam mas não "marcavam", como exigia o grande público. Outras foram aparecendo. O genial ator, no entanto, prosseguia em sua busca para encontrar "a outra" — alguém que fôsse a encarnação de sua própria veia cômica.

E não durou muito tempo. Quando Carlos Machado lançou o "show" Mr. Samba, entre a "troupe" negra que contratou, veio uma cabrocha de forno e fogão, com passagens pelo ambiente das "táxi girls", cujas habilidades já havíamos apreciado nos espetáculos de Silveira Sampaio na "boite" Beguin, do Hotel Glória. Seu nome Vera Regina. Para quem assistiu a "Esmeralda" de "No País dos Cadillacs" não foi surpresa a contratação de Vera Regina para integrar o elenco de Carlos Machado. Mas a oportunidade de Verinha só apareceu, mesmo, com a saída da grande Elizete Cardoso do quadro de artistas de Mr. Samba. Daí em diante, ela ocupou o lugar da excelente cantora, e seu dueto com Grande Otelo continuou através de "Rio I Love You". Um dos homens mais experientes em matéria de "show-business" disse a respeito de Vera: "Em Paris ou Nova Iorque ela seria uma nova Josephine Baker". Realmente, pelas fotos que ilustram esta reportagem os leitores podem fazer uma idéia de quem seja Vera Regina.

O CINEMA CAMINHA COM ELES

Ao lado de Grande Otelo, forma ela a maior dupla cômica do País. O cinema nacional caminha com eles. Haroldo Costa foi o descobridor de Vera para o Cinema. Mas Grande Otelo levou-a para tomar parte em "E o Bicho não deu", de Herbert Richers, e antes mesmo que as filmagens terminassem, o produtor vaticinou: "Eis aí o que nos faltava: Otelo e Vera juntos no Cinema."

A "BOITE" TAMBÉM

Brevemente Carlos Machado apresentará no "Night and Day" o espetáculo "Bela Época 1900 e... 58", baseado na "Viúva Alegre". Grande Otelo e Vera Regina também lá estarão. E quando ele fizer aquele beijo do tamanho de um bonde e disser — "aleais!", alguém responderá com a mesma graça: — Que é que há, Pererê?



Os dois combinam na arte de fazer graça. Ganham o público.



Quando ele faz beijo do tamanho de um bonde, ela diz logo: "Que é que há, Pererê?"





Sofia

ORA, MUITO BEM. Já ouvi muitas histórias (do tipo "frases-que-consolam", de Carlos Estêvão) sobre pessoas que, prêsas a seus quartos por doença ou outros quaisquer motivos, realizavam viagens maravilhosas, pela imaginação ou através de livros. Uma semana de gripe permite a um colunista verificar a veracidade da história. Basta deixar a máquina pronta com o papel, ao lado da cama, recostar sobre dois travesseiros, abrir a correspondência internacional, e pensar um pouco.

PENSAR NUMA FOTO DE INGRID BERGMAN chegando a Paris em companhia de uma filha que teve com Roberto Rossellini. A moça (como os anos passaram, já é mesmo uma moça) ia ser apresentada a Lars Schmidt, futuro espôso da cinematriz sueca. Isto faz lembrar outra foto tão recente, na qual se via Ingrid Bergman com a filha que teve com Peter Lindstrom, quando a moça ia ser apresentada a Rossellini. Dá vontade de escrever sobre Ingrid, mas o que se poderia dizer de novo? Não ficou nada por ser dito em tantos anos. Imaginem que, logo após o escândalo da descoberta de que Ingrid estava esperando uma criança de Rossellini enquanto ainda casada com Lindstrom, um crítico de cinema do Distrito Federal, sacrilegamente escreveu que, no fato de ter um filho que não era do marido, Ingrid estava sendo apenas a milionésima encarnação da Virgem Maria! A lembrança deste comentário me tirou toda a vontade de prosseguir no assunto: "Os maridos, e as filhas de Ingrid".

Maria



KALEIDOSCÓPIO





Ingrid

Mylène

CHUCK WOODWARD



Gelin



PREFERIMOS FALAR DE OUTROS FILHOS, desta vez deixando correr o pensamento sobre uma história triste que o tempo e a natureza agora fazem esquecer num "happy-ending" cinematográfico. Uma ama-sêca descuidada deu a uma criança vários comprimidos por demais potentes para um organismo infantil, pensando que estava ministrando aspirinas. O mundo acompanhou emocionado a luta pela vida do filho único do simpático cinemator francês, Daniel Gélin. Quando "le petit" morreu, sentimos junto com o pai sua agonia diante de uma morte tão ridícula. Hoje, porém, já podemos sorrir ao lembrar Gélin. Ele próprio está sorrindo na foto, um sorriso expressivo, que diz de maturidade e fé, de braços com sua esposa, a ex-modêlo Sylvie, dias após o nascimento de Manuel Gélin, em St. Cloud. Isto sim, foi assunto que me fez ficar momentos a mais saboreando-o, sem vontade de ver a próxima fotografia.

A FOTOGRAFIA ERA COMPENSADORA. Alguns pintinhos e Mylène Demongeot. A moça está sendo preparada publicitariamente para o dia (distante, espero) em que Brigitte Bardot resolver abandonar o cinema pelo Haiti, digamos, como o fez Martine Carol. Por enquanto não tenho muito a lembrar de Mylène. Também, ainda não vi muito... Afinal de contas, Martine e Brigitte deram novo significado à expressão "ver muito". Mas sei que a moça aparece em todos os locais importantes, vai ao estúdio levando pintinho em vez de "caniches", que foi eleita "rainha" de uma porção de coisa inclusive do Mercado de Paris, para felicidade dos feirantes. Tudo isto de roupa! É uma espécie de "canter". Quando estiver na hora da largada a moça tirará a manta. "Ah, l'érotisme au cinema". A mente passeia: Jane Russell aquecendo o corpo de Robert Mitchum com o calor do seu, Rita Hayworth de cetim preto nos fazendo invejar Glen Ford, Sophia Loren procurando o estrelato de busto nu (nu mesmo) numa piscina de Roma Imperial, Maria Felix descansando sob as cobertas com o herói fatigado Yves Montand, e outras lembranças igualmente edificantes que já estavam, como se diz, "na agulha"... mas tiveram que fugir rápidas. Noivas quando visitam seus noivos, mesmo eles estando doentes, e mesmo sendo só na imaginação dele, e mesmo se tratando de pessoas que ele não conhece pessoalmente, nunca, nunca mesmo, admitem que os seus pensamentos passeiem por estes setores da arte cinematográfica. Terei que dizer: "Ah, como vais, meu anjo? Que bom que vieste me visitar. O que eu escrevia? Nada de especial, mais uma reportagem cansativa..." Isto se eu tiver tempo de tirar este papel daqui antes que ela

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO — Por uma curiosa coincidência, consegue finalmente o comissário Bréval descobrir, depois de fatigante interrogatório — o autor da morte do proprietário do Arayado, o escritor Georges Meller. Ao contrário do que se esperava, não se trata nem de Isabelle Delancy nem de Nick Vernon, enteados do assassinado, nem tão pouco Claire Brémond, sua sebrinha... A revelação inesperada é trazida, finalmente, neste capítulo final.

— Há pouco — prosseguiu vivamente — Mme. Delancy disse-lhe que encontramos duas pegadas de sapatos, sinais estes infelizmente meio apagados pela chuva, em frente à janela da biblioteca. Mas Mme. Delancy ignorava que eu a tinha precedido e que achara, sob as árvores, e completas, desta vez — marcas de calçado masculino, ao pé direito das quais faltava a guarnição de metal. Esses sinais ligavam, nos dois sentidos, o pavilhão a um ponto onde o muro está em parte tombado.

— Meu Deus! Roland — pensou Claire apavorada. *Roland, esqueci-me de ti!*

Recordava a maneira precipitada pela qual deixara o rapaz, preocupada como estava com Lydia Moreau. E a infelicidade re-

solvera que os incidentes do jantar, depois o temporal, fizessem com que ela esquecesse o encontro na estrada, aceso no último minuto...

— Tive a curiosidade de atravessar aquele muro, prosseguiu o detetive e, à margem da estrada, sob o grande carvalho, encontrei traços de estacionamento de um automóvel...

"Roland, Roland! — pensava Claire — e este nome turbilhona em sua cabeça qual uma abelha tonta. Deus! O esquecimento de um encontro de namorados poderia ter consequências tão trágicas?"

— ... Havia igualmente sinais de lama no interior do pavilhão — no vestibulo do escritório e no banheiro. Não são as minhas,





fizessem
o último
rossegulu
o, encon-
turbilho-
ecimento
s tão trá-
o pavilhão
s minhas,

pois que cheguei antes da tormenta. Aliás, as marcas do banheiro parecem as de um pé de mulher...

O busto de Claire continuava a vacilar e seu olhar apalermado não mais via o policial.

— Quis levar seu noivo à presença de seu tio, mlle. Brémond, esperando forçá-lo a...

— Não! — protestou Claire, — não, não!

Não ela! Não ela que tão bem conhecia o tio e que fizera todo um plano para não combater de frente a sua causa... Mas Roland... Roland, a quem não confiava tôdas as suas intenções... Roland que, farto de esperar na estrada, havia entrado no parque e...

— Nick!

O grito, vindo de fora, vibrou até o quarto verde. E traía tal surpresa angustiada que o comissário, sem mais preocupar-se com Claire, ergueu-se de um salto e correu para o hall.

Nane estava imóvel, de pé, frente a uma poltrona — o olhar fixo na porta-sacada por onde passava a chuva.

— O que há? — indagou, ansioso, o policial.

— Nick... Nick acaba de sair como um louco... Estava sentado aqui... Eu...

Sem mais escutar, apanhando de passagem o casaco pendurado no cabide e vestindo-o, Bréval salu a correr. A chuva caía com violência e fechou-o em seu círculo brilhante, mas, chegando

O médico continuava a falar voltado para a janela, como se

ao fim do terraço, o policial julgou distinguir uma silhueta sombria que, à direita, ia contornar a casa. Apressando o passo, Bréval para ela dirigiu-se — o barulho da chuva abafando o de seus passos... Alguns segundos depois, sua mão agarrava-se ao ombro de Nicolas Vernon:

— Proibi-lhe que saísse da casa.

O rapaz não respondeu. Dentes cerrados, procurava desvencilhar-se do comissário. Mas a luta era desigual: Bréval segurou-lhe os braços, imobilizando-os nas costas do jovem Vernon.

Dominado, o jovem atirou a cabeça para trás; seu rosto tinha a palidez da morte, as lágrimas misturavam-se à chuva e Bréval ouviu um gemido:

— Sylvie!... Sylvie!

Depois, bruscamente, a resistência cedeu e Bréval amparou nos braços o corpo que desfalecia.

SYLVIE... SYLVIE...

Seria que Nicolas, amando pela primeira vez com todo o ardor de sua inexperiência, fôsse vítima... o cheque... Sim, mas essa mão de homem tocada por Anne na obscuridade do corredor, Nick reconheceu que era a sua...

Pensamentos contraditórios lutavam na cabeça de Bréval enquanto, sustendo entre os braços o corpo inanimado de Nick, voltava para a entrada da casa. Uma profunda ruga sulcava-lhe a testa e não mais tinha consciência da chuva cuja violência parecia serenar.

Alguém tornara a fechar a porta envidraçada e, para abri-la, Bréval empurrou-a com o ombro e entrou gotejante no hall.

— Nick! Oh, se o tiver maltratado!

— Não, está apenas desmaiado, disse Bréval estendendo-o no sofá.

Já Isabelle, tendo aberto o armário de licores, apanhara uma garrafa e agora fazia penetrar um pouco de conhaque entre os lábios do irmão, suplicando:

— Nick, meu querido... é Belle! Nick, meu filho. É Belle, responda-me!

Ali estavam todos, até Lydia Moreau, que acabava de descer lentamente a escada, e Claire, a mão pousada sobre o telefone, como se fôsse servir-se dele ou tivesse interrompido uma comunicação. Deviam ter sido alertados pelo grito de Anne, imóvel no lugar onde Bréval a deixara. Juliette Livel, os olhos entumescidos pelas lágrimas, acariciava docemente o ombro de Nane sem que esta parecesse aperceber-se. Jacques Delancy fitava o chão, aos pés do detetive, e este percebeu que o casaco molhado estava inundando o tapete. Vivamente, despiu-o e ia pendurá-lo ao cabine no momento em que uma exclamação de Claire fez com que sustasse o gesto:

— Oh... que tem o senhor aí?

O comissário voltou-se: Mlle. Brémond, de boca aberta, apontava para ele e todos olhavam. Bréval baixou os olhos, e, por sua vez, não pôde reter uma exclamação:

— Mas o que é?

Suas mangas, sua gola, todo o paletó estava coberto de uma espécie de penugem, brilhante e sedosa, sobressaindo intensamente na fazenda azul marinho.

O comissário fez um movimento antes de compreender, mas logo seu olhar dirigiu-se para o impermeável gotejante que seguia ainda...

A verdade lhe veio, então, fulgurante e total.

O mesmo deve ter sucedido aos demais, por todos — mesmo Isabelle ajoelhada junto ao sofá — voltaram-se para a escada...

Um riso bizarro, desumano, elevou-se no pesado silêncio.

O riso de Lydia Moreau...

LYDIA MOREAU ouviu bater cinco horas no liceu, enquanto acabava de vestir-se.

O doutor Anglade parecia diferente e ela espantava-se por não ter ele auscultado-a minuciosamente...

Saindo do dispensário, Lydia tornou a passar pela sala de consulta. O médico estava sentado à sua secretária e ela o viu retirar rapidamente algo que tinha à frente, antes de virar-se e acolhê-lo com um largo sorriso.

— Então, doutor?

— Então, cara senhorita, posso garantir-lhe que seu coração está em perfeito estado.

Por que pareceu-lhe ambígua aquela resposta? Não tinha ela ido consultar-se por causa das dores que sentia no lado do coração?

— Então, não tenho nada?

O médico olhou a janela cheia de sol. Sua voz, extremamente alegre, soou falso aos ouvidos de Lydia:

— Isto, cara senhorita, é um pouco precipitado. Sabe o que dizia o nosso bom mestre Knock: Todo ser sadio é um doente que se ignora. E é evidente que essas dores das quais se queixa devem ter uma origem.

Anglade estava muito atrapalhado. Essa moça tão fresca, tão bonita... Ele não podia resolver-se a anunciar-lhe aquilo assim. Era preciso ganhar um pouco de tempo para encontrar um meio de atenuar o choque...

— Fêz bem em trazer-me as radiografias. Vou examiná-las atentamente. Quer voltar na segunda-feira?

O médico continuava a falar voltado para a janela, como se a visita de Lydia, tão morena em seu vestido branco, lhe fôsse penosa. Por isso não percebeu que a moça havia lido às avessas o que o bloco de receitas deixava ultrapassar da ficha médica, ocultada às pressas, à volta da cliente, depois de ter ali escrito o diagnóstico.

Percebeu apenas a inquietação da voz da governanta:

— Seg... segunda-feira... a que horas?

Voltou-se, então, para ela, com um sorriso demasiadamente "medical":

— Digamos, três horas?

Lydia concordou com um aceno de cabeça.

— E, principalmente, não se preocupe com o que possa ter, cara senhorita. Pense bem que, na hora atual, não existe praticamente nada que não se possa tratar. Leu que até os leprosos chegam a curar-se? E por certo não tem lepra... Não quero, pois, que essa bonita fronte fique sombria. Vai às corridas amanhã, com este lindo tempo?

— As corridas? — repetiu Lydia, alheada. — Oh, de certo...

— Então, segunda-feira, de qualquer maneira?

— Segunda-feira, sim, doutor...

Lydia Moreau achou-se na rua sem saber como descera a escada. Desde alguns minutos, quatro palavras martelavam-lhe obstinadamente as têmporas: **neo do seio esquerdo... neo do seio esquerdo...**

A vista do correio pareceu arrancar Lydia do seu estado de hipnose. Acelerou o passo e galgou quase a correr os degraus de pedra. Christian poderia informá-la... qual era mesmo o número... 86-68...

Lydia encerrou-se na cabine estreita que a servente apontou.

— Alô?

— Alô, Christian? Aqui Lydia...

— Arre, Lydia? Faz um século que não se vê nem você, nem Georges. Vocês vêm esta noite?

— Não, temos visitas neste momento... na semana próxima, espero... Diga, Christian, telefone porque pensei que, praticando sua medicina, poderia elucidar-nos... Estou com amigos que me garantem que os médicos denominam os fibromas de neo...

— Minha cara Lydia, que ignorantes frequênta? A última servente sabe que um néo, ou neoplasma, é um tumor...

Christian deve ter prosseguido falando sem perceber que ninguém o escutava. Saindo do edifício, Mlle. Moreau atravessou a rua como sonâmbula. Foi pondo o pé na outra calçada que ela viu Claire sentada na terrassa do "Continental" acompanhada de

se a visita de Lydia, tão morena em seu vestido branco, lhe fôsse penosa.

um rapaz. Ela saboreava um sorvete e ria, dizendo: "Oh, Roland, como és tolo, meu querido!"

Lydia dobrou bruscamente à esquerda para não ser vista.

Ah! porque o mundo não parava de girar para os outros como acabava de fazer para ela? Era injusto demais que houvesse ainda gente para rir e aproveitar a doçura de viver...

— Um tumor.

Os dois risos de mocidade ficaram diante dos olhos de Lydia, abolindo tudo quanto ela olhava e, apesar do intenso calor, ela tremia.

Um tumor.

Invadiu-a um frio mortal, que a tornava insensível à temperatura ambiente. Foi por isso que, chegando ao Arayado, ao penetrar mais tarde na sala de jantar, apanhara de passagem o suéter de lã angora, esperando que o doce calor a aquecesse.

A presença de um estranho tinha feito do jantar uma provação mais penosa ainda e, por cima de tudo, esta Claire, que ria às gargalhadas tomando sorvetes com o seu Roland, se lembrara de perguntar se ela sentia frio... Ela, entre todos!

No terraço obscuro, era-lhe possível abandonar um pouco, sem precisar disfarçar o pânico. Mas, pela primeira vez, Lydia sentiu-se só. Até então conduzira seu barco sem preocupar-se com os outros, com a segurança egoísta que dão a mocidade e a beleza.

Eis que, bruscamente, ela descobria seu isolamento em meio daquela gente que a odiava... O que poderá haver de mais atroz do que tal solidão na desgraça?

A moça aspirava por uma voz amiga que a lamentasse, por mãos que a tocassem tranqüilizadoras... mas todos se alegrariam sabendo-a vencida. Todos os Vernon... e Delancy dominado pela mulher... e esta Livel que lhe tinha inveja... e Claire que ria tomando sorvetes! Todos estavam ligados contra ela... Todos, não... Georges se encontrava sempre a seu lado... Georges, por quem sentia súbita ternura... Sim, Georges saberia dizer-lhe palavras de conforto, restituir-lhe a coragem. Mas seria preciso se encontrassem a sós...

E eis que, na sombra, Anne começara a falar. Qual uma sibila inspirada, parecia adivinhar o mal latente em Lydia e comunicava-o aos outros... Antes mesmo de perceber seu gesto, Lydia esbofeteara Nane para que se calasse aquela voz implacável.

— Oh, Georges. Georges!

Quando Meller anunciou sua intenção de isolar-se no pavilhão para trabalhar, Lydia pensou que devia existir uma misteriosa telepatia entre dois seres que se amam.

Mais tarde, abrindo a porta do hall, depois que a casa pareceu adormecida, Mlle. Moreau viu que chovia. Na sua idéia fixa, não o havia notado. E, como hesitasse na soleira, descobriu o impermeável de Georges pendurado ao cabide.

O agasalho era muito grande para a governanta e, depois de ter enfiado as mangas, pôde igualmente cobrir a cabeça curvando-se um pouco. Estaria mais protegida do que sob um guarda-chuva e era uma sorte tê-lo encontrado ali.

Lydia Moreau ignorava ainda que aquela sorte era má.

Quando penetrou no pequeno vestibulo do pavilhão, entre dois trovões, ouviu o rumor de uma conversa vindo da biblioteca. Prestando atenção, reconheceu, alternando com a de Georges, a voz de André Beaumont.

A governanta penetrou então na antiga cozinha, transformada em banheiro. Despiu o agasalho molhado e sentou-se, aguardando a partida de Beaumont. Finalmente êste se foi e Lydia, os nervos abalados, entrou na biblioteca.

Ouvindo-lhe os passos, Georges levantou a cabeça:

— Tu? Com êste tempo! — disse um pouco surpreso.

— Precisava absolutamente falar-te, meu querido... Não podia esperar até amanhã... Se soubesse o suplício que estas últimas horas foram para mim!

Lydia aproximara-se de Meller, sentado à secretária. Pousou a mão sobre a do escritor e, reconfortada por êsse contato, disse, numa voz que se partiu:

— Georges, eu tenho um tumor.

Meller teve um leve dar de ombros, e soltou a mão.

— Vamos, quem te meteu esta idéia na cabeça? Qualquer artigo de jornal, aposto! Com esta nova mania de vulgarização... As lágrimas, tanto tempo retidas, corriam agora no rosto de Lydia.

— Não, Georges, soluçou ela, não é uma idéia que tenho... Fui ao médico, ao dr. Anglade... Vinha sentindo freqüentemente uma dor à altura do seio esquerdo... Imaginei que fôsse o coração e que isto passaria com um regime ou gôtas...

— E aquêle imbecil disse-te que tinhas um câncer?

— Oh, não!

— Então, o que me contas?

— Anglade assegurou-me que eu não tinha nada, mas achei-o com ar esquisito... Ria demais e evitava olhar-me de frente... Depois, percebi minha ficha sobre a mesa; êle tinha tentado escondê-la, mas vi uma parte e li... **neo do seio esquerdo...**

— Neo do?...

— Sim, é o termo que os médicos empregam para designar um tumor.

Meller retomou entre as suas as mãos da moça. E murmurou:

— Minha pobre Lydia... É terrível!

Dotado de saúde robusta, só tivera Georges doenças banais, e partilhava o horror das pessoas sadias para com os doentes.

Mlle. Moreau sacudiu a cabeça, enquanto aumentavam as lágrimas:

— Oh, não, Georges! O mais terrível passou, agora que me confiei a ti. Mas aquêle jantar, esta noite interminável, em que eu estava só, só...

Os soluços impediram que a governanta prosseguisse, e Meller apertou-lhe docemente a mão, procurando tranqüilizá-la embora êle estivesse horrorizado com a revelação:

— Não debes deixar-te abater assim, disse, num tom de afetuosa censura. Reflete que a ciência faz imensos progressos. Em nossos dias, um câncer tratado a tempo — o que é certamente teu caso — é perfeitamente curável. Irás para uma Casa de Saúde especializada... com radioterapia... na América, se preciso fôr... Aqui estou eu, afinal!

Em busca de uma atitude qualquer, o escritor tirou a cigarreira, verificou que a esvaziara enquanto palestrava com Bréval, e abriu uma gaveta à esquerda, onde guardava sua reserva de cigarros.

Quando tirou as primeiras baforadas, sentiu-se mais à vontade e repetiu:

— Aqui estou para velar a fim de que tenhas todos os cuidados necessários. Não repitas mais que estás só!

A governanta teve um sorriso triste:

— Não, meu querido. Contigo não tenho mais medo... Se soubesses como me confortam as tuas palavras... Anglade também me disse que não há doença que não tenha cura... Sim, tens razão, vamos nos casar imediatamente, para que eu vá me tratar bem depressa. Oh, agora estou certa de que ficarei boa! Quando estiver separada de ti, pensarei na felicidade que nos aguarda e isso me dará toda a coragem de que necessito.

Georges deixou passar um silêncio, batendo com a unha a cinza do cigarro.

— Isso é que é falar — disse, afinal, sem olhar a governanta — mas acho preferível esperar tua volta para nos casarmos.

Lydia Moreau sentiu-se de novo envolvida por êsse frio mortal que apenas a deixara.

— Esperar? Por que?

O escritor teve um riso que lembrou a Lydia o do dr. Anglade, horas antes.

— Mas porque será mais alegre, vejamos! É preciso que conservemos uma lembrança magnífica de nosso casamento. Êle agora ficaria ensombrado pela perspectiva de separação...

(Continua na pág. 43)



O HOMEM QUE DEIXOU A GLÓRIA PARA SER MENDIGO — Na foto à direita, o Papa Pio XII e o Bispo Fulton Sheen, que resolvendo servir mais humildemente a Deus abandonou o conforto de sua banca de trabalho para se transformar num esmoler, pedindo um óbulo para os pobres do mundo.

QUEM NAO TEM OLHOS LÊ COM OS DEDOS — Helen Keller, a escritora cega e surda quando lia o romance de um de seus escritores prediletos.

A Comédia Humana

A PROPÓSITO DE...

VIDAS EXTRAORDINÁRIAS

CARLOS A. NASCIMENTO

VIDAS EXTRAORDINARIAS foi o tema escolhido para o artigo dessa semana. As vidas extraordinárias que aqui relatamos são daquelas pessoas que, a despeito dos reveses que o destino lhes reservou, nunca se deixaram abater; nunca se deixaram dominar. Muitas delas, portadoras de defeitos físicos; privadas da visão ou da audição; mutiladas ou paralíticas, se destacaram de tal maneira nos vários ramos de atividade humana que se tornaram símbolos de uma força de vontade inquebrantável e que talvez, não fôsse o golpe cruel que o destino lhes reservara, seriam hoje medíocres criaturas "vegetando" nesse mundo de Deus. Mas,

não só portadores de defeitos físicos que se destacaram sobremaneira merecem as nossas homenagens. Também aqueles que deixando o conforto de seus lares; abandonando a glória e o dinheiro para viverem em comunhão mais íntima com seus semelhantes menos afortunados, merecem os nossos aplausos.

No mundo das artes, por exemplo, uma infinidade de nomes se destacaram e continuam se destacando sobremaneira; são homens e mulheres que trabalhando diariamente, criando o belo e transmitindo a seus semelhantes, se transformaram em verdadeiros gigantes do gênero humano. E o público, que em geral

A
l-
l,
e-
e
-
o

S
a
e

O

r-
o
s
o
o
-
l



Por incrível que pareça: artistas que pintam com os pés, maneta qu

ignora suas vidas particulares, quando vê um quadro numa exposição, uma peça num palco ou ouve a voz de uma cantora, mal pode imaginar o drama íntimo daquela criatura. Assim foi Sarah Bernhardt, a inesquecível atriz francesa que perdeu as pernas em consequência de um acidente ocorrido no Teatro Municipal do Rio e que continuou atuando com o mesmo brilhantismo nos palcos da Europa. Assim é Helen Keller, a escritora cega e surda. Assim é Jane Froman, que canta nos "nights clubs" norte-americanos sentada na sua cadeira de paralítica. Assim é Johnnie Ray, que não pode ouvir as canções que canta. Assim é Cole Porter, o compositor que perdeu as pernas em consequência de uma queda de cavalo. Assim é George Shearing, o regente cego. Assim é o galã de cinema Herbert Marshal, que atua diante das "cameras" com uma perna mecânica, além de uma infinidade de outros artistas tais como Doris Day, Kay Starr, Peggy Lee e Paul Muni, todos portadores de defeitos físicos e que nem por isso deixam de brilhar nas suas respectivas profissões.

... PARA QUE NUNCA LHES FALTEM SAPATOS

Num quarto miserável de um subúrbio de Jersey City (E.U.A.) foi encontrado o cadáver de um homem de aproximadamente 80 anos de idade. Seu nome era Conrad Canzen. Na busca realizada pela polícia foram encontrados, em seus bolsos, a importância equivalente a 8 cruzeiros e em sua conta bancária, 25 milhões. Pessoas que conheceram o ancião diziam ter sido ele um ator secundário que fazia pequenos papéis em teatros de subúrbio. Conrad ganhava muito pouco, pois nem sempre tinha trabalho. Para a sua alimentação dependia da caridade pública; andava sujo e com as roupas rasgadas; sua cama era um monte de jornais. O caso, quando foi noticiado pela imprensa, encheu de revolta a opinião pública; crônicas picantes foram escritas relatando a vida do velho usurário de Jersey City. Entretanto, o velho ator, que nunca ganhou o suficiente para seu sustento e que a

Nem só de cinema vivem as "estrelas" — A conhecida ballarina aquática Esther Williams quando ensinava uma menina cega a nadar. Esther mantém uma escola para crianças cegas onde passa parte de seus dias.



despeito disso chegou a juntar 25 milhões de cruzeiros durante mais de meio século em que trabalhou nos palcos norte-americanos, teve uma das vidas mais extraordinárias de que se tem notícia. No seu testamento, encontrado alguns dias após sua morte, dizia o seguinte: "deixo minha fortuna para os atores necessitados para que nunca lhes falem sapatos".

PEDINDO ESMOLAS PARA OS POBRES DO MUNDO

Depois de 25 anos de rádio, o Bispo Fulton J. Sheen despediu-se de seus ouvintes e se transformou num mendigo, num homem com uma latinha na mão pedindo para os pobres do mundo. Fulton Sheen, que há alguns anos esteve no Brasil é um dos escritores mais lidos do mundo, tendo obras traduzidas para oito idiomas. O Bispo Fulton, que era também um dos radialistas mais ouvidos dos EE.UU., recusou uma tentadora proposta de renovação de contrato com rádio e televisão, para viver em comunhão mais íntima com Deus.

A INFÂNCIA DE HELEN KELLER

A extraordinária infância de Helen Keller foi levada à cena na recentemente encerrada temporada teatral da Broadway. Helen Keller, que como se sabe é cega e surda desde os 18 meses de idade, foi biografada teatralmente na adaptação da obra de William Gibson. A peça, que agora está sendo apresentada pelo teatro de verão nos EE.UU., gira em torno dos esforços que teve Anna Sullivan (a preceptora de Helen) para dar à extraordinária escritora uma idéia da vida exterior, tirando-a do mundo das trevas e do silêncio em que vivia na sua dolorosa infância. O papel de Helen, quando criança, foi interpretado por uma menina de 8 anos. A peça em questão intitula-se "A Fazedora de Milagres".

Quem não tem mãos pinta com os pés — Na foto acima, o pintor Erich Macho quando executava uma de suas telas. Erich, que sofre de paralisia infantil desde os nove anos de idade, ganha a vida pintando quadros com os pés.



que escrevem com a boca...

PARA AUXILIAR AS CRIANÇAS POBRES O RADIALISTA FALOU 80 HORAS

Juan Manuel Wuiliard, locutor da estação XEMU, de Piedras Negras, México, desmaiou em pleno palco do auditório daquela estação quando atuava num programa caritativo de amparo às crianças pobres. Recolhido a um hospital, constatou-se que o jovem locutor havia perdido a voz e se encontrava no mais penoso estado de exaustão física e mental em consequência das 80 (oitenta) horas consecutivas que atuara diante do microfone. O programa de 80 horas era uma "radiotona", uma competição muito comum nos países do norte da América para a escolha do campeão de resistência vocal. As "radiotonas" estão sendo, agora, muito combatidas pelas autoridades e pelo público em geral desde o trágico acontecimento da estação de Piedras Negras. As crianças pobres daquela cidade mexicana, entretanto, ganharam 760 mil cruzeiros em donativos arrecadados por Juan Manuel.

ARRISCANDO A VIDA PARA AMPARAR OS DOENTES DE POLIOMIELITE

Numa campanha financeira para aquisição de fundos para a luta contra a paralisia infantil, o pianista norte-americano Jerry Ball tocou piano durante 10 horas ininterruptas numa plataforma suspensa a 35 metros de altura numa praça pública de Charlotte. E como se não bastasse, depois de 4 horas tocando seu instrumento nessa posição, Jerry mandou que se movimentasse um dispositivo a fim de que pudesse executar alguns números amarrado pelos pés, de cabeça para baixo, um pouco acima do teclado. Seu êxito (não só artístico como também financeiro), calcula-se pela quantia arrecadada: das 8 horas da manhã às 6 da tarde, Jerry arrecadou 10 milhões de cruzeiros.

CEGOS NUM CONCURSO LITERÁRIO

Um concurso literário para cegos foi recentemente organizado pela Jewish Braille Review, de Nova Iorque, que contou com a participação de 312 cegos de vários países do mundo. O vencedor do concurso foi o jovem canadense de 23 anos, W. Marshal, que teve seu trabalho publicado na referida revista Braille judaica. Após analisar detidamente os trabalhos, disse a conhecida escritora Pearl Buck: "Os cegos que participaram desse concurso não imitaram aqueles que vêem com os olhos físicos; cultivaram sua própria visão e interpretaram através de suas próprias experiências e emoções, a mente e o espírito dos seres humanos normais. Ao vencedor foi oferecido um prêmio de 500 dólares.

UM DRAMA NO DESERTO DA LÍBIA

Ser ator muitas vezes requer uma força de vontade extraordinária. Um desses casos típicos de dedicação profissional é o drama real que estão atravessando os componentes do filme britânico "Ice Gold in Alex", atualmente sendo filmado no deserto da Líbia. Todo o elenco e mais a equipe técnica estão sofrendo as vicissitudes de uma terra inóspita. Para começar, o elenco inteiro está sofrendo de desarranjos gástricos em consequência da repulsiva alimentação que lhe é oferecida. Além disto, uma epidemia de gripe apanhou a todos desprevenidos em consequência das incríveis oscilações de temperatura do deserto: uma hora faz calor escaldante para em seguida uma tempestade de areia cobrir a face do sol. A seguir, uma chuva torrencial destrói-lhes as barracas e inunda-lhes as camas. Geralmente, durante a noite, a temperatura desce abaixo de zero grau, não os deixando dormir com os colchões encharcados. E não é só. Durante o dia, um verdadeiro exército de escorpiões, lacrais e pequenas cobras venenosas passeiam ameaçadoramente pelo local onde estão "hospedados" os artistas. E vale assinalar que exemplos semelhantes de fibra já têm sido dados por outros artistas. Pouco antes do começo da filmagem de "Ice Gold in Alex", outra equipe estivera se "deliciando" com uma excursão ao deserto da Líbia para a filmagem de "No Time to Die". Dentre os atores que menos sofreram, Victor Mature foi o mais feliz: apanhou "apenas" uma febre tropical.



PAINTED POSTCARDS LTD.

Fine Art Reproductions of
Mouth and Foot Painting Artists

Directors:
N. SLOAN
H. H. MARSH, B.A.

9 INVERNESS PLACE LONDON W. 2

Telephone: PARK 7571

Dear Sir/Madam,

At a first glance you will find nothing unusual about our enclosed offer of Greeting Cards, except perhaps that they are most attractively produced and at 5/- for 6 cards and envelopes they compare favourably with any other cards.

However, this is not all and you will be interested to hear that the original paintings for these greeting cards have been done either by foot or with the mouth of handicapped artists, whose great skill and perseverance we wish to make known.

We hope you will like this series of cards which are suitable for many occasions. In case you are deciding to keep them, please send us a crossed postal order for 5/-. Should you however not be interested, please be kind enough to return the cards to us.

This is a commercial venture formed to distribute these cards and its success will provide employment for the disabled artists who paint the pictures.

Hoping we shall be favoured with your custom,
we remain,

Yours faithfully,

p.p. PAINTED POSTCARDS LTD.



C. F. Riet has lost the use of both arms, hands and feet. With amazing perseverance she has achieved great skill in creating water colours and oil paintings. Her accuracy, precision and speed, holding the pen in her mouth, and writing letters and signing them with a flourish, are quite incredible.

The original of this letter has been written with my mouth.

Corry F. Riet

When replying please state your full name and address and also the number on the inside of the card you wish to order.

UMA CARTA ESCRITA COM A BÔCA

A autora da façanha é a artista inglesa Corry F. Riet que, sem braços e sem pernas, realiza verdadeiros prodígios com a boca. Corry, que também é pintora, executa marinhas com rara sensibilidade. Miss Riet é órfã desde os primeiros meses de vida e nunca teve o conforto de um lar. Sua arte, porém, não somente lhe tem dado uma situação de segurança material como uma vida cheia de satisfações.

A guisa de orientação e no intuito de auxiliar os artistas incapazes, o autor do presente artigo toma a liberdade de transcrever a tradução da presente carta comercial.

"Prezado Sr./a.

A primeira vista V. S. nada encontrará de estranho em nosso oferecimento anexo de cartões sociais, exceto, talvez, o fato de que são belamente elaborados e a um preço (5 xelins 6 cartões e envelopes) inferior a qualquer outro cartão.

Mas isso não é só e V. S. se interessará em saber que as pinturas originais desses cartões postais foram feitos com os pés ou com a boca de artistas "handicap", cujo grande talento e perseverança desejamos tornar conhecidos.

Esperamos que V. S. goste dessa série de cartões que se presta para muitas ocasiões. Caso V. S. decida ficar com eles, queira enviar-nos uma ordem postal de 5 xelins. Porém, caso V. S. não esteja interessado tenha a bondade de devolver-nos os cartões.

Esta é uma organização comercial formada para distribuir esses cartões e seu êxito proporcionará emprego para os artistas incapacitados que pintam as telas. Esperando que sejamos favorecidos com sua preferência, permanecemos sinceramente vosso.

P/S. — O original desta carta foi escrito com a minha boca."

Corry F. Riet



Detentora de dois "Oscars", também Olivia de Havilland fixou (em 53) a marca de suas mãos no famoso "Chinese Theatre", de Hollywood. Hoje, em Paris, casada, vive apenas para o lar.

Através do famoso cabeleireiro Alexandre, nosso repórter entrevista, em Paris, a grande atriz Olivia de Havilland.



— TENHO DUPLO prazer em conhecê-lo: primeiro, por ser jornalista (meu marido é seu colega) e segundo por ser brasileiro.

Foram estas as primeiras palavras que ouvi de Olivia de Havilland, no encontro que tivemos em Paris a semana passada — encontro conseguido através de Alexandre, o famoso cabeleireiro das grandes personalidades.

Sempre achei que o contato era essencial para o jornalista conseguir “furos”. Ao terminar meu curso de “Public Relations”, em Nova Iorque, este pensamento era uma regra de ação, da qual jamais me afastaria. Assim pensando e assim agindo nas grandes cidades aplico, impreterivelmente, este critério e tenho me dado muito bem. O meu contato em Paris com as grandes personalidades, que são notícias, é, justamente, o cabeleireiro mais famoso do mundo. Não exagero, digo simplesmente a verdade: rainhas, artistas de cinema, espôsas de Ministros e de milionários vêm à Paris para fazer seus “ricos cabelos” com Alexandre, o penteador da Duquesa de Windsor e da rainha da Grécia. Pois bem, este homem, depois de me ser apresentado, ficou meu amigo a ponto de telefonar, quase todos os dias, avisando de seu trabalho junto às personalidades possíveis de serem entrevistadas.

Por seu intermédio, palestrei demoradamente com Olivia de Havilland, esta última objeto da presente reportagem. Posteriormente, publicarei as outras entrevistas.

O DOCE SORRISO DE MELANIE

A consagrada atriz de “...E o vento levou” e “Cova das Serpentes”, duplamente laureada com o famoso “Oscar” da Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood, está vivendo em Paris há mais de quatro meses. Casou-se com o jornalista francês Pierre Galante, Secretário Geral do “Paris Match”. Presentemente, está afastada do cinema. Vive para o lar, cuidando dos filhos e lendo muito. Adora a literatura francesa e a conhece profundamente. Amante da música clássica, prefere os compositores russos.

Quando indaguei quais os seus melhores filmes, a resposta veio pronta:

— “Proud Rebel”, “A Herdeira” e “A Cova das Serpentes”.

Admirado, perguntei:

— E “...E o vento levou”?

— Para mim não é dos melhores.

Mal sabia Olivia de Havilland a sensação de doçura e sublimidade que o seu sorriso, no papel de Melanie, provocara na alma do repórter que a estava entrevistando, justamente oito anos depois de ter visto o filme pela terceira vez, numa longínqua cidade do sul da Argentina...

A conversa prosseguia em inglês, pois o meu francês é apenas de quatro semanas. Fiquei sabendo que Hollywood acaba de oferecer-lhe o principal papel em dois filmes. Olivia afirma que apenas os aceitará se os “scripts” forem bons e de seu inteiro agrado. Quando uma artista chega a este ponto, é porque já ultrapassou as raíças da glória e da fama...

— O meu último filme foi realizado o ano passado e seu nome em inglês é “Proud Rebel”.

Suponho que tal filme não tenha passado no Brasil. Por esta razão e, também, por serem as traduções de títulos de filmes as mais extravagantes, não sei qual o nome que vai ter em meu país.

O que mais chamou minha atenção neste primeiro encontro com Olivia de Havilland, foi a simplicidade da bela artista — tão bela na tela como em pessoa. Conversou com a maior naturalidade. Deu autógrafos, dedicatórias. No final da conversa, solicitou-me algumas publicações a respeito do Brasil, pois é seu desejo passar um carnaval no Rio de Janeiro. Prometi, incontinenti, oferecer todas as publicações existentes no Escritório Comercial. Foi quando surgiu o convite para jantar com ela e seu marido, na semana seguinte. A sensação foi maior, pois jantar com Olivia de Havilland e Pierre Galante em sua residência é algo não muito comum.

— O senhor gosta de quadros? Tenho uma coleção razoável. No dia que o senhor fôr jantar conosco, poderá observá-los.

Felizmente a Deusa das artes está me favorecendo na “Cidade Luz”. As oportunidades surgidas em Exposições, Museus e residências têm mostrado um pouco do mundo da pintura e ensinado a este repórter o esplendor da mais sublime arte. Apresentando as despedidas fiquei aguardando o próximo “jeudi, jour 31”, para conhecer melhor aquela que é tão conhecida no mundo inteiro.



Um terno sorriso que nos recorda Melanie

ENCONTRO (EM PARIS) COM OLIVIA

HERMENEGILDO DE SA CAVALCANTE
(Especial para a “Revista da Semana”)



As ruas de Recife saudaram com faixas comemorativas os grupos participantes. Ao alto, alunos do Teatro Duse numa aula ao ar livre sobre "Representação da Tragédia Grega".

MOCIDADE SEM LAMBRETAS

ESTUDANTES DE TODO O BRASIL SE REÜNEM
EM RECIFE PARA UM FESTIVAL DE TEATRO

HUGO SÉRGIO KOATZ





"Teatro Cômico", de Goldoni, interpretado pela Escola de Arte Dramática de S. Paulo. Olga Navarro ganhou com este espetáculo o prêmio de melhor diretor profissional.

NO MOMENTO EM que chega ao apogeu o problema da juventude transviada, levantando ondas de protesto em todo o país, acendendo debates preparatórios para reformas educacionais, cerca de 500 moços na cidade do Recife acabam de dar uma resposta viva às preocupações brasileiras. Não por palavras e manifestos — respondendo à palavras e manifestos — mas por atos (atores e atrizes que são) na pureza do seu aprendizado e amorismo. Estes jovens participaram do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, promoção deste grande batalhador que é Paschoal Carlos Magno, e que congregou representantes de todos os cantos do Brasil.

Se fôsse possível um confronto, os bélicos cafagestes do lambretismo e da "curra" ficariam envergonhados de si mesmos ao ver tanta alegria, coragem, bom humor, vitalidade e amor ao trabalho reunidos. Foi realmente pena que não tivessem enviado um embaixador para assistir à esta grande festa de 15 dias que irmanou os estudantes numa verdadeira confraternização (não cremos jamais ter empregado melhor esta palavra) e que os uniu pela amizade, pelo namôro, pelo respeito e aplauso ao trabalho alheio.

Se os senhores assistentes sociais criassem estágios para os seus transviados em ambientes semelhantes, talvez as coisas não andassem em ritmo de alteração do Código Penal, com projetos para criação de uma lei criminosa.

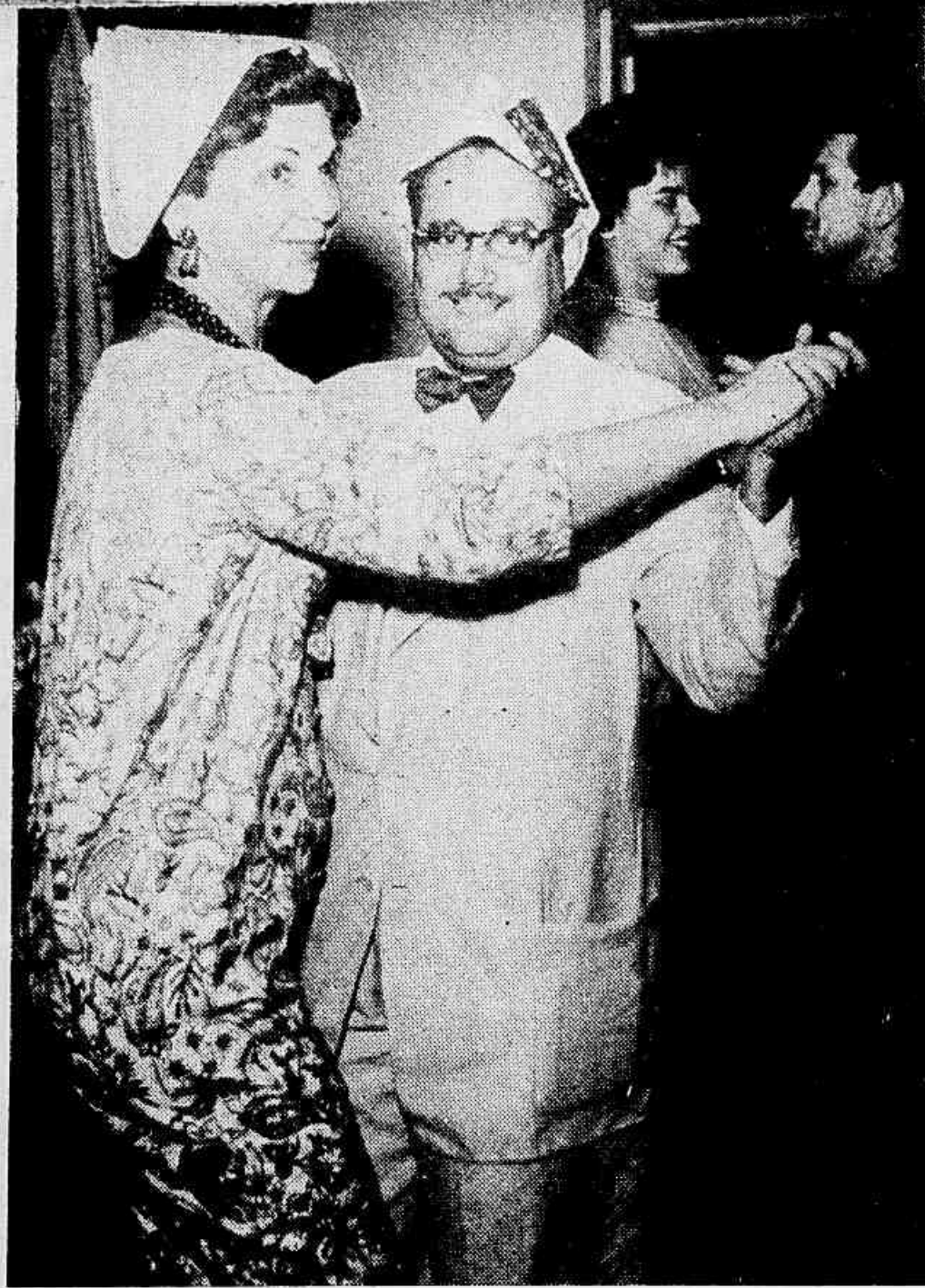
Recife, que foi uma sede condigna deste Festival, por estas horas deve estar a sentir saudades da agitação que a invadiu durante julho. A recepção foi calorosa: o povo e as autoridades distribuíram faixas de boas vindas pelas ruas da cidade, ocupando lugares estratégicos em plena campanha eleitoral. O festival contou ainda com o apoio da Universidade do Recife, oferecendo aco-

modações e prêmios, com o entusiasmo da imprensa pernambucana, abrindo manchetes sobre o acontecimento, com a dedicação dos elementos do Teatro de Amadores de Pernambuco e da crítica local. Não faltou também a beleza altamente estimulante de Sônia Maria, Miss Pernambuco, acompanhando e incentivando o Festival bem de perto, a ponto de não se saber quem ficara mais fã — se o conjunto estudantil dela ou se ela dos estudantes.

A cidade do Recife foi acostumando no seu regaço os jovens de flâmula ao peito que em troca da generosa hospitalidade ofereciam um ardoroso teatro. O recifense não se esquecerá tão cedo da ruidosa caravana que partia todos os dias do Derby em direção ao Teatro Sta. Isabel, cantando a plenos pulmões o "Era uma vez uma barquinha pequenina", o hino que os próprios estudantes instituíram e que daqui por diante deverá acompanhar o Festival nos anos futuros.

Nenhuma ocasião de fazer farra era perdida, porque de um modo geral eles não tinham muito tempo para passeio e diversão. A folga era constituída pelos intervalos entre os espetáculos e os ensaios, e a maioria aproveitava este espaço de tempo descansando, pois o trabalho que tinham pela frente não era nenhum "refrêsc". Chegaram a ficar legendários os ensaios do pessoal do Teatro Duse. Dizia-se que não comiam nem dormiam, só ensaiavam e mais nada. Em relação aos outros grupos as notícias não eram muito diferentes.

Após os espetáculos noturnos, quando iam aos bailes oferecidos pelos maiores clubes da cidade, a rapaziada desforrava-se, livre da faina da leitura de peças, da preparação dos cenários e das roupagens, caindo invariavelmente num frevo cem por cento pernambucano.



Os júris simulados de "Hamlet" e de "Otelo" as grandes atrações do Festival.

O "Baile dos Personagens", fecho do Festival, realizado na residência dos Professores Tereza e Enrique Martinez, em Olinda. Na foto à direita Luísa Barreto Leite, num curioso flagrante do baile.

Os críticos teatrais terão na certa várias restrições a fazer em relação aos espetáculos apresentados, mesmo observando-os com a boa vontade que as condições exigem. Mas seria injusto afirmar que o Festival foi artisticamente mau. O material humano, pelo menos, foi sempre de primeira ordem. Os recursos cênicos e a tarimba dos grupos do Sul sobrepujam-se aos do Centro e Norte, mas estes chegaram a apresentar revelações surpreendentes. O ator premiado, por exemplo, foi Carlos Miranda (Norte Escola Teatro do Pará) pela sua grande atuação na igualmente premiada "Vida e morte severina", de João Cabral de Melo Neto. O sucesso da adaptação deste memorável poema sobre a tragédia do retirante nordestino foi tamanho, que se fez necessária uma representação.

Os grupos vencedores de Centro e Sul foram respectivamente o Teatro Rural do Estudante ("Zé do Pato") e o Teatro Universitário de Porto Alegre ("O macaco da vizinha" e "A cantora careca"). A atuação deste último grupo merece uma citação especial pelo arrôjo com que encenaram suas duas peças, principalmente "A cantora careca", de Ionesco, com uma direção perfeita de um elenco inspiradíssimo e homogêneo de tal forma que impediu que alguns de seus elementos se destacassem a ponto de obter os prêmios individuais.

O Festival apresentou ainda três grandes atrações extras: os júris simulados de Hamlet (Sérgio Cardoso) e Otelo (Paulo Autran) e a "Ceia dos Personagens", realizada num solar de Olinda com os participantes do Festival à caráter.

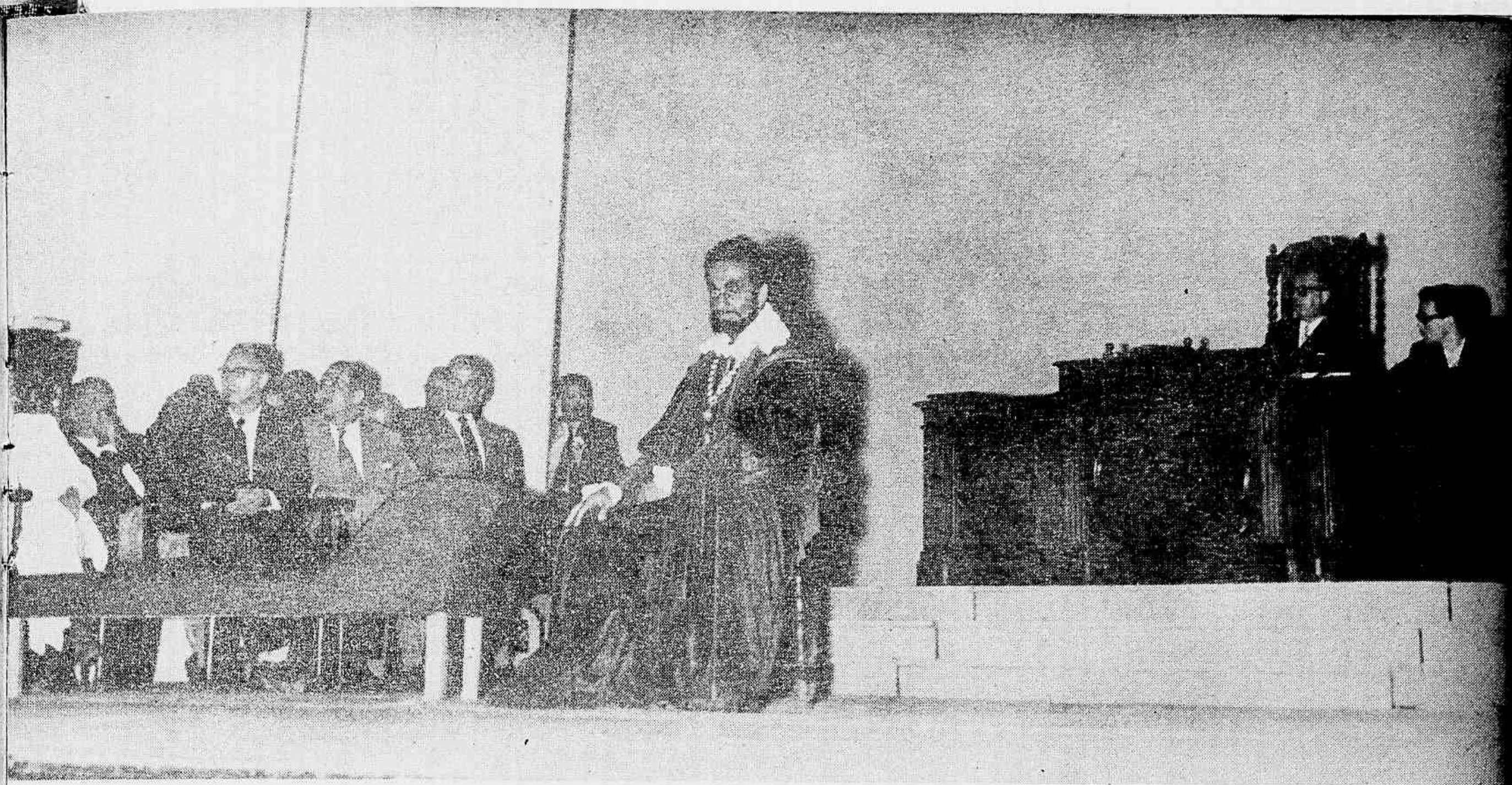
Estes acontecimentos, usuais na Europa, não têm precedentes nos anais da cultura brasileira. Nos julgamentos, o interesse despertado junto ao público foi extraordinário, fazendo com que o belo — e hoje tão amado pelos estudantes — Teatro Sta. Isabel, abrigasse uma multidão ansiosa por conhecer a sorte do príncipe dinamarquês e do mouro de Veneza diante de um Tribunal moderno. Condenados ou absolvidos nesta regressão à imaginários foros de trezentos anos atrás? Hamlet foi acusado por Araújo Lima e defendido por Evandro Lins. O julgamento de Otelo contou com uma movimentação toda especial pelo duelo de espírito e argúcia jurídica travado entre o promotor Evaristo de Moraes Filho e o defensor Roque de Brito Alves. O acusador baseou-se na personalidade psicopática de Otelo para pedir sua condenação, apresentando uma minuciosa exegese dos arroubos do ciúme doen-

tio do réu. Roque de Brito Alves, confessando ter estudado a legislação contemporânea ao personagem de Shakespeare, fez a defesa de acordo com o Código brasileiro de 1940, para seguir o colega que assim procedera, e apenas por este fato declarou-se favorecido, já que se o promotor tivesse provado a demência do seu constituinte a este não caberia pena maior que a medida de segurança, à luz do Código atual. E, com verve e cerrada exposição, conseguiu que Otelo fosse finalmente absolvido.

"A Ceia dos personagens" marcou o encerramento do programa do Festival, introduzindo na colonial Olinda uma romaria histórica. As velhas calçadas das velhas ladeiras foram pisadas por figuras transportadas por ventos de misteriosos recantos. Cristóvão Colombo, a beata Maria do Egito, a rainha Isabel de Espanha, José do Patrocínio, o Mágico de Oz e outros convidados penetraram na cidade da Sé, do Convento de São Francisco, das bicas mais formosas do Brasil, em direção a um solar que os iria acolher com toda a pompa. A legião imensa de personagens foi se servindo de sarapatel e doce de côco, mas com o transcorrer da festa voltam a ser mais estudantes que personagens, para que divertissem com toda a informalidade que caracteriza a classe. Era o último dia que passavam todos reunidos. Na manhã seguinte as demais delegações já partiriam e as primeiras lágrimas de saudade começavam a nascer.

Este I Festival foi um completo êxito em suas linhas essenciais. A promessa do II, que será provavelmente em Porto Alegre, já representa um incentivo à todos os estudantes que se dedicam aos problemas do teatro. Eles já podem confiar na utilidade de seus esforços pois passaram a existir empreendimentos que os amparam e animam. Os que foram premiados com bolsas de estudos e excursões em companhias profissionais verão horizontes mais largos abrirem-se diante de seus olhos. Os outros continuarão a lutar, a trabalhar, novos grupos irão surgindo, os antigos aumentarão seus recursos. O movimento estará formado.

Uma coisa é certa: esta gente bem merece tudo isto porque lhes sobra idealismo e espírito coletivo. Nêles mora a grandeza dos que provam com fibra os bons e maus resultados, dos que tornam sagrado o próprio trabalho. E principalmente dos que sabem ser gratos, como eles o foram ao Festival e Recife, como o proclamaram em juramento no dia 29 de julho de 1958, encerramento do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes.



O julgamento de Otelo (Paulo Autran) vendo-se, ao fundo, o júri presidido pelo desembargador Evandro Netto. Em baixo, um dos maiores sucessos — "Vida e morte severina", de João Cabral de Melo Neto, pelo Norte Teatro Escola do Pará. Carlos Miranda (Severino) foi eleito o melhor ator universitário.



A MULHER DE PESTANAS

DE SOL

HELENA SILVEIRA

ERA MUITO PEQUENA e estava sentada numa almofada azul. O pescocinho subia-lhe tal haste de flor, sustentando o rosto inseguro e alvo. Tirava de um ponto qualquer do espaço uma grande alegria. Diz o povo que quando um bebê ri, assim sozinho, é que está conversando com os anjos. Entretanto, a Avó olhou-a e disse:

— “Que é que esta menina tem nos olhos?”

A mãe ergue os ombros tranqüilos, naquele jeito que a fraqueza do recente parto tornava um pouco pasmado:

— “Não tem nada. Que é que haveria de ter? Está com os olhos como sempre...”

Mas a Avó semblava obstinada: — não havia nada estranho dentro dos olhos, era fora deles que havia.

— “Pois a senhora ainda não viu que o bebê tem pestanas louras?”

A Avó achou graça; pestanas louras, ora vejam só! Por quem é que a menina foi puxar?

Isso não sabemos. Só sabemos que as pestanas louras, desde cedo, lhe envenenaram a vida, tirando-lhe o gosto das coisas. A irmã possuía pestanas reviradas, negras e longas, e quando baixava as pálpebras elas forravam a base dos olhos de um tapetinho de sombra azulada. Era freqüentemente como se os olhos da irmã estivessem grifados para que se prestasse atenção nêles. E todos a olhavam e todos diziam: — que bonita!

A ela ninguém olhava ou se olhava era para reparar naqueles olhos esquisitos — que é que tinham êles? Pareciam sempre assustados... Não é que a menina não tem pestanas? Ela explicava, como a se defender que tinha sim, apenas elas eram louras, não se podia ver bem...







“- Não é que a menina não tem
que tinha, sim, apenas eram

— “É uma pena, não? A pele do rosto é tão fresca, tão bonita! Mas os olhos assim parecem de estrangeira!”

Isso lhe doía muito: parecer estrangeira! Andou desde a infância à adolescência, a amar seu país. Chorava de amor por êle, quando os lençóis lhe pareciam bonançosos e o quarto se enchia de claridades doces e dançantes e ela pensava nas terras em que havia neve e gelo e as criaturas morriam de pobreza, descuidadas e fatais. As lágrimas inundavam-lhe o travesseiro: um país tão bom êsse nosso! Não têm frio, não têm fome... O pai, sendo ela muito pequena, pusera-a ao colo, cantara-lhe a Canção do Soldado, o Hino Nacional, o Hino à Bandeira. E falara-lhe na guerra do Paraguai. Ela imaginava aquêles brasileiros morrendo... Vi um soldado bonito e moreno, segurando o coração varado. Era tão bom e tão nobre! Morria longe da casa branca de janelas azuis, onde a mãe morava. E sempre que pensava no Brasil via o soldado e, ao lhe lamentarem as pestanas louras, ela se distanciava do patricio moreno e triste.

Meninota já, às vezes, se levantava da cama, caminhava até o espelho, acendia uma lâmpada frouxa que punha halos nas coisas. Seu rosto florescia à tona do cristal com os lavados olhos sem esconderijos de sombras, olhos em demasia saudáveis, abertos para a luz. A irmã escondia pensamentos em suas pestanas longas. Quando as baixava, podia muito bem sofrer de amor. Ela... Como ia sofrer de amor uma menina de olhos devassados para todos, tal uma casa sem cortinas onde a claridade penetra violentamente sem deixar um cantinho de sombra? Por mais que pusesse roupas coloridas parecia sempre vestida de branco, pronta para entrar numa enfermaria, verificar a temperatura dos doentes inclinando brandamente a testa: — sim, evidentemente, amanhã o senhor estará melhor... Sugeriu “nurses” pingando remédio em cânulos de vidro num copo d’água clara, e criaturas muito limpas, recém-saídas do banho matinal. Era matinal mesmo a noite. Mesmo de vestido de cerimônia era enfermeira. E não havia suntuosidade que sobre ela permanecesse.

Um dia ouviu uma visita dizer à mãe, mexendo a colherinha de chá:

— “Você não teve uma bisavó austríaca?” — E deitava-lhe compreensivo olhar que lhe perdoava os olhos. A mãe cortou uma fatia de bôlo, serviu-a à senhora sentada à cabeceira e, enquanto fazia êsses movimentos, punha o rosto no ar, tal se esperasse sentir aragens que viessem de muito longe, do outro lado do oceano, talvez... Parecia-lhe aguçada e fina e astuciosa:

— “Avô austríaca? Sim, precisamente uma terceira avó, ou melhor, uma quarta avó... É isto, uma quarta avó. Como vê, sangue muito diluído”.

A menina olhou para as veias azuis dos braços e das pernas. Pensou numa princesa austríaca. Viu-a de vestido decotado a se abanar com um leque de varêtas de ouro, contra um reposteiro de cetim azul. E disse a si própria: tenho pestanas de Sol! —

Começou, então, a racionalizar os olhos. Êles lhe doíam no fundo do coração e ela racionalizava: eram olhos de fidalga, de mulher que fita com “lorgnon” que nem precisa ser bonita, pois tem impertinência e aristocracia. Tomou o jeito de olhar alteando a cabeça, inclinando-a, depois, um pouco, para o lado esquerdo. Fez isso até o dia em que o Pai a repreendeu à hora do almoço:

— “Deixe êsse sestro!”

Com o tempo as pestanas se lhe adensavam sem, contudo, mudarem de côr. Tornaram-se espessas, de um loiro tocado para o ruivo. Era como se os olhos lhe morassem entre brumas varadas de sol. Os cabelos lindos compensavam-na um pouco. Diante do espelho, começou a achar-se graciosa. Excluía os olhos. Às vezes, perdoava-os, explicava-os, como se os pusesse entre parêntesis.

Um dia caiu-lhe a vista numa caixinha de cosmético. Passou uma escôva pequena numa substância negra e a foi levando aos olhos, num ritmo ansioso. Quando terminou, quedou-se a olhar, embevecida: estava bela, de uma forma insólita e cheia de preságios. Desde então não mais deixou de colorir os cílios. Certo dia, entrou, como “demoiselle d’honneur”, numa igreja, acompanhando a irmã que se casava. Apertava um buquê de flores contra os seios pequenos e sabia que, em baixo do grande chapéu de palha seu rosto se debruava de uma luz de nácar. Foi então, que viu na nave apinhada o rapaz moreno e triste, fitando-a, mesmo, como se tivesse o coração varado. Lembranças perdidas no tempo tumultuaram-na. E ela amou.

Todos a achavam mais bonita. Diziam: — Pois não é que aquela menina tão insôssa está embelezando? Pode ser que fique até mais bonita que a irmã! — Vaga sensação de fraude a assaltava pelas manhãs quando ficava no leito, pensando no namorado. Mas tudo por aquela época parecia correr muito depressa, encaminhar-se para as suas bodas com o moço moreno, na suntuosidade matinal da igreja. Conscienciosamente, continuava a enegrecer os cílios mas toda ela foi adquirindo o jeito de quem esconde um segredo. Tornou-se assustadiça, de movimentos um tantinho fatais. Achavam-na exagerada, dramática, um pouco fora de moda. Casou-se também. Foi morar com o marido moreno e triste numa casa rodeada de largos terraços, coberto o pórtico de uma hera ruiva que, quando o inverno chegava ficava fuliginosa e gasta. Ela esperava o espôso à tardinha, com a consciência cruciante de que seus cílios, sob o cosmético, inda continuavam como fios de sol. O homem estava longe, mal tinha transposto o portão e atravessado as aléias e ela já estendia as mãos para êle, afoita e insegura tal um cego. A todo momento julgava o marido que era como se ela estivesse mudamente pedindo perdão de alguma coisa, ungida de humildade. Aquilo começou a aborrecê-lo e, diante de suas reações de desgosto, ela se anulava mais, apagando-se como que a pedir escusas de existir, de vê-lo, de tocá-lo, de amá-lo. Não conseguiu nunca ter espírito, sorrir como as outras moças, ser natural e alegre. Arrastava uma aura de fatalidade com aquelas pestanas que eram, agora, bastas e negras para todos,

em
am
pestanas ?" E ela explicava
louras, não se podia ver...

mas prosseguiram em sua alma descoloridas e feias. Os filhos vieram, não se apegaram à criatura triste e tímida que, a eles, também, pedia silenciosas desculpas ao lhes consertar as roupas, ao lhes oferecer os brinquedos de que cedo se fartavam. Adquiriram o hábito de gritar com ela, de dar ordens. Tornaram-se logo como homens pequenos, repugnantes e mandões.

Aquêle constante pensamento na fraude das pestanas foi esmaecendo aos poucos, perdeu a intensidade e por fim como que lhe morreu até na lembrança. Mas, extinguindo-se do consciente, ficou tal uma aura difusa, morando onde ela morava, acompanhando-a onde ia. Tornou-se num impreciso sentimento de culpa que a aniquilava, que lhe fazia em dadas ocasiões as palavras morrerem na bôca sem alento de pronúncia. E cada vez ficava mais silenciosa. O marido cansou-se daquela espécie de compensação que ela lhe queria dar a todo momento e a fazia demasiado humilde, freqüentemente com certo impudor, até. Traiu-a, primeiro com precaução. Depois habituou-se às noitadas de prazer. Quando chegava em casa, pela madrugada, e se enfiava sob o lençol, era a vítima que lhe pedia silenciosamente perdão com uns inexplicáveis olhos dilatados.

A vida prosseguiu, com a contínua premonição mortificadora para a mulher de que o destino ia puni-la de alguma forma. Não sentiu a mocidade ir-se embora. Não sentiu o desapêgo dos filhos e do marido. Parecia-lhe justo que todos fôssem com ela dêsse modo. Quando percebeu que trazia em si uma doença mortal, ganhou um pouco de tranqüilidade. Sentiu-se como quem houvesse merecido uma trégua de sofrimento. Chegou até a tornar-se um pouquinho alegre, a ter insuspeitas fantasias:

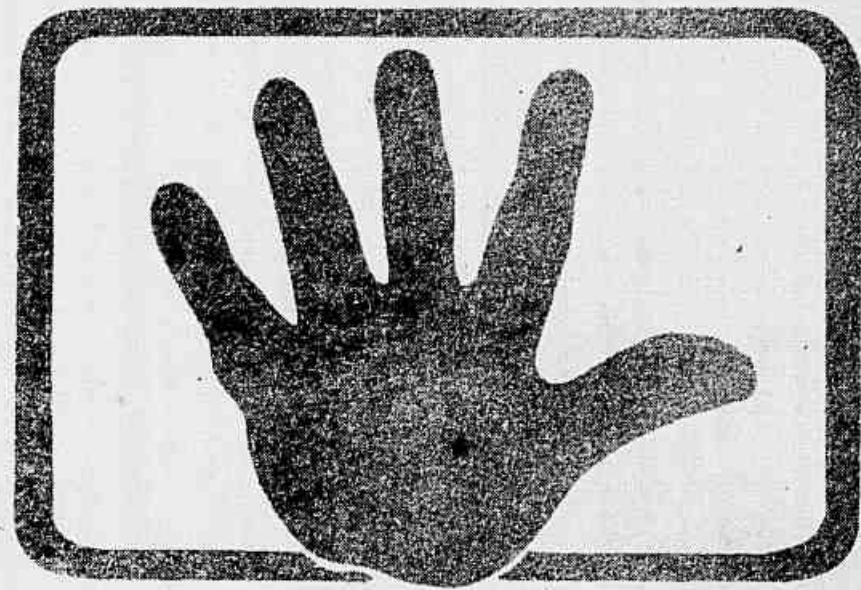
— "Você quer trazer umas rosas vermelhas hoje, da cidade?"

O marido e os filhos, conhecedores de seu estado, cercavam-na, inquietos. Ela imaginava a casa sem empregados, depois de sua partida, as roupas por cuidar, eles sem saber o lugar dos objetos, mal nutridos e infelizes. Era como que um último engôdo que lhes preparava. Então, como o tempo que lhe restasse fôsse pouco e muito fôsse o que lhe devesse ser perdoado, perdeu por completo o ânimo e as forças. Estas se concentraram nas mãos que se abriam e fechavam num gesto contínuo de quem pede desculpas. Foi-se apagando, ao fundo da cama, abrindo e fechando as mãos, sobre as cobertas.

Nos últimos instantes, entre períodos de perda da consciência e melhoras sem esperanças, o marido cuidou que aquêle gesto exaustivamente repetido fôsse um apêlo. Aproximou-se, a garganta travada, inclinou-se sobre ela.

— "Você não sabe que eu tinha... (falava, muito cansada, no passado) que eu tinha pestanas como fios de sol... Elas me ficavam mal... eu as tingia... Entretanto (teve um pequeno riso astucioso e triste) vocês nunca perceberam!" — Não falou mais porque recomeçaram as dispnéias.

Mas o espôso julgou que aquilo fôsse delírio...



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dêr qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON N.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON N.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150,00

APRENDA A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

Viagem à lua:

Tio Sam prepara as malas



OPERAÇÃO LUA — "Passageiros ocupem os seus lugares".



ROUPA PRESSURIZADA — Evita gravidade

Viagem à lua uma realidade: Julio Verne superado



GUARNIÇÃO PROVÁVEL

Se o foguete fôr, êstes irão.

OS ESTADOS UNIDOS vão enviar um foguete de três seções à Lua a fim de colher informações através de instrumentos científicos para preparar uma próxima viagem humana àquele satélite. Nesse particular, o governo americano já resolveu uma série de problemas técnicos, tendo inclusive instalado um Centro de Pesquisas Bioastronáuticas (a palavra é nova, evidente) na Califórnia.

REVISTA DA SEMANA, em reportagem fotográfica especial, pode apresentar hoje alguns aspectos e dados inéditos a propósito da "Operação Lua", cuja primeira parte (lançamento de um foguete não-tripulado), segundo anunciam os cientistas do Cabo Cañaveral, terá lugar ainda êste mês.

No aludido Centro de Pesquisas, mantido pela Força Aérea dos USA, trabalham cerca de oito mil pessoas, distribuídas por duzentos edifícios. A maioria dos estudos é efetuado no Laboratório Médico do Ar (Aero Medical Laboratory), uma das doze principais instalações no gênero existentes na organização. Delas depende o lançamento do foguete com que Tio Sam espera levar a palma aos russos dando início às viagens interplanetárias.

Observação: o foguete inicial girará em torno do globo terrestre em órbitas cada vez mais largas, até ser atraído pela força gravitatória da Lua, podendo então cair em sua superfície ou revolver numa órbita em torno dela.

FAZENDO AS MALAS

Uma das experiências mais curiosas realizadas no centro é a que visa a ambientar o ser humano às peripécias da viagem planejada. O dr. Edwin G. Vail, candidato à viagem lunar, dentro de roupa pressurizada mantém-se de pé, algumas horas por dia, sobre uma plataforma suportada pelo ar acondicionado. Em virtude da fricção quase nula, a plataforma proporciona a sensação da falta de peso em uma dimensão.

O dr. Vail (vide foto) maneja os controles à sua direita, sofrendo a sensação da ausência da gravidade. A roupa utilizada chama-se "XMC-2".

ITENS PARA ANOTAR

Eis alguns dos itens constantes dos testes a cargo do Centro da Força Aérea:

1 — Há, no Centro, cinco cabines onde os futuros tripulantes de naves espaciais são submetidos a observações. Escadas exteriores de madeira permitem aos observadores acompanharem, pessoalmente ou pela televisão, as reações dos "tripulantes". Existe ali completo equipamento de gravação, que registra as reações psicológicas e psíquicas dos que são submetidos aos testes.

2 — O estudo da resistência humana ao processo de aceleração necessário para colocar um homem no espaço é feito por meio de aparelhos centrífugos, instalados no laboratório do Centro Wright. O dr. Edwing G. Vail, usando equipamento pressurizado, submete-se a êsses testes pelo menos duas vezes por dia.

3 — Em compartimento especialmente construído à prova (absoluta) de som e claridade, examinam-se as reações psicológicas dos tripulantes das futuras naves interplanetárias, os quais terão que, em viagens espaciais, submeter-se a condições de isolamento nunca antes experimentadas pelo homem. Os voluntários permanecem, em média, 44 horas em tais observações.

4 — "Voando para Lugar Nenhum" — é o nome da exigência a que se submetem voluntariamente cinco membros da Força Aérea dos Estados Unidos. Entram em cabines onde as condições de vôo em naves espaciais são simuladas em todos os seus detalhes. E na cabeça dos "tripulantes" colocam-se esparadrapos para fixar os eletrodos que registram as suas reações psicológicas durante a missão.

SATÉLITES NO PLANO

Por sinal, os Estados Unidos projetam realizar ao todo cinco estudos da Lua através de satélites equipados com instrumentos. Esse projeto foi explicado pelo sr. Roy O. Johnson, diretor da Organização de Investigação Avançada do Departamento da Defesa, ao prestar depoimento no Comitê de Verbas do Senado. Naquela ocasião, Johnson afirmou que o Departamento da Defesa também "espera lançar um satélite tripulado."

(Por sua vez, funcionários do Departamento da Defesa informaram ao Comitê que as forças armadas e a Comissão de Energia Atômica estão trabalhando em conjunto na construção de um avião de propulsão atômica).

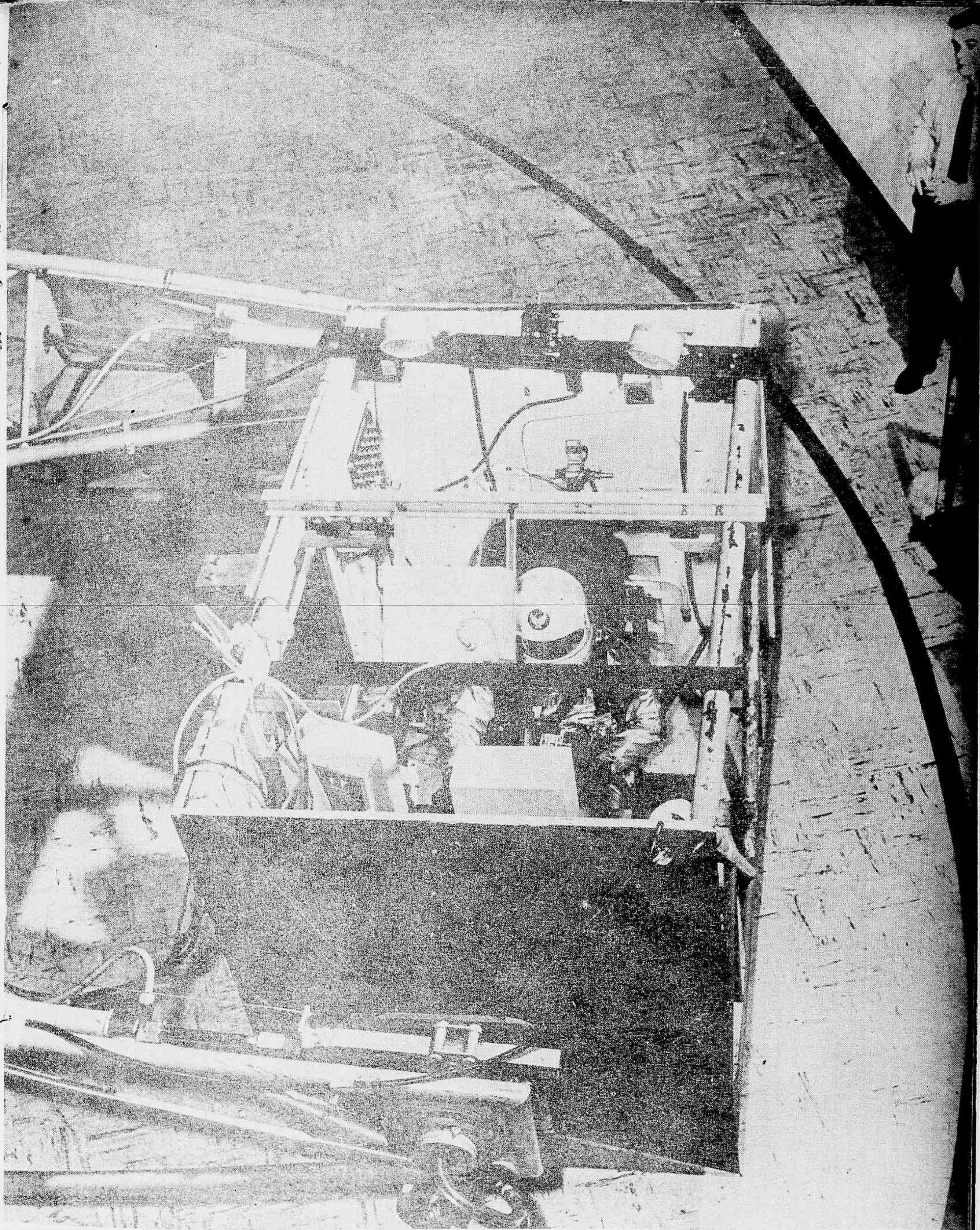
"COLOCAR O HOMEM NO ESPAÇO"

Referindo-se aos ensaios relacionados com a Lua e a outras experiências com os satélites artificiais, o almirante Buarke declarou ao Comitê: "Demos ordem aos laboratórios militares para realizarem cinco investigações relacionadas com a Lua e uma experiência com os raios cósmicos. As tarefas entregues a estabelecimentos militares, tais como o Serviço Naval de Investigações e a Diretoria de Investigação e Fomento Aéreo, carecem de estudos em diversos terrenos. Ordenamos estudos destinados a aumentar o número de estações de telemetria do país, a fim de se seguir o curso dos satélites. Também serão realizados estudos em vários outros campos que parecem promissores. Consideramos igualmente diversas atividades que objetivam colocar um homem no espaço e estamos trabalhando num projeto conjunto que aproveitará os numerosos programas ora em andamento."

USA VERSUS URSS

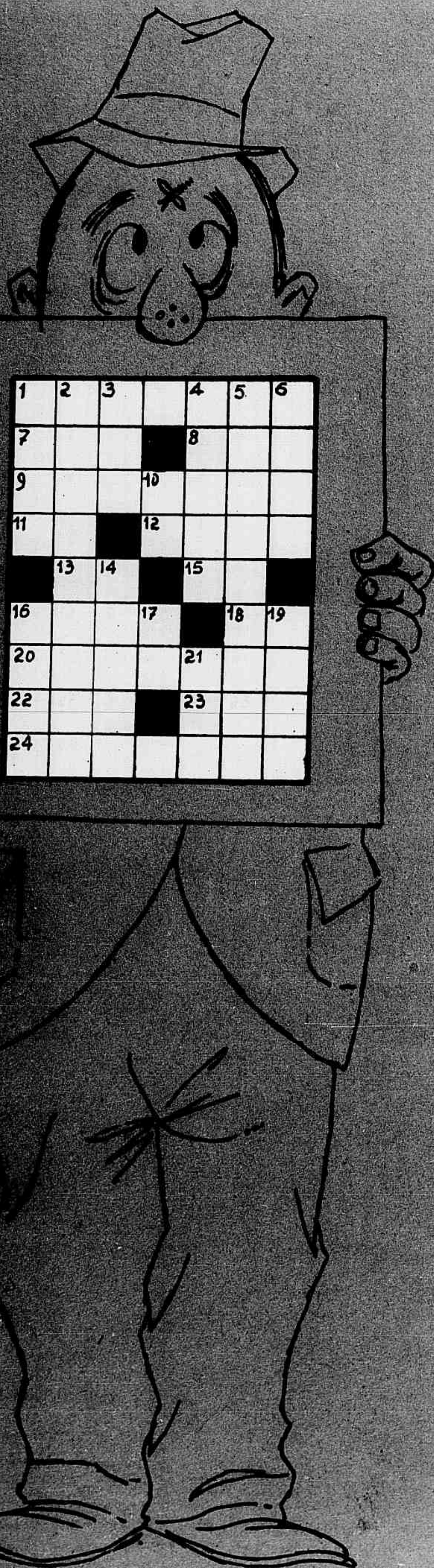
Tendo a Rússia, de seu lado, anunciado que "os soviéticos pretendem atingir a Lua antes do fim do ano", tudo indica que estamos a pique de ingressar no terreno da competição científica pela conquista da Lua.

Júlio Verne, dentro em pouco, ficará superado.



TRIPULANTE E INSTRUMENTOS

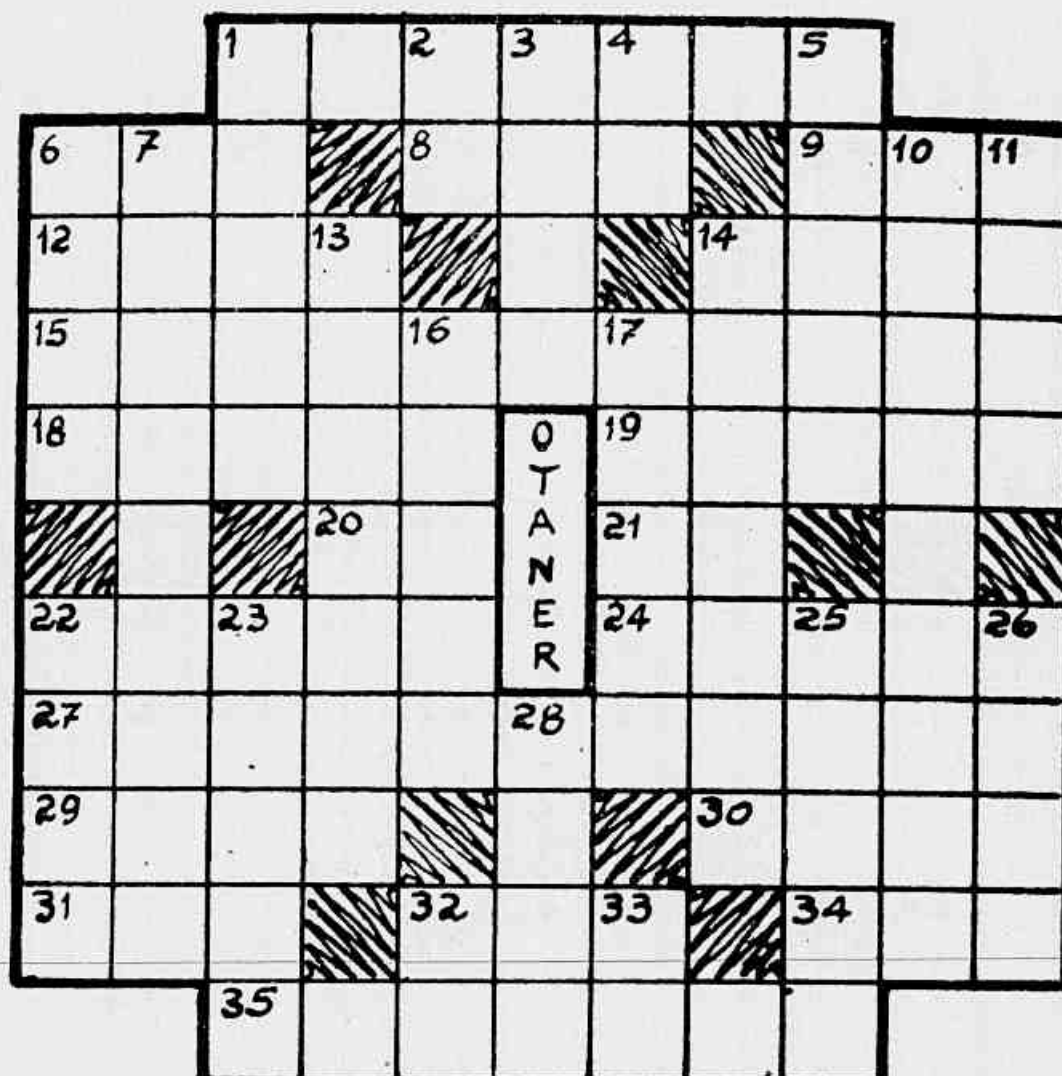
O perigo é menor do que viajar em lotação.



PROBLEMA N.º 46 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Gradeara com arame — 7. Chefe etíope — 8. Uma centena — 9. Em que há unanimidade — 11. Grito de dor — 12. Pedra-ume (pl.) — 13. Quarta nota musical — 15. Antigo Testamento — 16. O mesmo que amota — 18. Preposição — 20. Ave também chamada uiraúna — 22. Íntima — 23. Que me pertence — 24. Cortais com serra.

VERTICAIS: 1. O mesmo que arurá — 2. Que tem a forma de rã — 3. Membro empenado das aves — 4. Em lugar mais alto — 5. Enviarei — 6. Queiras bem — 10. Despido — 14. Pôr em ação; agir — 16. Em maior quantidade — 17. Sigla automobilística do Amazonas — 19. Perversos — 21. Gosta.



PROBLEMA N.º 46 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Arcada — 6. O primeiro homem na mitolo-escandinava — 8. Indivíduo dado ao vício da embriaguez — 9. Patrão — 12. Corda delgada — 14. Elemento grego que significa traço — 15. Crustáceo estomatópode — 18. Procelosa — 19. Aflijas — 20. Luz que emana da ponta dos dedos — 21. Prefixo que denota posição em torno — 22. Barco de pesca usado na costa portuguesa, entre Sezimbra e Setúbal — 24. Rouba — 27. Dera graças — 29. Caminho — 30. Nome do segundo mês persa — 31. Pega — 32. Assentada — 34. Cerveja inglesa fabricada com malte pouco torrado — 35. Maçador.

VERTICAIS: 1. Porção mínima — 2. Coque — 3. Espécie de tatu — 4. Décima letra do alfabeto árabe — 5. Espécie de estêva que se cria nas turfeiras — 6. Prefixo designativo de alto, altura — 7. Pequeno lavrador (pl.) — 10. Muito antigo — 11. Tanges — 13. Perdoada — 14. Rêde usada pelos índios do alto Amazonas — 16. Vasta região da África central a este do lago Tchad — 17. Veneno com que os índios da América ervam as frechas — 22. Campo — 23. Pirogas — 25. Terminar — 26. Pato real — 28. Árvore do Congo — 32. Antes de Cristo — 33. Prefixo que denota aproximação.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 45

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: armadas — mar — aba — ocorrências — ti — airar — dá — unam — oradas — erpe — anil — ataens — ires — ri — arilo — jó — acerotosias — ror — Ara — adágios.

VERTICAIS: aro — mari — danara — sai — motu — aci-nético — badalejar — asas — rampear — ero — crânios — ara — dir — enrola — arar — Sit — sosa — lopi — era — las.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: amarela — malacas — traís — za — arci — ora — aam — nata — si — itria — caótica — assetar.

VERTICAIS: amazônica — má — alt — rara — ecará — laicas — assimilar — aratás — atros — aite — alt — cá.



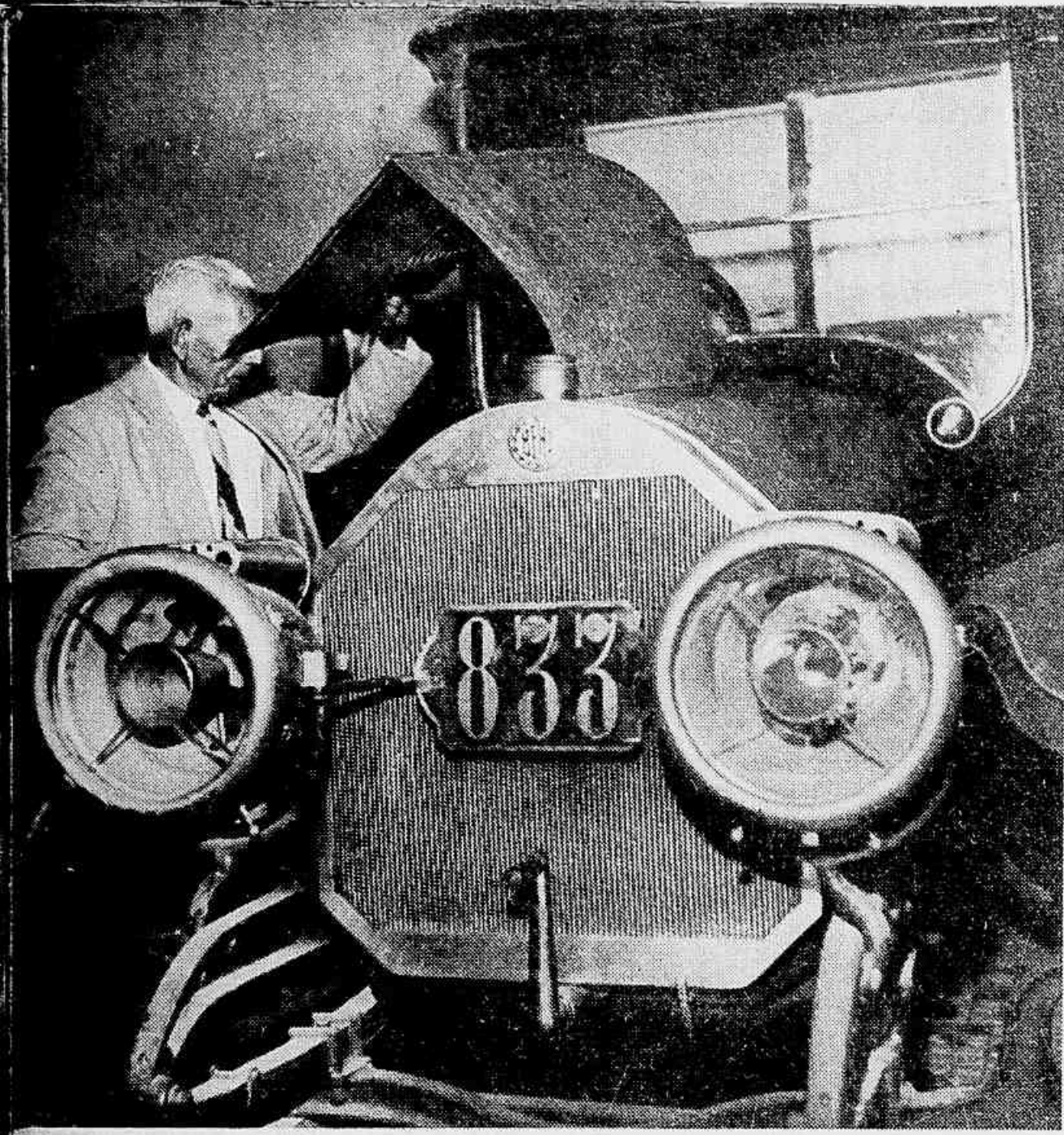
Cocheiro (e chofer) de Rui Barbosa, Luciano Carneiro revela aspectos desconhecidos da vida do Conselheiro.

- EU FUI COCHEIRO DE RUI

SEBASTIAO DE FRANÇA

LUCIANO CARNEIRO, um português simples da Freguesia de São Romão de Coronado, motorista profissional há 40 anos, foi homem fiel de Rui Barbosa, durante 14 anos. Todos já ouviram falar no grande baiano mas poucos conhecem a razão porque Luciano Carneiro é, hoje, nosso personagem. São coisas que não chegaram a entusiasmar os biógrafos de Rui, embora tanto escreveram sobre ele. Exemplo: Rui Barbosa adorava carruagens. Alguém sabia disso? — Luciano Carneiro, hoje com seus conser-

vados 75 anos, foi cocheiro oficial do Conselheiro Rui, de 1908 a 1915. Com o advento do carro a motor, passou a motorista; contudo, ele conta que Rui Barbosa odiava carro a motor e que só adotou-o por ter quebrado a perna. Alguém sabia que, em dois dias, Rui ensinou castelhano a seu cocheiro? Muita coisa escapada pelos biógrafos é lembrada aqui por Luciano Carneiro, razão porque pode ser considerado o lado memoravelmente simples da vida de Rui. Vamos acompanhá-lo. Não custa nada.



Passados trinta e cinco anos, o carro a motor (de Rui) volta a ser inspecionado pelo seu antigo condutor.

"COCHEIRO DE RUI, MINHA GLÓRIA"

— O Conselheiro, — iniciava Luciano — adorava carruagens. Sentado, ele podia admirar as lindas parelhas de bēstas, adquiridas com cuidado. Minha tarefa era escolhê-las, mas o Conselheiro nunca deixou de dar seu palpite. Tanto adorava os animais que, algumas vēzes, ao sairmos de casa, caminhava 500 metros adiante sōmente para apreciar o movimento e o ruído (para ele especial) que eles faziam. Subindo à carruagem, dizia: "Sabe, Luciano, fizemos uma boa compra".

Minha glória, naturalmente, é ter sido seu cocheiro e chofer. Teria sido sempre cocheiro se o Conselheiro não tivesse sofrido o triste acidente em que quebrou a perna. Lembro-me bem dēsse dia: eu o esperava, em baixo, na saída lateral da casa (hoje Casa Rui Barbosa), para irmos à cidade. Dr. Rui estava na Biblioteca consultando seus livros, como o fazia invariavelmente. De repente ouvi um grito, vindo da Biblioteca. Dona Baby, sua filha mais nova, também ouviu. Corremos até lá. Eu e um outro empregado o atendemos. O doutor estava estendido no chão e ao fazermos menção de levantá-lo, deu um grito: "Cuidado com a minha perna. Ela está quebrada!". Caíra da escadinha. Assim, o Conselheiro foi obrigado a trocar a carruagem pelo automóvel. De cocheiro passei a chofer, com carteira e tudo. Era mais cômodo para o Conselheiro usar automóvel, mas se queixava muito: **Tinha saudade das lindas parelhas de bēstas.** Só eu sei quanto desejo ele tinha de melhorar, para voltar à sua Coupê e ao seu Landeau. De todos os carros, era exatamente a Coupê que ele mais gostava. Qualquer arranhão, ah, podia contar com uma advertência...

Restabelecido, prossegue Luciano, o dr. Rui deu sempre preferência às carruagens. Sua mulher, d. Maria Augusta, que foi uma segunda mãe para mim, é que preferia o automóvel. O patrão sabia disso e até dava graças. Posso dizer ainda que apesar da grande importância que todo o Mundo lhe demonstrava, ele foi o homem mais humilde que conheci. Quando, habitualmente, parávamos na esquina da rua Rodrigo Silva com 7 de Setembro, uma multidão de amigos e curiosos se aproximava dēle. Era obrigado, às vēzes, a simular cansaço. Quanto a mim, tenho outro grande orgulho: em 1916, o Conselheiro me convidou para acompanhá-lo a Buenos Aires, por ocasião do Centenário de Tucumã. Ficamos um mês. Cheguei a fazer às vēzes de recepcionista. Dr. Rui ensinou-me castelhano em 2 dias. Fomos no navio Júpiter. Na volta esse mesmo navio ganhou o nome de *Rui Barbosa*. Ele não gostou

"Cuidado com minha
perna, ela está
quebrada!"
E a partir daquele dia,
Rui foi obrigado a
trocar o
côche pelo automóvel.



Luciano trava
seguida, conse

muito disso, porque certa vez, um outro que tinha seu nome foi afundado e apareceram nos jornais em letras garrafais: "Rui Barbosa foi a pique".

"O DESEJO DE POSSUIR UM AUTOMÓVEL DE PRAÇA ME TORTURAVA"

Fiquei com a família, até 1922, um ano antes da sua morte. Eu queria por força comprar um carro para trabalhar na praça, por isso pretendia sair. Era uma situação delicada. O Conselheiro estava acostumado comigo: levantávamos às 6,30 da manhã, íamos ao jardim, ele levava uma tezourinha na mão e cortava os galhos secos das flores. Depois tomava chá com torradas. Não suportava café nem o cigarro. Então eu ordenava os petrechos dos carros, às vēzes fazia uma revisão na mecânica do automóvel, fazia uma boa limpeza. Só então é que eu vinha esperá-lo na porta lateral da casa. Mas o desejo de ter um automóvel de praça me torturava. Tinha de comprá-lo. O que fiz? Fui primeiro consultar d. Maria Augusta. Ficou muito contrariada, mas expliquei bem a razão. Concordeu. Ela participou ao Conselheiro e ele me chamou. Disse: "O que posso fazer? Se você acha melhor mesmo, tenho de concordar. De qualquer modo, a casa será sempre a mesma para você. Volte sempre".

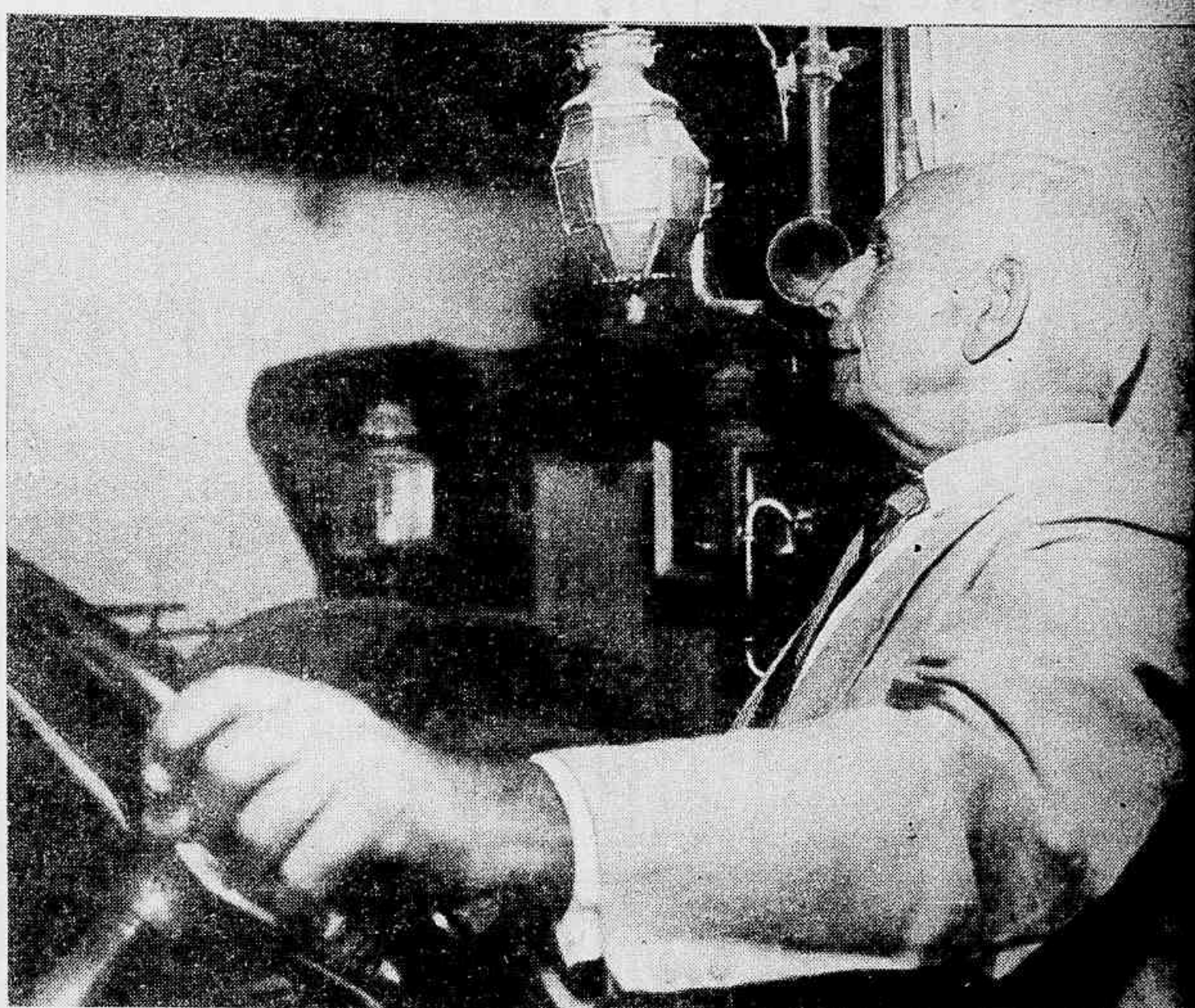
— Ah, lembro-me de muitas coisas ligadas a Rui. Afinal, fui seu cocheiro e chofer e era muito natural que eu ouvisse tōdas as conversas. Por exemplo a sua frase mais agitada, a da política. Foi em 1910, quando Pinheiro Machado e Azeredo, seus amigos, mas adversários políticos, lançaram a candidatura de Hermes da Fonseca para a Presidência da República pelo Partido Republicano Conservador. O conselheiro ficou indignado com a escolha do candidato. O seu era o mineiro David Campista, pelo Partido Civilista. Em represália ao nome do escolhido, candidatou-se então ao mais alto pōsto político do País. Venceu as eleições, mas foi boicotado. Quem tomou posse foi Hermes da Fonseca. Eu me lembro das coisas que falavam, e até hoje ouço dizer que Rui Barbosa morreu desgostoso por não ter sido Presidente. Eu posso dizer que não é verdade. Ele não queria. Era um assunto discutidíssimo e ele fazia questão de reforçar a sua displicência quanto ao cargo. Pode acreditar no que digo. Já estou velho para faltar com a verdade.

Se estes carros que aqui estão, e que eu dirigi durante tantos anos, falassem, certamente reforçariam o que estou dizendo.

traba
conse



lhou como cocheiro e depois chofer de Rui até 1922. Em
guiu realizar o seu sonho: hoje tem o seu próprio carro.



Rui Barbosa usava o ditafone para os entendimentos com seu chofer,
excluindo as informais batidinhas nas costas.

foi
Rui

orte.
aça,
eiro
la-
a os
Não
chos
ível,
na
pra-
neiro
ex-
neiro
me-
será

, fui
ôdas
po-
seus
Her-
Re-
es-
pelo
da-
lelel-
eca.
Rui
osso
dis-
ncia
para
an-
do.



Estamos na Biblioteca da casa de Rui. Ai,
êle quebrou a perna, em 1915: caiu da es-
cadinha, ao consultar um livro. Foi Lu-
ciano um dos primeiros a atendê-lo.

Pela manhã, Rui costumava dar seu passeio
matinal no jardim. Luciano recompõe o
roteiro preferido de R.B.

LIVROS E IDÉIAS

DA ECONOMIA PRÉ-CAPITALISTA

O LIVRO EM que fez o senhor Oliveira Vianna o estudo introdutório à História Social da Economia Pré-Capitalista no Brasil, revisto pelos senhores Marcos Almir Madeira e Hélio Benevides Palmier, faz parte daquele grupo de obras que, deixadas concluídas pelo sociólogo, quando de sua morte em 1951, vêm merecendo, de parte da livraria José Olímpio, bem cuidadas e sucessivas edições, num plano de lançamentos que, quando terminado, abrangerá nada menos de vinte volumes (1). Denominou Oliveira Vianna ao presente estudo de **introdução**: e ele não deixa de o ser, mas a uma obra mais vasta e mais importante, inédita ela também até ao momento, consagrada à "História Social da Economia Capitalista no Brasil" — a aparecer próximamente, em dois volumes. Juntos, os três tomos constituirão segura fonte de informações acêrca do passado social da economia em nosso país.

"Introdução à História Social da Economia Pré-Capitalista no Brasil": o título, quer nos parecer, é algo de pouco claro e de confuso. Decerto quis com ele significar Oliveira Vianna: "Introdução à História Social do Brasil Na Fase do Pré-Capitalismo", pois como está presta-se a dúbias interpretações. Contém uma limitação no tempo: **economia pré-capitalista**, e outra no espaço: **no Brasil**. E o que designa Oliveira Vianna por economia pré-capitalista é aquela, baseada não ainda no prestígio do dinheiro acumulado, porém no prestígio pessoal. Embora saiba que a sociedade pré-capitalista típica, na Europa, é a feudal do tipo carolíngio, acha que, no que se refere ao nosso país, deve ser tomada como padrão a sociedade européia de fins da Idade-Média, já após o florescimento das cidades comerciais, a descoberta de novos mundos e a fundação de novas sociedades: em outras palavras, a sociedade que, deixando sua primitiva estrutura feudal, anuncia já o despontar do capitalismo. Padrões de sociedades pré-capitalistas, para o autor de "Populações Meridionais do Brasil", são, nesse caso, as **élites** ou **noblesses**, na França do Antigo Regime, e as **élites** em Portugal no século dos grandes descobrimentos.

O grupo dos nobres, a **élite**, existiu em todas as sociedades, menos nas mais rudimentares. Fundava-se no valor pessoal, nos predicados físicos e morais dos indivíduos, transmissíveis hereditariamente. Essa nobreza de raça, é certo, viria mais tarde a ser substituída pela **nobreza dourada**, pela nobreza que na riqueza monetária tinha sua razão de existência. E foi justamente na Península Ibérica que mais tardiamente apareceria tal nobreza dourada. Explica-se: em Portugal e na Espanha, mais que em outro qualquer lugar, o valor pessoal foi sempre solicitado, graças às longas lutas sustentadas, durante séculos, contra os sarracenos. Assim é que, quando a nobreza de raça já periclitava em outros países, ocupado o lugar que antes lhe era reservado pela advinda do ouro, na Península Ibérica ela era ainda uma força poderosa, longe ainda do declínio, da penumbra. Essa nobreza lusitana e castelhana, é claro, repousava sobre bases econômicas. Mas em nenhum país, mais do que em Espanha ou Portugal, foram tão estreitas tais bases econômicas: um nobre português podia não ter fortuna, contanto que tivesse excepcionais qualidades pessoais, tais como bravura militar, fidelidade pouco comum ao rei, etc.

A nobreza era classe não produtiva, e por isso repousava, a economia de tipo pré-capitalista, num esquema em que o consumo

superava de muito a **produção**. O nobre, diz Oliveira Vianna, "era um puro rentista", utilizando na manutenção de seu próprio **status** todas as rendas disponíveis. Decerto, havia ocupações especialmente destinadas a componentes da nobreza: as que compunham a **profissão política**: as armas, ou o exercício dos cargos do Estado. Esses nobres não eram empregados do rei, mas seus **companheiros**; e lhes repugnava o trabalho subordinado. O **farnientismo**, nos empregados do Estado, e a ojeriza às profissões lucrativas, podem ser apontados como traços peculiares à nobreza lusa de cunho pré-capitalista. Note-se, aliás, que o serviço prestado ao Estado, à época, era forçosamente gratuito — e que nessa gratuidade é que justamente residia o distintivo da nobreza. "Certo" — diz o nosso Oliveira Vianna — "ele" (o nobre) "recebia; mas, era a título de **recompensa**, como expressão da gratidão do príncipe ou do rei: nada mais". Consagravam-se, pois, os nobres, ao Estado; viviam **para ele**; mas não viviam **dêle**.

No **otium cum dignitate**, pois, gastava o tempo a nobreza; ócio que cedo levaria ao luxo, assim que as condições econômicas o permitissem. Se bem que na Península Ibérica esse luxo nobiliárquico tenha feito tardiamente sua aparição, à época do descobrimento do Brasil ele já existia, e para nosso país o transportaram alguns donatários, como Martim Afonso de Souza, por exemplo.

No Brasil, tais nobres constituem o prolongamento, sob novas condições, daquela tradição de nobreza peninsular, existente, ali, havia séculos. Leia-se, por exemplo, os vários livros de Nobiliárquias devidos a Pedro Taques, a Borges da Fonseca, a Francisco Negrão, e veja-se como prosseguiu, essa **nobreza da terra**, em seus sentimentos de honra, de fidelidade ao rei, de farnientismo com dignidade, não **remunerado** mas **recompensado**, aquela primitiva nobreza. Na desclassificação dos trabalhos produtivos; na inferioridade social que acarretava a prática do comércio; na **capitis diminutio** que trazia, afinal, consigo, a prática de qualquer atividade remunerada, em tudo se via o prosseguimento da tradição nobiliárquica ibérica, no Brasil. Para eles, como escreveu Demolins, também para eles "o supérfluo é mais indispensável do que o necessário".

Mas, era possível a alguém que não o fôsse de nascença, atingir a condição de nobre, na Península Ibérica de fins da Idade-Média? Sim, decerto; mas não com a simples posse de ouro. A um mercador enriquecido que desejasse ingressar na nobreza, exigia-se de saída, como condição essencial, que passasse a viver de suas rendas, que se retirasse da atividade comercial: o nobre, por definição, deveria ser um ocioso... Onde nobreza e comércio eram coisas incompatíveis, quase diríamos nobreza e trabalho.

Quando das grandes descobertas, porém, houve um largo, embora curto, Ciclo Mercantilista na história da península ibérica, e foram então abandonados, por algum tempo, os vários tabus da nobreza: o do comércio, o do dinheiro, o dos lucros mercantis. E dizemos **por algum tempo**, porque tais tabus, abandonados na metrópole, seriam brevemente recolocados em vigência, na América. Entregue na metrópole a nobreza ao comércio, às práticas lucrativas, a tudo quanto até bem pouco repugnara, por incompatível com **status**, corrupta, desonrada, na América foi ela encontrar abrigo onde prosseguir como dantes, longe da degeneres-

cente febre de enriquecer que então assaltava Portugal e Espanha. Porque, na luta contra o indígena, contra a natureza inóspita, pela propagação da fé e pela civilização cristã, encontravam os nobres transplantados para o continente recém-descoberto praticamente as mesmas condições enfrentadas por seus maiores, nas lutas infundáveis contra os agarenos. A nobreza portuguesa no Brasil de 1500, portanto, continuava numa tradição já interrompida, na metrópole. E se baseava em um critério de apreciação do valor pessoal, como dantes; não já no poder monetário, nos "fumos da Índia". Houve depois, é fato, uma reação contra esse estado de coisas, encetada pela nobreza lusitana na própria metrópole. E o comércio passou a ser uma atividade quase que unicamente destinada aos judeus, e aos cristãos novos. E foram tais cristãos novos e judeus que, pouco a pouco, se apossaram do comércio interno de Portugal, e mesmo da exploração mercantil de todo o vasto domínio colonial.

De tudo isso nasceu o feudalismo agrário brasileiro, na opinião de Oliveira Vianna. Feudalismo que teve origem com as capitânicas hereditárias, e durou quatro séculos, até 1888. E por isso se

explica o antagonismo existente entre a cultura do povo-massa e a cultura das elites, no Brasil: porque aquela provém da miscigenação de elementos inúmeros — lusos, negros, indígenas —, enquanto essa originou-se diretamente na tradição feudal e no Código de Cavalaria. Naturalmente, as idéias de Oliveira Vianna, expendidas no presente livro, poderão ou não ser impugnadas; e quer nos parecer que o autor estuda nêle apenas um dos aspectos do problema, o que diz respeito à classe da nobreza, desprezando a plebe, sobre que repousa, e sempre repousou, a economia — nisso de resto residindo um dos grandes deméritos da obra. Mas o que vale a pena realçar é como escreve mal (como escreveu mal), Oliveira Vianna — num estilo eivado de vírgulas, cheio de hesitações e de repetições, como um caminho pedregoso e esburacado que desse, porém, para a mais bela das paisagens des-cortináveis.

(1) — Oliveira Vianna: "Introdução à História Social da Economia Pré-Capitalista no Brasil". José Olímpio, 1958. 192 páginas.

PRÊMIOS PARA OS ARTISTAS

AO CONTRARIO dos músicos e dos escritores, possuem os artistas plásticos brasileiros inúmeras oportunidades para colhêr ambicionados, porque valiosos, prêmios de viagem ou em dinheiro. E já nem nos referimos aos prêmios anualmente distribuídos nos dois Salões Oficiais mantidos pelo Ministério da Educação, mas nos vários Salões que a cada dia estão sendo criados, quer pela iniciativa de particulares, quer pela de organismos estatais.

Foi decerto o Serviço de Documentação do Ministério da Viação, dirigido por um poeta, Antônio Olinto, e subordinado ao bom-gosto de um homem que além, ou a despeito de ministro, ama a pintura e a estimula com os meios a seu dispor, foi o Serviço de Documentação do Ministério da Viação, repetimos, quem estabeleceu entre nós a prática de Salões Anuais de Artes Plásticas, à margem dos dois oficialmente instituídos pela lei 1512, de 1951, mas, com eles, distribuindo valiosíssimos prêmios em dinheiro. Com efeito, após o "Salão Ferroviário", realizou Antônio Olinto, com o pleno apoio do Ministro Lúcio Meira, o "Salão do Mar", e agora promete, para dezembro, o "Salão Rodoviário", com prêmios para pintura, gravura e desenho. E essa iniciativa do Ministério da Viação logo foi imitada, e em boa hora imitada, primeiro, pelos diretores do IPASE, com o senhor Paiva Muniz, então seu Presidente, à frente, e depois, pela direção da Legião Brasileira de Assistência: um e outro institutos estabeleceram bases para a realização de Salões de Pintura, o primeiro destinado a premiar

com 50 mil cruzeiros uma obra, de funcionário público contribuinte obrigatório do IPASE, o segundo, a atribuir prêmios de alta monta a pintores que tratem, em seus trabalhos, o tema "A Mãe e a Criança". O mais interessante é que todos esses Salões realizarem-se-ão entre setembro e dezembro de 1958 num mesmo local — a sala de exposições da Escolinha de Arte do Brasil, localizada no primeiro andar do prédio 314 da avenida Marechal Câmara em que funciona o Departamento Nacional de Iluminação e Gás, sala aliás destinada pelo Ministro Meira à empolgante instituição de Augusto Rodrigues.

Também a "Maison de France" resolveu criar um "Petit Salon", e seu prêmio anual — uma viagem à França, com tôdas as despesas pagas — é dos mais invejáveis. E não faz muito, uma loja de material de ballet — a "Bellerina", de Copacabana — contemplou com um prêmio de viagem a Buenos Aires um, dentre vários pintores que concorreram a um salão destinado a honrar o Dia das Mães.

Vê-se, por aí, que, se muito há ainda que fazer, para que se dê por verdadeiramente amparada a classe artística no Brasil, e satisfeitos seus menos complexos desejos, ao menos sua situação já não é tão precária como há poucos anos, quando ser artista plástico, no Brasil, era qualquer coisa de temerário, tocando as raias da coragem, senão de insensatez.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

ALUNOS DE LÍVIO ABRAMO (Escola Nacional de Belas Artes, desde dia 4) — Cerca de 12 alunos do curso mantido no Museu de Arte Moderna de São Paulo pelo grande gravador brasileiro Lívio Abramo apresentam-se no Rio, muitos (ou quase todos) pela primeira vez. Tais alunos alcançaram já nível técnico e artístico bastante elevado, e a vários não é demais augurar uma bela carreira. De resto, muitos deles se apresentaram já, com êxito, nos Salões de Arte Moderna. Mostra de nível bastante satisfatório, inaugura nova fase na vida do Salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, que vai pouco a pouco, a despeito de muitas dificuldades e preconceitos, adaptando-se à atualidade, para desempenhar suas funções.

DJANIRA DA MOTTA E SILVA (Museu de Arte Moderna, desde 31 de julho) — Grande retrospectiva dessa pintora, a mos-



Djanira.

tra de agora se compõe de 70 óleos de várias épocas (a partir de 1942), e de uma tapeçaria desenhada pela artista e executada em Aubusson. É, decerto, a grande exposição do momento, entre nós.

MARIA LEONTINA (Galeria Gea, desde 25 de julho) — Já em seus últimos dias, devendo ser substituída breve por uma exposição de gravuras de Oswaldo Goeldi. Óleos e gouaches executados entre 1957 e 1958.

CURSO DE DECORAÇÃO DO LAR — Na sede do curso de Decoração do Lar, dirigido por Joana D'Arc (Rua Raimundo Corrêa, 27, apt. 101), em Copacabana, foi dada, a 5, a aula inaugural para uma nova turma de alunos, com a palestra proferida pela professora Roberta de Macedo Soares, sobre o tema "A Tradição Brasileira na Decoração de Interiores". Inscrições ainda abertas, no enderêço acima.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 16 de agosto de 1908.

É INAUGURADA, no dia 11, a esperadíssima Exposição Nacional. Depois de dois meses de detalhadas informações sobre o desenvolvimento dos trabalhos, apresenta finalmente a Revista uma ampla reportagem fotográfica da Exposição, que abrange três páginas — a primeira das quais dedicada às fotos de seu diretório executivo, liderado pelo Presidente Afonso Pena. Apresenta, depois, flagrantes do ato inaugural, aspectos da chegada de Afonso Pena, sua visita aos pavilhões. Finalmente, dá-nos a visão feérica da Exposição numa tomada noturna — com seus "stands" iluminados pelas luzes e fogos de artifícios.

A Revista comenta, com entusiasmo, o sucesso da Feira. Fala da multidão que a ela acorreu, como também da que se acotovelou à altura da enseada de Botafogo, para apreciar, de longe, o efeito das luzes e dos fogos:

"Jamais o carioca, sempre apreciador das lutas entre o navio de guerra e a fortaleza (motivo permanente de todos os fogos nacionais de artifícios) vira um fogo tão variado e de tão brilhantes cambiantes, como o que foi queimado na Exposição". Fala também nas maravilhas encontradas no próprio recinto da Feira, destacando a grande cascata do Palácio das Indústrias: "As combinações de água e luz, de toda a parte partindo, cruzando-se, faziam lembrar essas descrições de palácios fantásticos descritos por Sherejarda, nas "Mil e uma noites".

"A comparação é antiga — prossegue — mas verdadeira, porque só recordando as maravilhas orientais contadas naquele popular livro se poderá dar ao leitor uma idéia do que é esse belíssimo "chateau d'eau".

A página internacional dá-nos notícia dos últimos acontecimentos na Pérsia, onde o novo Shad Mohamed Ali se encontra entre dois fogos: os clubes que querem dirigir a política geral, e o tio — Zilles Sultán, que pretende o poder. Para implantar a ordem no país, proclama Mohamed a lei marcial e dissolve o parlamento, fazendo ainda prender em uma mesquita oito chefes políticos — o que dá lugar a uma revolta, finalmente sufocada.

Apresenta o foto do grande Zepelim, que explodiu ultimamente, e um flagrante batido em Turim, onde aparece Mme. Therèze Peltier a primeira francesa — e cremos a primeira mulher — que se atreveu a arriscar a vida em um aeroplano. "Registra, também, o aparecimento de mais uma estrêla no pavilhão americano: a 46.^a, representativa do estado de Oklahoma, criado a 15 de novembro ultimo por proclamação do Pres. Theodore Roosevelt.

No noticiário local, registra uma coleção de fotos tiradas no Ministério da Guerra, onde aparece o Marechal Hermes da Fonseca despedindo-se do Marechal Xavier da Câmara, que o substituirá interinamente na Pasta durante a sua viagem à Alemanha; e flagrantes do banquete oferecido àquele Ministro, no luxuoso restaurante "Pão de Açúcar, localizado na Exposição Nacional".

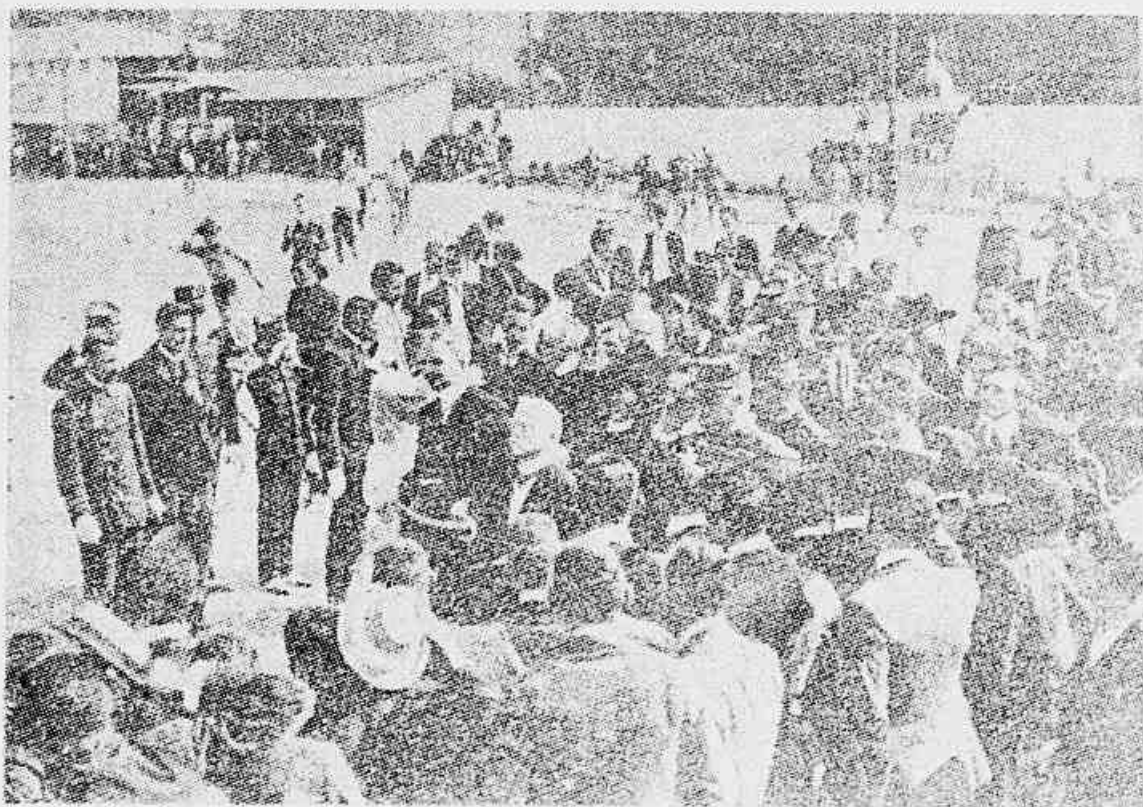
A nota pitoresca nos vem através da página teatral, onde a atriz espanhola Maria Guerrero, em tournée pela América do Sul, continua recebendo consagradoras homenagens. E o pitoresco se encontra no pergaminho oferecido à artista, na noite de sua festa, e assinado por duas dezenas de exaltados admiradores — seus patrióticos:

Señora:

Si todos los españoles residentes en Rio de Janeiro pudieran traeros las flores que sus corazones desean y vuestro sublime talento merece, no habria aqui espacio para contenerlas. Nosotros, más felices, en nombre de todos ellos, os traemos estas.

Recibidlas con agrado, que nunca, nunca, se han ofrecido flores con más cariño...

Era assim há cinqüenta anos...



Chegada dos srs. Presidente da República e Ministro da Indústria à Exposição Nacional.



O sr. Presidente da República e Ministro de Portugal dirigindo-se ao Pavilhão Português de Belas Artes.

ARAYADO

Meller fôra sempre um grande sedutor e sabia prodigalizar às mulheres tôdas as mentiras com a mais suave das vozes: era-lhe, porém, impossível enganar Lydia, porque cada dia ela procurava conhecê-lo melhor, a fim de melhor vencê-lo.

Leu nêle como num livro aberto e, terrivelmente lúcida, tornou a encontrar-se só em meio ao mundo desumano.

— Queres abandonar-me — disse ela.

— O que estás a dizer? Tenho ar de querer abandonar-te quando estou pronto a gastar o que fôr preciso para a tua cura e te digo que depois...

— Não ficarei curada, bem sabes...

Esta resposta tão direta, dada em tom duro, desconcertou o escritor:

— Ora! Agora mesmo dizias...

— Tentava iludir-me a atirar-me a esta ilusão de felicidade, como se bebe... para esquecer... Mas até isso, acabas de roubar-me! Ah, és bem um homem...

Meller, não conseguindo dar às suas palavras um tom de sinceridade, mudou de tática, passando ao contra-ataque:

— Escuta, Lydia, não volto sôbre o que te disse, mas peço-te que não faças sentimentalismo. Nunca houve isso entre nós e não alimentei ilusão alguma quanto ao teu amor por mim... Querias arrumar-te de qualquer modo e te aproveitaste do meu desejo para alcançar teus fins, eis tudo! Assim sendo, não contes com a gratidão para me prender inútilmente a uma doente. Lembrome da pressa que tiveste em tomar o lugar de Estelle, até no seu próprio quarto... Não foi decente, convenhamos! Estelle, de certa maneira, morreu por tua culpa e o que te acontece não é talvez senão o justo "choque-de-retôrno" das coisas dêste mundo...

Lydia se havia apoiado à gaveta aberta e, junto da caixa de cigarros, seus dedos tinham encontrado o aço frio do revólver...

A detonação surpreendeu-a como se outra pessoa houvesse apertado o gatilho. À vista de Meller tombado sôbre a secretária, um orifício sangrento na têmpora, o choque foi tão violento que ela se pôs a rir, um riso desumano...

Bréval fitou o terrível rosto de Lydia:

— Senhorita Moreau, o assassino de Georges Meller foi o último, antes de mim, a usar êste casaco de couro... Ontem à noite, a senhora tinha por cima de seu vestido um suéter de angorá e o angorá é conhecido por deixar pêlos por tôda a parte...

Um soluço interrompeu momentaneamente o riso atroz:

— Não perca seu tempo em querer confundir-me! — gritou a governanta numa voz rouca. — Sim, fui eu quem o matou e não o lamento... Acabava de dizer-lhe que eu tinha um tumor maligno e êle falou-me da justa vingança das coisas dêste mundo!

De novo o riso de Lydia soou lúgubramente no hall enquanto todos se calavam, oprimidos por aquela asa negra que ali pairava. Depois, antes que alguém pudesse pensar em interpor-se, a governanta empurrou Bréval e Nane que se achavam à sua passagem, abriu a porta do terraço e desapareceu lá fora.

Alguns segundos bastaram ao comissário para pensar em correr atrás da fugitiva.

Mlle. Moreau tomara um certo avanço e, como Nicolas Vernon alguns instantes antes, Bréval avistou-a contornando o ângulo da casa. Mas, agora, não chovia mais e, a uma centena de metros à sua frente, o policial viu cintilar, sob um raio do sol que reaparecia, as águas do lago...

A distância que o separava da governanta não parecia diminuir.

— Pare, senhorita Moreau, pare! — gritava, sem convicção. Mas a mulher que fugia nem voltou a cabeça. O comissário estava a vinte metros atrás dela quando, num derradeiro riso, sem diminuir a corrida, Lydia Moreau atirou-se ao lago.

No fundo da abertura sombria, agitada pela água que se alargava no meio das manchas verdes, Bréval julgou ver o reflexo de uma ondina, e Lydia não tornou à superfície.

Por certo, êle poderia mergulhar e talvez fazê-la voltar à vida. Mas aquela que tudo perdera não tinha direito a que lhe deixassem correr sua triste sorte até o fim?

O comissário Bréval voltou as costas ao lago já tranqüilo e regressou lentamente para a casa.

Erguendo os olhos, avistou, imóvel em meio da alamêda, uma mulher cuja aparência era a de Anne Vernon, mas cujo olhar era o de Némésis, enfim satisfeita.

— FIM —

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 respostas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



1 — A PEDRA fundamental da Igreja da Candelária no Rio, foi lançada em:

- 1670 ?
- 1775 ?
- 1898 ?

2 — BANIBA é nome de:

- Indígena de tribo do mesmo nome ?
- Utensílio de carpintaria ?
- Planta da família das Euforbiáceas ?

3 — A GRANDE atriz italiana Eleonora Duse esteve no Brasil em:

- 1885 ?
- 1923 ?
- Não esteve ?

4 — MARNOTA quer dizer:

- Homem de baixa extração ?
- O mesmo que marrêta ?
- Parte da salina onde se junta a água para o fabrico do sal ?

5 — "VENTO NORDESTE" é um livro de:

- Permínio Asfora ?
- José Condé ?
- Gilberto Freyre ?

6 — FRANÇOIS DUVALIER é o atual presidente do:

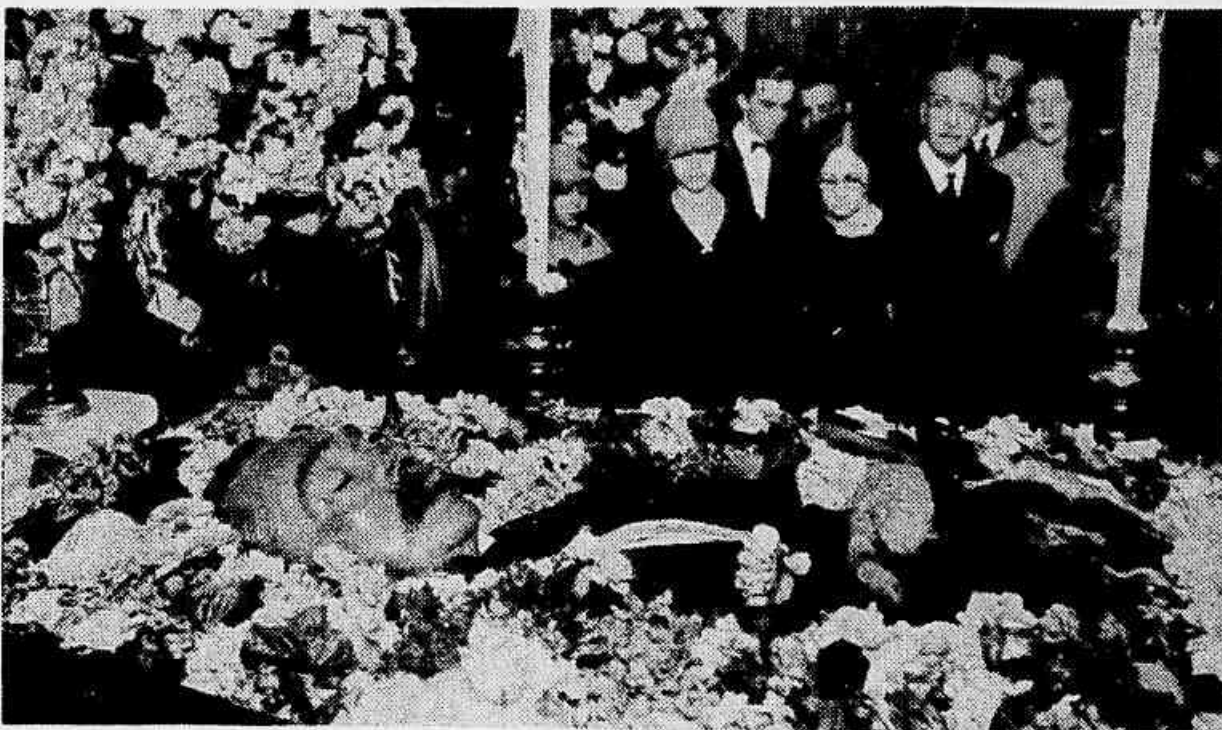
- Panamá ?
- Haiti ?
- Nicarágua ?

7 — "EST MODUS IN REBUS" (Há uma medida em tôdas as coisas) é o trecho famoso de uma:

- Página de Machiavel ?
- Sátira de Horácio ?
- Fábula de La Fontaine ?

8 — MARIO DE ANDRADE não escreveu:

- Namoros com a Medicina ?
- Macunaíma ?
- Cobra-Norato ?



9 — ALVARO ALVIM, falecido em 1928, foi:

- Prefeito do Distrito Federal ?
- Um notável radiologista ?
- Diplomata ?

(Respostas na página seguinte)



O Dr. José Cintra Gordinho quando, em julho próximo findo, pronunciava o seu discurso de posse como Secretário das Finanças da Prefeitura da Capital de São Paulo.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

SAB RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais carêscimos

Avenida São João, 1872 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



CRESCER
Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FORÇA e SAÚDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES Nº 12 ANNEMAS-SE** (Haut-Savoie), FRANÇA

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

Cr\$ 15,00

'Mil' lhe oferece:
Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA TRAVA DIREÇÃO MERLI
SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS
Pessoal Técnico é realizado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1094 - 22-4022 SÃO PAULO

CARTAS

OLEGÁRIO MARIANO

"Fiquei comovida com a reportagem sobre Olegário Mariano no Hospital. E que beleza de fotografia, aquela de página inteira! Meus parabéns!"

Flávia Cruz — Juiz de Fora

ORIENTAÇÃO CRITERIOSA

"Trabalho na Refinaria Presidente Bernardes. Regime de Turno: noite e dia, dia e noite. Parte técnica. Folgas escassas. Sou casado. Ordenado de trabalhador brasileiro. Possuo vinte e cinco anos, e desde a idade de 15 pus-me a escrever sem conseguir intento. Assim sendo, dirijo-me ao senhor, para que de uma vez por tôdas dê-me uma orientação criteriosa..."

E. J. B. — Santos

§ Ao lado de coisas realmente boas, seu conto "Inacinho" se ressentia de defeitos elementares. Coisas boas: você conseguiu dar a seu conto uma atmosfera e um sentido poético, apesar da rudeza da história. Coisas más: ingenuidade de certas situações, excesso de lugares comuns. Você precisa policiar-se mais, ser mais exigente consigo mesmo, saber separar "o joio do trigo" — e isso será alcançado através da leitura dos bons autores. Machado de Assis, Mário de Andrade, João Alphonsus, Marques Rebelo, o português Miguel Torga — são grandes contistas da língua que muito lhe servirão como modelo.

O Editor

PARABÊNS

"A Revista conseguiu reunir, de uma só vez, três reportagens atualíssimas, com um material fotográfico de primeira ordem. Refiro-me a "Espiche" (argentino) o novo vilão", sobre o Grande Prêmio; "Terror na Madrugada", sobre a explosão de Deodoro e "Gente de saias na conferência interparlamentar". Parabéns pelo número."

Walter Martins — D.F.

"GABRIELA, CRAVO E CANELA"

"Sendo o grande romancista Jorge Amado um dos novos colaboradores da Revista (magnífica conquista!), gostaria de saber de que maneira poderia conseguir um exemplar autografado de seu último romance — "Gabriela, Cravo e Canela"..."

Dinah Lopes — Bahia

§ Envie o exemplar diretamente para o escritor (Av. Rio Branco, 185, grupo 813, Rio de Janeiro — direção do jornal literário "Para Todos").

O Editor

CONTO

"Peço-lhe o favor de me informar, com a possível brevidade, se a "R.S." está interessada na publicação de contos de minha autoria..."

Adauto N. Espindola — D.F.

§ Mande-nos um, sem compromisso.

O Editor

SUGESTÃO

"... uma reportagem sobre o que se poderia fazer com o ouro gasto em Brasília. Por falar nesta famigerada, lhe direi que sou do P.C.B. Sim: P.C.B. — Partido Contra Brasília..."

R.M. — São Paulo

RESPOSTAS DO TESTE DA PAGINA 43

1) 1775; 2) Indígena de tribo do mesmo nome; 3) 1885; 4) Parte da salina onde se junta a água para o fabrico do sal; 5) Perimino Asfora; 6) Rati; 7) Trecho de sátira de Horácio; 8) Cobra-Norato; 9) Um notável radiologista

VIOLENTO DESASTRE de automóvel na praia do Flamengo (um jipe em alta velocidade capotou espetacularmente e incendiou-se, ferindo os seus ocupantes) fez Pavel Serebriakov, o pianista russo, sovieterizar a tônica da palavra catástrofe quando, ao testemunhar a cena, exclamou de sua janela no Hotel Glória, em arresado português: "Que catástrofe!" E pôs-se a comentar ao repórter que "felizmente acidentes de tráfego ocorrem de raro em raro" (naturalmente pelos padrões europeus). Ainda nem acabara de falar quando, pouco adiante do jipe em chamas, dois táxis colidiram com estardalhaço debaixo do nariz de um guarda de trânsito.

Outro pormenor da visita de Serebriakov ao Rio: passou todo o tempo de sua permanência tomando um medicamento brasileiro para males hepáticos. De tanto comprá-lo, aprendeu a dizer (corretamente) no idioma da terra: "Meu fígado vai mal". E enfiou na bagagem para a Rússia um vidro do remédio, a título de recordação.

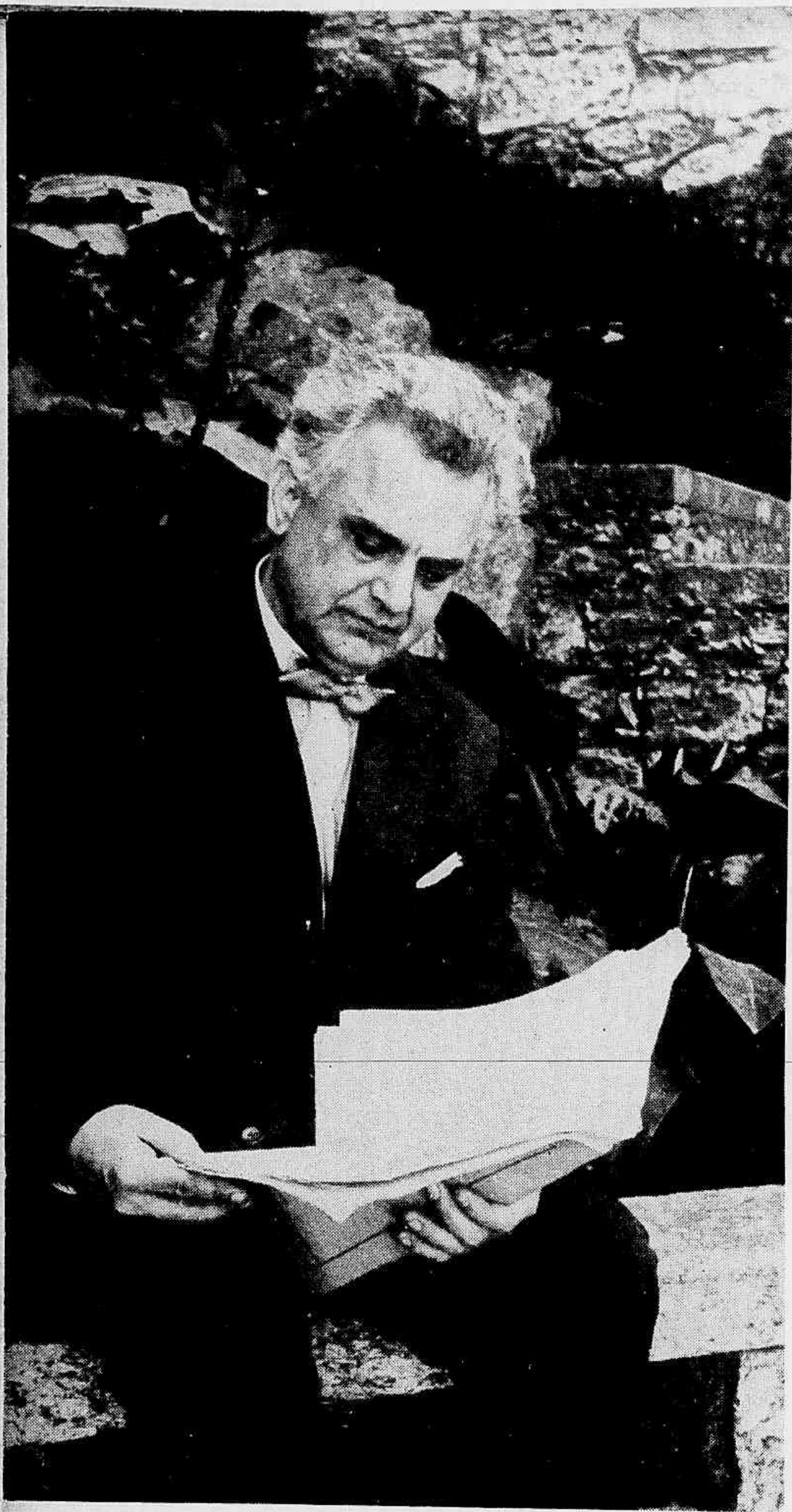
Alguns itens (e episódios) que anotei do meu encontro com ele:



PAVEL SEREBRIAKOV — As sombras ficam para trás.

PAVEL ABRASILEIROU O FÍGADO MAS RUSSIFICOU A CATÁSTROFE

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA



— Minha biblioteca está cheia de partituras.

1 — “A música é afinal um retrato de quem a faz. Subjetiva ou objetivamente, pode ser genial, mas deve sempre expressar os sentimentos humanos. Isso eu reputo indispensável”.

2 — “O que eu quis ser quando criança: regente de orquestra. Foi curioso. Eu não passava de um gurizote quando vi Willy Ferrera, o italianinho-prodígio, reger uma orquestra na URSS. Entusiasmei-me. Não concretizei o sonho. Porém estou muito satisfeito em ser pianista”.

3 — P.S. gosta muito das composições de Villa-Lôbos e de Camargo Guarnieri. Interpretou-as em Moscou, Leningrado, Pérsia e no Rio, inclusive quando aqui esteve, pela primeira vez, no concurso internacional de piano. Seu filho, Iúri, estuda música brasileira. O próprio Pavel leva para o seu **hobby** (coleccionar partituras) uma partitura não publicada de Guarnieri.

4 — Uma frase: “Gosto de toda música popular porque aí encontro, independentemente de nacionalidade, uma expressão encantadora da alma do povo; lembro-me de Glinka e concordo: — “É o povo quem cria a música. O compositor apenas a interpreta”.

Villa-Lôbos e Camargo Guarnieri:

5 — Uma aluna sua, Feodorova, laureou-se em concursos internacionais. O mesmo sucedeu com outro ex-aluno, o tcheco Ian Panianka.

6 — Nas repúblicas asiáticas da URSS o interesse pela música também é intenso. Em particular no Ubequistão, onde Brussilovski escreve óperas nacionais e Ashrafi rege e compõe com amplo sucesso”.

7 — Prova de que vem sendo incrementado o intercâmbio cultural entre os povos: “A orquestra norte-americana de Eugene Ormandy foi muito aplaudida em Moscou”.

8 — Curiosidade para os seus admiradores: Serebriakov quer dizer **prateado**.

9 — Reação de P.S. depois de que, por ocasião do seu derradeiro concerto no Rio, um grupo de moças entusiastas invadiu-lhe o camarim pedindo autógrafos e beijando-o na face: “Foi uma pena que nenhuma se tivesse lembrado de me beijar na boca...”

10 — Traço singular no seu caráter: não gosta de tirar fotografias desarrumado. Gostou em geral de todas as fotos que lhe bati, mas vendo uma, em que lhe procurei um ângulo diferente, lamentou-se: “Pareço um monumento!” Parece, não: — é.

11 — Antes de suas interpretações, não come. Ou melhor: bebe chá com torradas.

UM NETO E DUAS AMBIÇÕES

“Uma das emoções indeléveis, e também uma das mais profundas, em toda a minha carreira” revela-me esse assombroso Serebriakov, “foi quando, no auge do cerco alemão a Leningrado, eu tomava um avião na retaguarda dos exércitos soviéticos e, depois de mil e uma peripécias, furava o bloqueio inimigo e ia sentar ao meu piano, no salão de música da cidade, a fim de não desapontar o público que já adquirira bilhetes para as récitas programadas”. A imagem desse passado que é de hoje parece reincorporar-se a ele em sua cadeira defronte à janela, enquanto Serebriakov vai respondendo às perguntas que lhe faço. Metido em sua roupa de um azul quase grave a contrastar com o matiz azulado-juvenil da camisa, ele reclinase para diante todavia num gesto de afugentar essas lembranças da guerra, que lhe distendem os nervos como se foram pedaços de elástico. Sim, a guerra é horrível. Esse homem, alto e robusto, que a crítica internacional considera “um dos mais expressivos pianistas dos tempos atuais”, viveu-a duramente em seu país. Tem quarenta e oito anos só; mas é como se já sustentasse o peso de muito mais nos ombros e na alma. A cabeça prateou-lhe. Envelheceu rápido. Nos olhos porém (e na inteligência) conserva aquele mesmo e fascinante entusiasmo dos dias antigos. Principalmente quando toca. Transforma por assim dizer cada tecla do piano em movediços degraus para alcançar um mundo novo, prenhe de harmonia e de paz. Surpreendo-lhe nos olhos uma centelha de esperança e de fé quando, a propósito, me fala: “Qual a minha maior ambição a esta altura da idade? Simples — que toda a humanidade ganhe a paz. Cada homem deve aconchegar-se à família, querê-la, protegê-la, amá-la. Ah, sim; o senhor quer saber qual o meu maior desejo além deste. Vamos lá: viajar, conhecer o mundo e o meu próprio país, o qual é uma imensidão, como sabe; e misturar-me ao homem comum”. Bem. E depois? “Depois, voltar para junto dos meus e balançar outra vez nos joelhos o meu irrequieto Andreei”.

Ora, quem é esse Andreei, que tem a honra inusitada de embalar-se nos joelhos de quem, com a ponta dos dedos, embala auditórios mundiais? É o neto, cuja fotografia Pavel Serebriakov me exhibe com o sorriso característico — e sem fronteiras — de todos os avós.

BOMBARDEIO MARCARÁ OS INTERVALOS

Durante a segunda guerra mundial, P.S. integrou-se como uma bandeira no movimento artístico visando a manter elevado o moral das tropas russas, que sustentavam a mole da Wehrmacht ainda num momento em que Hitler, a piparotes, varria da Europa os exércitos adversários. Daí aquilo de varar o assédio de Leningrado, voando de Taskient, na Ásia Central, lugar para onde se transferira provisoriamente o Conservatório leningradense (Pavel

dois preferidos de Serebriakov

foi diretor do Conservatório de 1938 a 1951). "Voávamos à noite", conta agora, "mesmo com os motores desligados, planando sobre o grande lago, roçando as águas como a gaivota na pesca. Frequentemente, os alemães eram logrados. E nos dias imediatos Lenígrado podia comparecer ao concerto". Pavel Serebriakov menciona a sua cidade adotiva (em realidade ele nasceu em Stalingrado) e isto faz-lhe boiar nas retinas uma cintilação; e esta não desaparece durante todo o tempo em que P.S. rememora as récitas no Conservatório à cunha (soldados vinham da frente de batalha ouvi-lo interpretar Beethoven, Tchaikóvski, Ratchmaninov, Bach), os aviões hitleristas marcando lá fora, não o compasso, mas os intervalos. Cada vez em que o grito de hiena do alarma se alteava, público e pianista baixavam ao abrigo anti-aéreo até que o ataque cessasse; mergulhavam então no silêncio lúgubre da espera, talhado em fatias pelo ulular das bombas de mil toneladas. Findo o bombardeio, retomavam os seus lugares e outra etapa, isto é, a etapa que separaria o último sinal de "tudo limpo" do seguinte estridor da sereia à chegada de outra nuvem de aviões. O povo acostumara-se àquilo e o encarava com humana naturalidade. Era como se fôsse num teatro, o intervalo obrigatório para o descanso dos artistas, para fumar, ou para a mudança de ato. "Fiz muitos amigos pessoais dentro do abrigo anti-aéreo", P.S. assinala.

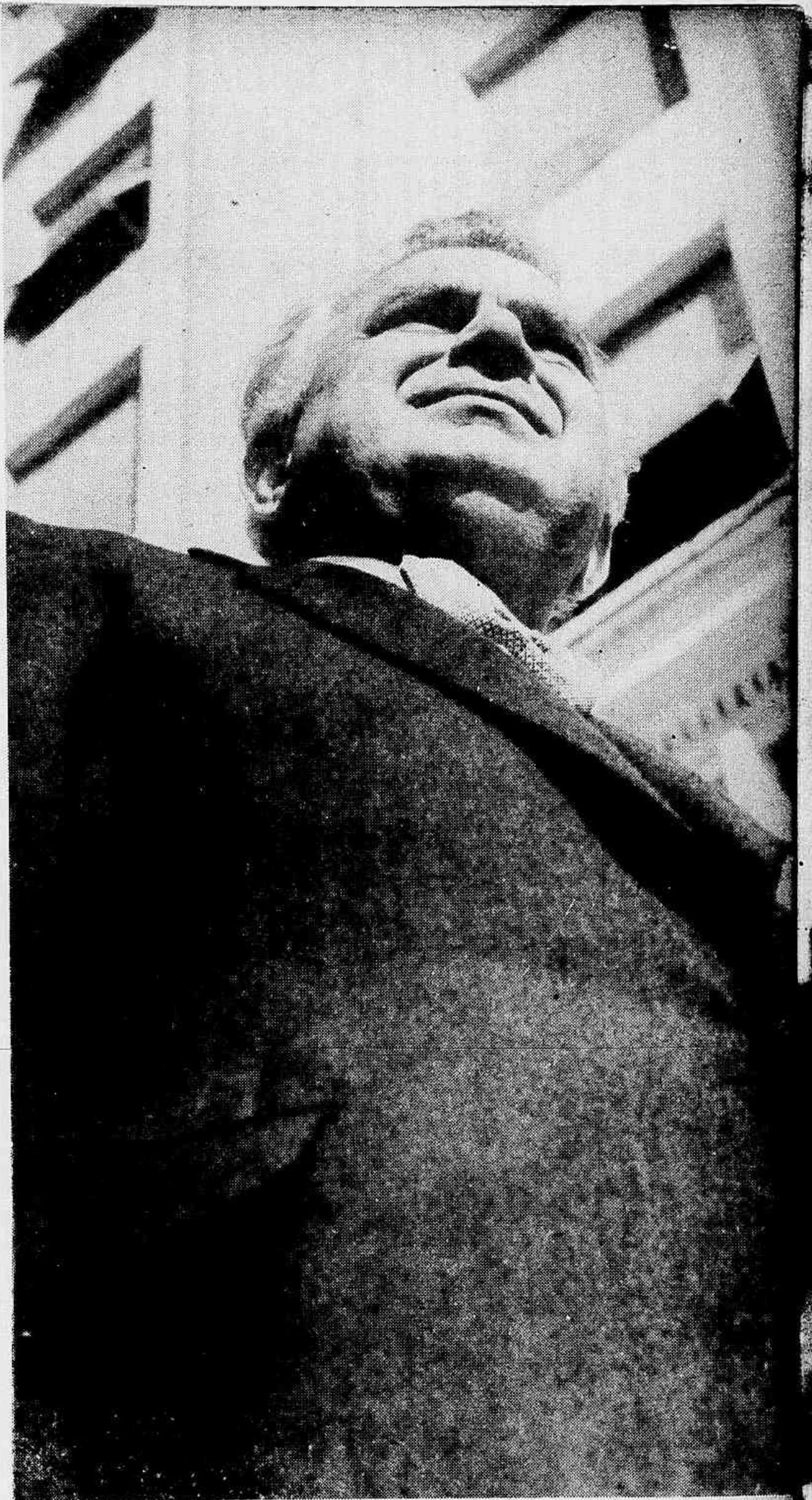
Só essa impressão ele retém? Há outra, que Serebriakov guarda: "O dia em que, ainda menininho, acompanhei ao piano, em público, meu pai, que era cantor. Foi uma dessas ocasiões que se colam à gente como se um ímã interior as puxasse. Razão: meu pai morreu uma semana depois".

PAIS E FILHOS

A conversa escorrega, quase sem que o apercebamos, para o terreno de sua música e — natural — para o da música dos outros. Serebriakov alude a Glinka: "Foi o pai da música russa. Hoje, a música soviética segue e mantém-lhe as tradições". O aspecto mais típico da cultura musical na Rússia de nossa época é a "participação enorme que vem tendo a juventude". Por exemplo, para não citar Katchaturián e os demais velhos, cujo conceito internacional se coloca além de qualquer discussão, Gayne Simonián, "apenas uma jovem, quase uma criança, assombra críticos e povo com seu incontestável gênio". Já escreveu todo um concerto para piano e orquestra. Pavel elogia-a: "Simonián é modelo de virtuosismo, correção artística e vocação. E demonstra como, com alegria e competência, os jovens vão ocupando o nosso lugar".

Não sei por que o neto Andreei reaparece na berlinda. O simpático Anatole, que serve de intérprete, não quer ficar atrás nessa história de corujismo familiar; e põe de repente na mesa uma foto de sua filha (aluna de piano) com ares de quem exhibe um trunfo tirado de sob a manga do casaco. Falou-se há pouco em que "os russos impregnem-se de música" e em que "é tal o seu interesse pelo tema que em cada República, em cada cidade, em cada bairro, não há praticamente quem não sonhe em ser músico ou compositor". Tanto, que é tarefa árdua, embora o vasto número de salões e teatros nas várias regiões, conseguir ingressos para as récitas. Fácil entrar na Escola Normal: existem sempre vagas. Contudo, conquanto cada bairro possua pelo menos uma escola de música, os candidatos são sempre em excesso. Recentemente, só numa dessas escolas, inscreveram-se duzentos candidatos para vinte vagas, a filha de Anatole entre eles. Como se efetua a matrícula? Assim — há uma comissão de professores incumbida dos exames (duram dois dias) dos pequenos candidatos, submetidos a testes de inteligência, vivacidade e ritmo. A criança deve cantar uma canção qualquer à sua escolha, mostrar que conhece as notas de música, a escala, e é capaz de distinguir e repetir um ritmo dado. Aprovada, estuda sete anos no grau primário; no secundário, mais quatro; no Conservatório, cinco. Os exames, concórdios, mais quatro; no Conservatório, cinco. Os exames, concórdios, realizam-se sem a presença dos pais. Para o Conservatório, exigem-se os diplomas de conclusão dos cursos inferiores de música. Dispensam-se os diplomas nos casos em que o talento é evidente.

— "E os talentos brotam como cogumelos".



— Um monumento!

H

ANDRÊZINHO GOSTARIA

Nada mais a dizer. Depois de duas horas de conversa, o repórter (que madrugou no hotel) fica rubro até à raiz dos cabelos porque só então Serebriakov cândidamente lhe confessa: — "Ainda não tomei café". Mesmo de estômago vazio, P.S. não perde no entanto o bom-humor. Ri quando o malicioso Anatole, olhando a fotografia de uma garôta brasileira, comenta piscando o olho: "Iei paltsa v rot nie cladi", o que, traduzido, significa: "ninguém lhe deve pôr o dedo na boca", ou seja — ela é do tipo que morde. Outro riso gostoso de P.S.: ao lembrar-lhe eu o episódio do bumba-meu-boi em Bonsucesso, na noite em que Pavel, tendo perdido o rumo da festa (foi dar por engano na Avenida Nova Iorque) para consolar-se da perda iminente do espetáculo folclórico, ensaiou uns passos desengonçados na rua e exclamou aos demais: "Não há de ser nada. Eu danço de boi".

Andrêzinho ria a valer com essa arte do vovô.

IMIGRANTES E PAUS DE ARARA I



Cenas como esta, de desembarque de paus-de-arara, são habituais no norte do Paraná. Com seu crescimento vertical, vertiginoso, Curitiba, à direita, possui, hoje, ares de grande cidade. Já a invadiu, inclusive, a praga do "Rock-and-Roll".

A CORRIDA para o enriquecimento rápido e fácil, a febre de conquista de novas propriedades, especialmente de grandes áreas de terra, envolvem o Paraná de nossos dias num clima de dinamismo que faz brotar cidades e vilas em todo o norte paranaense. E a fumaça das chaminés recém-inauguradas marca na paisagem antes selvagem a presença do homem pioneiro, seduzido pelas promissoras perspectivas da nova Canaan.

Casas de residências e de comércio se erguem de um dia para outro ao longo de ruas improvisadas, por onde trafegam, dentro de espessa nuvem de poeira, caminhões e "jeeps" carregados de gêneros, material de construção, móveis e utensílios. Pequenas e rudimentares indústrias ensaiam os primeiros passos, lojas e bares se instalam em rústicas edificações de madeira. Não há dúvida — é o progresso chegando, em grande forma.

Os famosos paus-de-arara, expulsos de suas terras pelos rigores da seca, já não se dirigem, como até há pouco, para São Paulo, em busca de melhores oportunidades. Continuam a longa viagem e desembarcam no norte paranaense. São milhares e milhares que chegam constantemente, misturados a alguns paulistas aventureiros e a imigrantes mais ousados — novos bandeirantes da era atômica empenhados no desbravamento e na conquista de um território inexplorado, e no qual se integram imediatamente.

Além dos imigrantes poloneses e italianos, que constituem a maioria dos alienígenas que se fixaram no Paraná, grandes levas de japoneses se têm dirigido para o norte paranaense, levando para aquela próspera região suas indiscutíveis habilidades de agricultores. Assim, toda a faixa de terra próxima aos limites com o Estado de São Paulo tem recebido intenso impulso civilizador, sendo

A INVADEM O NORTE PARANAENSE

ALMEIDA FISCHER

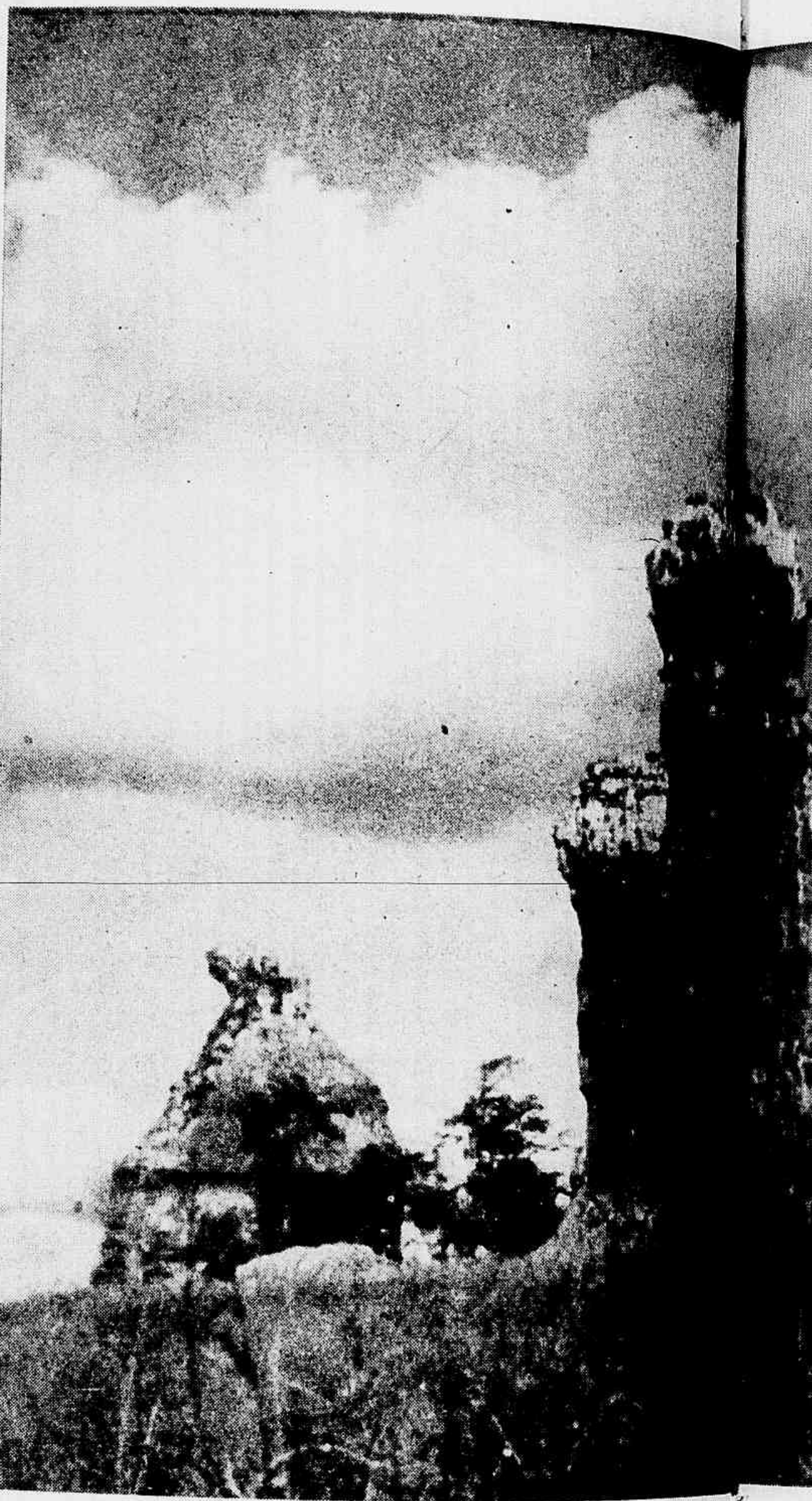


No Paraná, fortunas se acumu lan



No interior do Paraná — autêntico far-west — a vida está por um fio. Os morticínios constantes não surpreendem mais ninguém.

Londrina, Florai, Marialva também devem ao imigrante japonês muito de seu espetacular desenvolvimento.

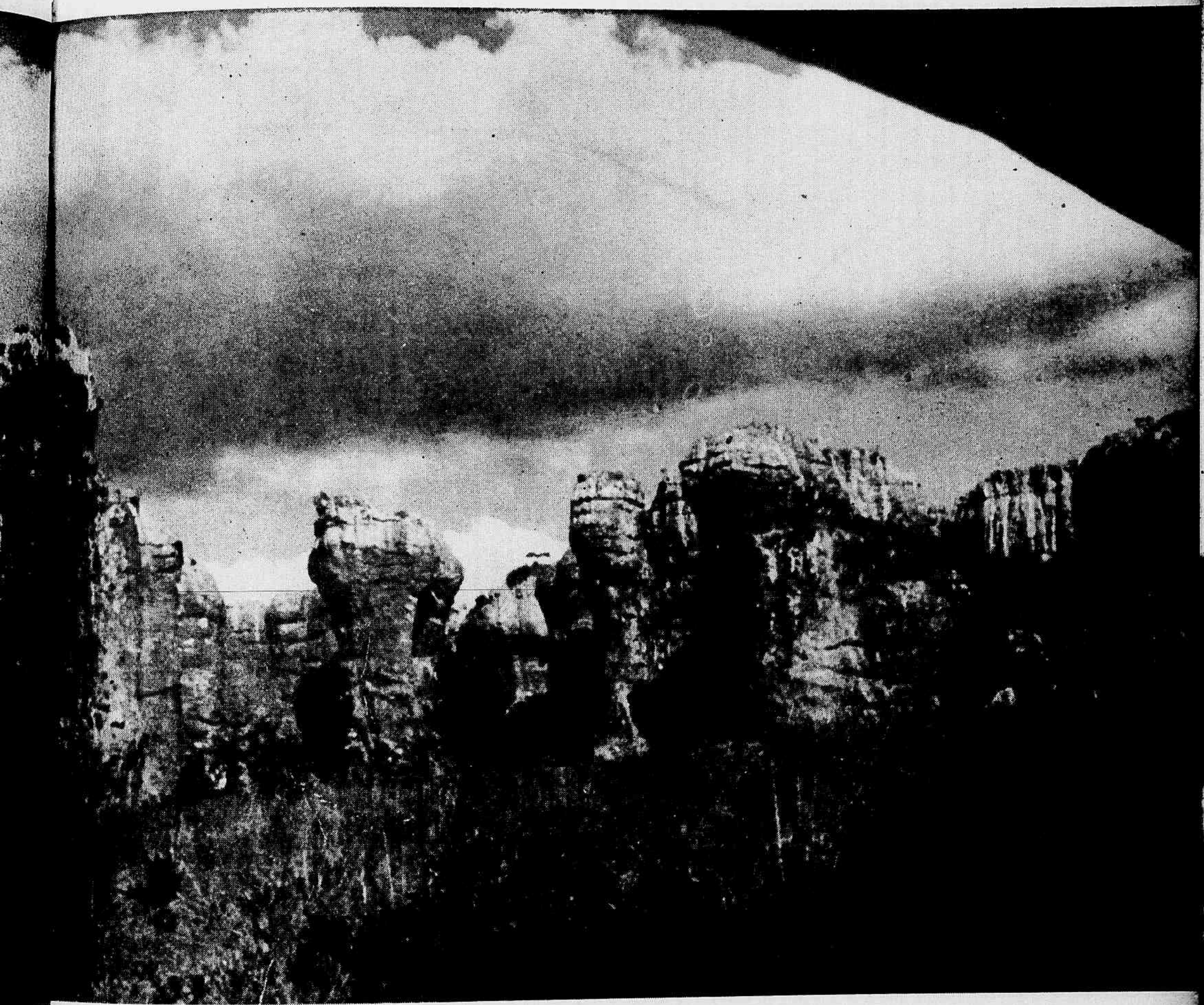


mesmo considerada a zona que mais se desenvolve atualmente no Brasil. Uma das cidades dessa região, Maringá, progrediu de maneira tão surpreendente em poucos anos, que chegou a ofuscar o notável e celebrado crescimento verificado em Marília, no interior paulista, na fase áurea do café. Da noite para o dia também surgiram muitas outras cidades já hoje de significativa importância econômica, como Florai, Marialva, etc. Mas Londrina continua sendo, ainda, a capital do norte paranaense, onde se realizam as mais vultosas transações da região. Continua sendo um grande centro comercial e industrial que cresce e se desenvolve a cada momento.

PROGRESSO EM RITMO DE "ROCK"

Ao contrário do que se pode supor, a parte central e sul do Estado do Paraná não se encontra estagnada. Continua se desenvolvendo em bom ritmo, recebendo também influxos progressistas

lam e se perdem, em alguns lances da sorte (ou do azar).



Até a paisagem do interior paranaense recorda o "hinterland" americano: Vila Velha é um autêntico cenário de filme de cow-boy.

da região norte, que se manifestam no ininterrupto crescimento de suas cidades. Ponta Grossa, o mais importante município dessa zona, depois da capital, é presentemente uma grande cidade moderna que já está crescendo em sentido vertical, com edifícios de seis a oito pavimentos. Dentro dos seus limites territoriais existem dois pontos de atração turística muito visitados, freqüentemente escolhidos para excursões: Vila Velha, com seus blocos rochosos trabalhados pelo tempo aparentando uma cidade, e Lagoa Doutrada, com suas águas reverberando como um estranho e deformado sol.

Todo o Estado se desenvolve vertiginosamente, em ritmo de "Rock and Roll", dominado pela mesma febre de enriquecimento. E suas áreas, antes ocupadas por imensos pinheirais, aparecem hoje transformadas em campos das mais diversas culturas.

Essa prosperidade geral, que se nota em todo o território do Paraná, se reflete acentuadamente em sua capital, com seus

arranha-céus cada vez mais altos, sua intensa vida comercial, seus cinemas de luxo. Por outro lado, os entraves das grandes cidades também começam a se apresentar, através das filas e dos problemas de transportes e moradia. Na parte mais central de Curitiba o povo já se atropela no borborinho humano que caracteriza os grandes centros, e camelôs exibem suas mercadorias de procedência duvidosa nas esquinas, enquanto o "rapa" não chega... Os jornais da terra noticiam todos os dias crimes e desastres, infidelidades e misérias; ambulâncias e tintureiros enchem as ruas com os gritos angustiados das sirenas... E "jovens transviados" dançam o "Rock" e repetem as melancólicas façanhas tão comuns no Rio de Janeiro...

De qualquer modo, tudo progride e se desenvolve em ritmo acelerado, fortunas se acumulam e se perdem em alguns lances de sorte ou de azar — e o Paraná caminha, resoluto, para os seus grandes designios.

LOLA MONTÉS

A história de uma artista
revela outra (Martine Carol)
e serve ao diretor
Max Ophuls
para despedir-se do cinema
com uma obra-prima.

Como Lola Montés, a dançarina e cantora que saiu da Espanha para conquistar o mundo, conquistou-o e acabou num circo, Martine Carol não é apenas a estrela mais fulgurante do cinema francês, porque se revela também uma verdadeira atriz, numa "performance" inteiramente diversa de quantas teve nos "strip-teases" históricos (Lucrécia Bórgia, Madame Du Barry) de seu marido Christian-Jaque, de quem agora está separada, sem reconciliação à vista. A revelação feita por Max Ophuls não se seguiu, infelizmente, a confirmação desse talento. Martine deu azar na sua primeira experiência americana — ao lado de Van Johnson em "A Brutal Aventura". Mas esteve, a todo o brilho, na comédia francesa de Preston Sturges, "As Memórias do Major Thompson", que vimos há pouco no Rio. Atualmente, filma "Núpcias Venezianas", sob a direção de Alberto Cavalcanti, que nada tem de parecido com Ophuls, sobretudo no que diz respeito a estilo.

A ÚLTIMA OBRA de Max Ophuls, **Lola Montés** é a obra-prima do cineasta vienense, que a realizou em Paris, pouco antes de morrer. A fita é audaciosa, até revolucionária, no que tange a vários elementos. Para começar, é a produção mais cara do cinema francês, superando os gastos (ou o desperdício) de Marcel Carné em **Les Portes de la Nuit**, superando também os "divertissements" históricos (**Os Amores de Lucrécia Bórgia**, **Madame Du Barry**) feitos por Christian-Jaque com a mesma Martine Carol. E, do ponto de vista artístico, desobedece a todas as regras da cronologia dramática, emprega **décors** ultra-estilizados (de Jean D'Eaubonne) num admirável colorido (EastmanColor), e põe em evidência a intenção do diretor de dar uma dimensão estética ao novo tipo de retângulo lançado pelo CinemaScope. A esplêndida atuação de Martine Carol, no papel-título, pode ainda ser catalogada entre as surpresas desta fita tão admirável quanto controversa.

INCOMPREENSÃO OU VANDALISMO

Por algumas das qualidades acima referidas — por causa das mais altas, exatamente — **Lola Montés** não teve, em Paris, uma estréia tranqüila. O lançamento, no princípio de 1956, foi tumultuado por dupla incompreensão — a do público, que reagiu lenta-

mente ao impacto artístico da narrativa, e a dos financiadores da produção, que decidiram apressadamente modificar a própria estrutura do filme. Alegaram os últimos que a má recepção, nesses primeiros dias, derivava da dificuldade de acompanhar a trama de **Lola Montés** através dos vários **flashbacks** dispostos sem ordem cronológica. Por isso não viam outro recurso senão a "correção" do que, por sinal, era uma das características mais vibrantes do estilo do filme.

Max Ophuls lutou bravamente em defesa de seus direitos de autor, tendo a seu lado, como era de esperar, a totalidade da crítica francesa. Lutou até ser fulminado, num leito de hospital, por um colapso cardíaco. Mas a resistência não foi inútil. A cópia primitiva, a única legítima, foi reapresentada — simultaneamente com a versão deturpada dos produtores. Mas o filme saiu da refrega demorada com a fama de "maldito", e acabou não tendo o êxito de bilheteria que merecia — porém só na França, já que o nome de Martine Carol, por si só, continuava a ser muito forte junto ao público de outros países.

Não eram muitas as esperanças de que **Lola Montés** viesse a ser importada pelos distribuidores brasileiros, que preferem, invariavelmente, adquirir na Europa os filmes medíocres, mas escandalosos no que diz respeito a sexo — esta a razão da rápida apre-

sentação aqui de tôdas as "fitas" cujo "tema" é o Cassino de Paris. Agora, todavia, vem-nos a notícia de que **Lola Montés** já chegou e está prestes a ser exibida. Ainda não sabemos qual das duas versões foi a escolhida. Mesmo que tenha sido a outra, a "comercial", o bom gosto e a classe de Max Ophuls devem prevalecer sôbre as alterações impostas ao que, em estado natural, é uma das narrativas mais bonitas — visualmente, também — já apresentadas pelo cinema. A maior, entre essas alterações, foi realmente a restauração da ordem cronológica, eliminando, assim, o ponto em que Ophuls absorveu um dos ensinamentos de **Citizen Kane** (Cidadão Kane) — nos muitos **flashbacks** que saem de Nova Orleans, onde a vida é um circo, para a Itália, Paris, Escócia, Nice, Baviera, lugares onde Lola viveu algumas de suas mais impressionantes aventuras.

LOLA — MARTINE

Foi com duas vêzes Lola que Marlene Dietrich ascendeu à glória. Vinte e cinco anos depois daquela Lola-Lola, stenbergiana, de **O Anjo Azul**, Martine Carol obteve, com uma lola só, igual triunfo — o único triunfo indiscutível de sua carreira, que até então estava dedicada, tôda ela, ao **sex-appeal**. No cinema desde 1943, Martine fez-se, pouco depois da guerra, a maior estrêla do cinema francês, mas ninguém, apesar de sua beleza (e de sua simpatia), tinha coragem de considerá-la uma grande atriz. **Lola Montés** vem modificar tudo isso — e vem confirmar aquela tese de que a beleza é a matéria prima, na qual, cedo ou tarde, se instala o talento.

A princípio dançarina, Lola Montés chegou a cantar na Ópera de Munich, ao tornar-se amante do rei Luiz I (Anton Walbrook, em firme interpretação), de quem, entretanto, teve de se separar, ao estourar uma revolução que ameaçava tirar Luiz I do trono se ele não renunciasse àquela mulher. Antes, na Itália, Lola tivera um romance com Franz Liszt (Will Quadflieg), mas, um dia, a carruagem do compositor se separou da sua. Logo após a partida da Baviera, Lola encontra outro amante num estudante (Oskar Werner) que a protege durante a fuga. O filme se refere ainda — em outros **flashbacks** — aos conflitos da artista com a mãe interesseira e egoísta, que procura convencê-la a casar-se com um milionário. No último momento, Lola consegue escapar — desde cedo sua vida era uma fuga permanente — e, como revolta (ou vingança), casa-se com o amante da mãe, um escocês rude e bêbedo (Ivan Desny), de quem ela não tarda a (novamente) fugir.

Todos êsses episódios são recordados pela heroína nos intervalos de sua apresentação num circo de Nova Orleans. Lola está marcada pela idade e por suas inúmeras aventuras — está doente, quase desfalece em cima do trapézio. Mas tem de continuar de pé, dentro de uma gaiola, exibida pelo empresário (Peter Ustinov) como um animal raro — ou como a mulher que teve tôda a Europa a seus pés e que, por apenas um dólar, os espectadores podem agora beijar a mão. Um dólar, um dólar... A voz do empresário ainda é ouvida quando termina, num demorado **fade-out**, a história de Lola Montés.

OPHULS, O ARTISTA

Max Ophuls, nascido em Sarrebruck em 1902 e desaparecido em Paris 55 anos depois, foi sempre um verdadeiro cineasta em Viena, onde realizou o antológico **Liebelei** (1932), clímax do cinema romântico; na França, com **Yoshiwara** (1937), uma versão de **Werther** (1938) e **De Mayerling a Sarajevo** (1939); em Hollywood, durante a guerra, especialmente com **Caught** (1947), vigoroso drama interpretado por James Mason, Robert Ryan e Barbara Bel Geddes e já denotando a influência de Orson Welles, e com **A Letter from an Unknown Woman** (Carta de uma Desconhecida, 1948), com Joan Fontaine e Louis Jourdan num clima marcadamente vienense. Por fim, novamente na França, teve o melhor período de sua carreira, realizando **La Ronde** (1950), baseado na peça de Schnitzler e o seu maior êxito de bilheteria, e os admiráveis **Le Plaisir** (O Prazer, 1951) e **Madame De...** (Desejos Proibidos).

Um verdadeiro artista — e até o fim — Max Ophuls realizou, na despedida, a obra que não permitirá que seu nome venha a ser esquecido pelos apreciadores do bom, do legítimo cinema.



Lola com Franz Liszt (Will Quadflieg)
Amor e Rapsódia Húngara

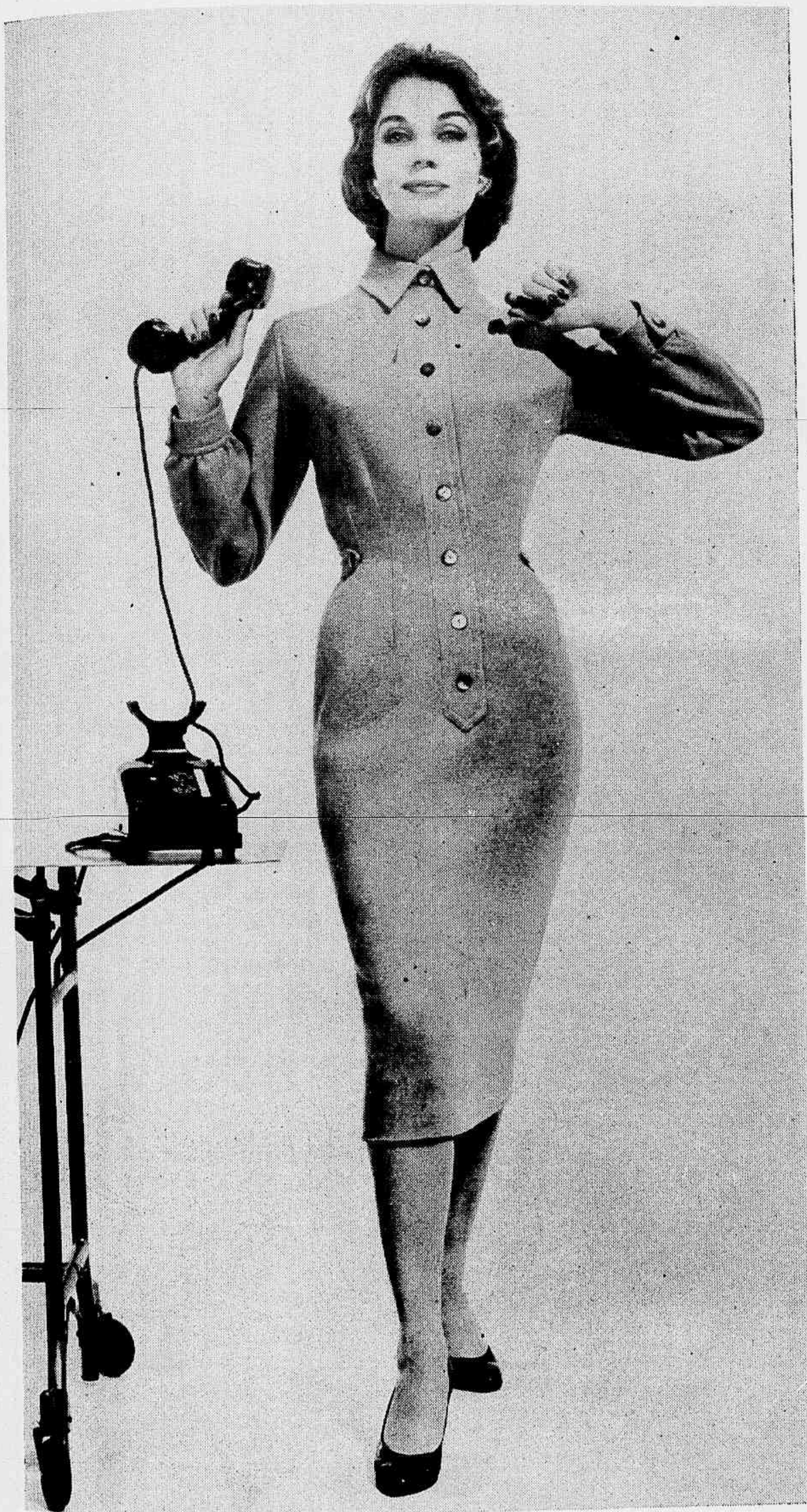


Lola com Luiz I da Baviera (Anton Walbrook)
Amor e política

◆ HERMES

Flanela para passeio bege, abotoado de cima até em baixo com botões fantasia. Mangas amplas, gola esporte, cinto de couro.





◆ **GATTEGNO**

Flanela cinza escuro, mangas abaixo dos cotovelos, cinto de couro, gola claudine, plissados na saia.

◆ **NOVA MODA PARA 1959**

Cintura marcada, busto alto e ombros largos. Este vestido de Clarence é de flanela cinza claro, gola rente ao pescoço, cintura ajustada por dois lados.



♦ ROSE VALOIS apresenta, "en cage", com véu preto bordado de pequenos laços de veludo preto recobrindo um "pouff" (penteadado cônico de cabelos, por Alexandre).



♦ OUTRA criação de Rose Valois, chapéu sino de abas curtas côm de laranja com enfeites dourados.

EXTRA VAGÂNCIAS PARISIENSES

O PROBLEMA DA ILUMINAÇÃO

PARA UM SALÃO grande que serve a toda família e diversos fins: tais como, sala de estar, biblioteca, sala de jogo ou de música, convém evitar a luz central. Este modo de iluminação trará demais rigorismo ao ambiente da sala, que, aliás, não o comporta. Convém dar preferência aos sistemas de iluminação dispersa e nos lugares onde necessária: numa mesinha, perto de uma poltrona, de uma biblioteca ou escrivaninha, uma lâmpada com pé que poderá ser transportada de um lugar para outro, caso necessário.

Nas decorações modernas utiliza-se agora, em muitos casos, para a mesa de jantar um "appliqué" na parede com braço comprido, giratório, e terminado por "abat-jour". Aproveita-se desse modo um sistema de iluminação racional ao mesmo tempo que estético; uma lâmpada de 100 watts dará iluminação suficiente, sem cansar a vista. Ao lado de uma mesinha e junto à poltrona a lâmpada com pé poderá projetar uma luz mais branda, criando um ambiente íntimo e favorável ao repouso. Para a leitura a luz próxima, é suficiente uma ampola de 60 watts.

A altura do pé de uma lâmpada, também tem importância. Um pé de 1 metro, 25 de altura evitará projetar-se a luz nos olhos, sem todavia projetar a luz em demasiada distância.

Se os móveis acham-se colocados próximos à parede pode também, leitora, usar o sistema de "appliqués" com haste fina e comprida, nas paredes perto do lugar destinado à leitura de costume. Isto dará uma nota completamente particular à sua sala. Neste caso, convém ser a "appliqué" de sistema giratório. A altura na qual deve ser colocada esta na parede, varia, entre um metro e 50 e um metro e 60 do chão.

Nas decorações de casas, pelo sistema moderno e para salas destinadas ao mesmo tempo a diversos fins, é indicado a mesa que será transformada depois das refeições em mesinha baixa de salão, isto por meio do sistema de dobrar os pés da mesa. Entre o novo gênero de móveis, existem os chamados móveis-mistos: servem para várias finalidades; alguns, por exemplo, são em estilo de biblioteca, sendo algumas das prateleiras destinadas a livros ou bibelôs, as outras, porém, podem ser fechadas, servindo nesse caso para guardar a louça fina ou mesmo um pequeno bar.

Uma das novidades para a casa que está obtendo sucesso junto às donas de casa, são as instalações de botões elétricos automáticos dentro dos armários embutidos, tanto para os utensílios de copa e cozinha como para o vestuário. Estas luzes acendem-se automaticamente pelo contato da porta no momento de abri-la, como aliás já te tornam comuns nos carros em modelos mais recentes. Temos que reconhecer que estes pequenos aperfeiçoamentos aliviam um pouco a tarefa da dona de casa e a tornam mais divertida e mesmo artística.



Fala o Secretário das Finanças da Prefeitura Dr. Nelson Mufarrej, em nome do Prefeito, após a inauguração da nova agência. A direita: o Presidente do Banco, Dr. Euclides Carvalho de Oliveira, cercado de autoridades, clientes e amigos, após o ato inaugural.

MAIS UMA AGÊNCIA DO BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

A RUA JOSÉ MAURÍCIO, 101-B, na Penha, teve lugar recentemente o ato inaugural da mais nova agência do Banco da Prefeitura do Distrito Federal, que contou com a presença do operoso Presidente do conceituado estabelecimento de crédito, Dr. Euclides Carvalho de Oliveira, e dos demais diretores, Srs. Oscar de Luna Freire, Fausto Figueira Soares Alvim e José Cândido Almeida dos Reis. Além destes, registramos o comparecimento do representante do Prefeito, Sr. Nelson Mufarrej, Secretário das Finanças da Prefeitura, do Sr. Ministro José Fontes Romero, do Vereador Celso Lisboa, Presidente da Câmara de Vereadores do Distrito Federal, do Vereador Cotrim Neto e do Sr. Péricles Gomes Barbosa, Diretor do Montepio dos Empregados Municipais, de numerosos comerciantes locais e clientes da Agência.

O Banco da Prefeitura do Distrito Federal, que funciona sob a gerência esclarecida do Sr. José Antônio Rodrigues Viana, continua, pois, cumprindo com elogiável regularidade seu programa de expansão bancária, colocando-se assim no nível dos mais adiantados estabelecimentos de crédito da Capital da República.

Monsenhor Isaac Alves dos Santos, abençoando o novo estabelecimento bancário que servirá o populoso e progressista subúrbio da Penha. A direita: Após as solenidades inaugurais, começou a funcionar a mais nova agência do Banco, vendo-se na foto numerosas pessoas preenchendo no balcão as fichas de depósito.

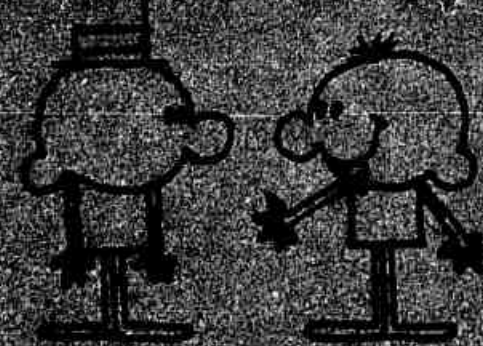
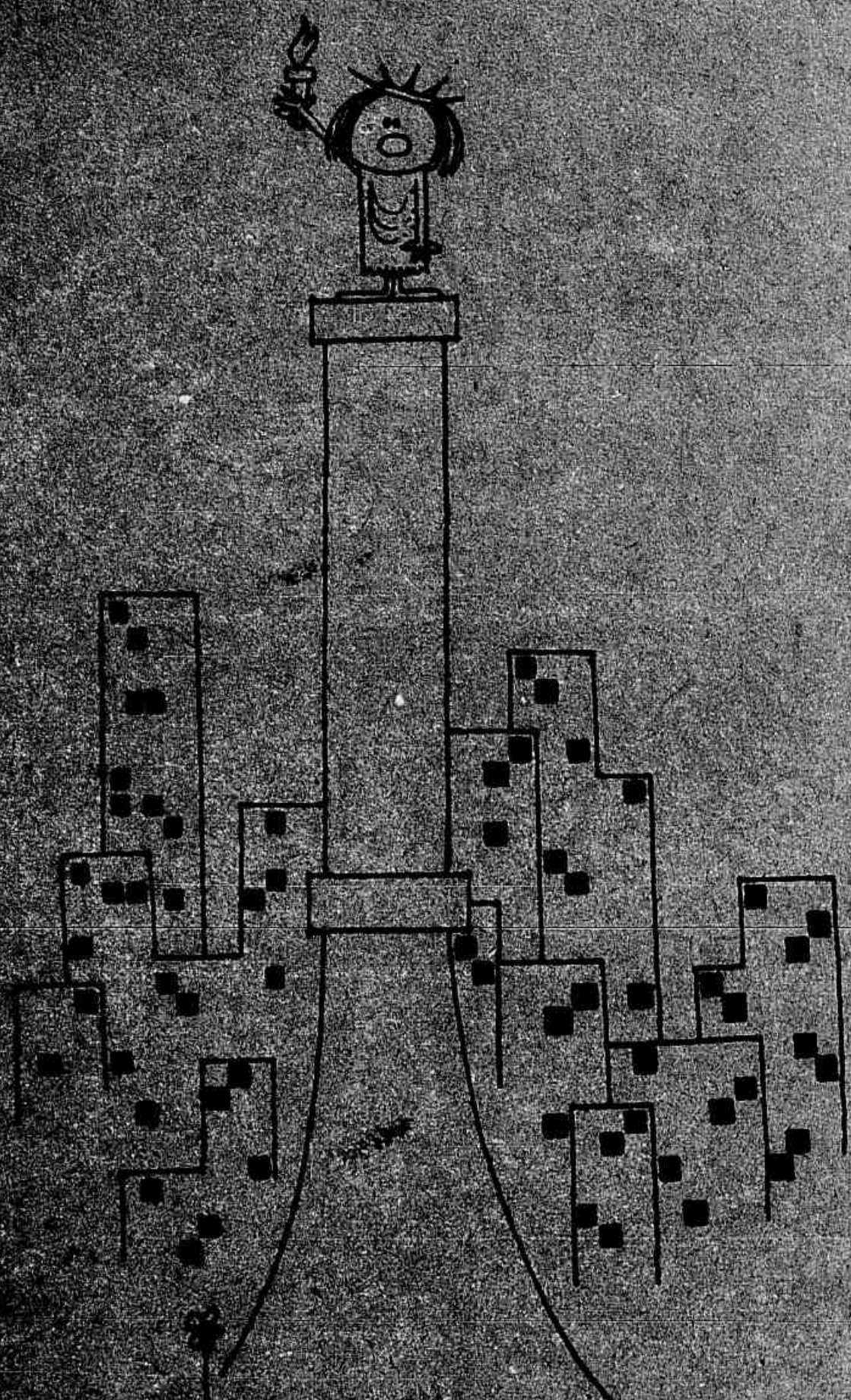


Um aspecto da fachada da Agência da Penha, ora entregue ao público.

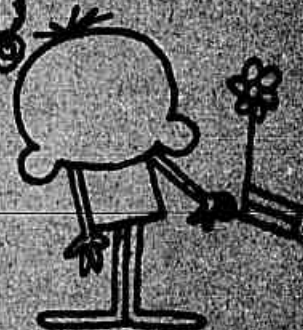
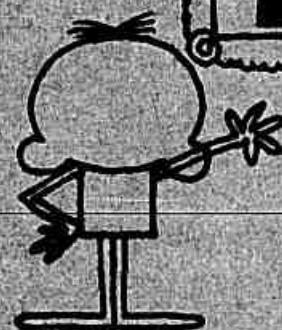


AMBROZIO

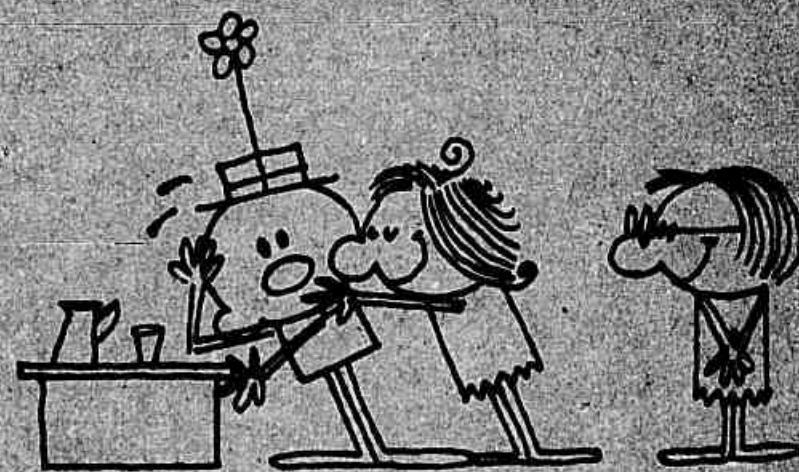
U. S. A.



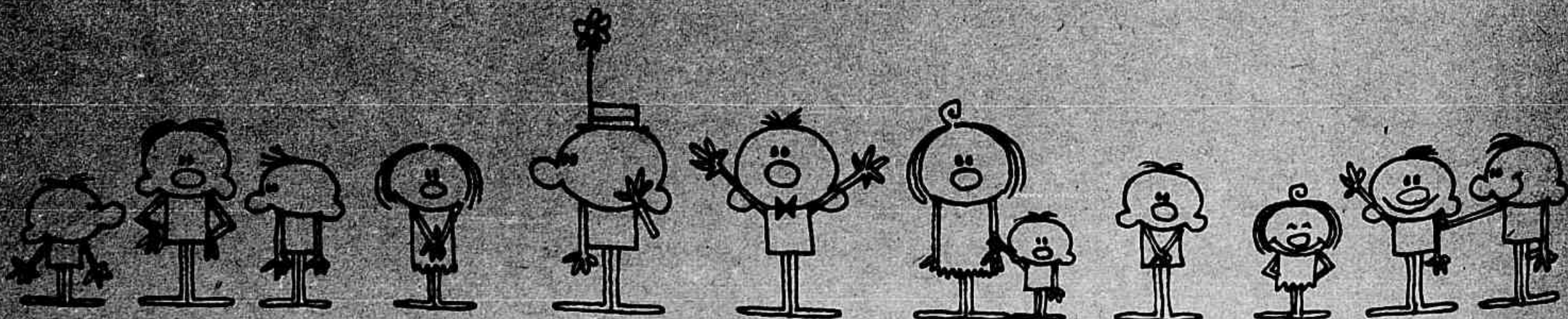
...ELES RECEBERAM UMA CARTA DO PRESIDENTE A DIZER-LHE AS COLAS DAS AMERICAS...
...ELES SÃO MUITO VOTOS A NOTAM...
...ELES SÃO MUITO VOTOS A NOTAM...



...ELE É BEM O SÍMBOLO DA DEMOCRACIA. NASCEU NUMA HUMILDE CABANA CONSTRUÍDA POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS...



...É VERDADE, QUERIDO CONFERENCISTA, QUE VOCES SUL-AMERICANOS, SÃO MUITO TEMPERAMENTAIS?...



...NOSSO MAIOR PROBLEMA É A SUPER-PRODUÇÃO!

ELEGÂNCIA É SINÔNIMO de estoicismo. Quem quer ser elegante deve estar disposto a sofrer as conseqüências de sua ambição, financeira e fisicamente. E o tributo nem sempre é dos mais leves, castigando músculos e depósitos bancários. O estoicismo da elegância pode ser admiravelmente **estudado nos grandes eventos** de uma temporada, como é o caso do Grande Prêmio Brasil, por exemplo. Após duas horas incômodas na pelouse, sob a ação do calor e sem ter onde repousar, as aparências enganosas começam a desmoronar e a fibra da verdadeira elegância impõe sua categoria e seu domínio. Por isso mesmo Mariazinha decepcionou-se na tarde de gala do Sweepstake, ao verificar como as freqüentadoras da pelouse aderiram em massa ao guaraná e sanduíche depois das 16 horas. Sob o verde relvado pairava uma impressão melancólica e irremediável de convescote campestre, provando que entre a parceria estoicismo & elegância e o espectro da fome, triunfara a tentação das empadinhas e do presunto. Dulce deve ter fracassado de propósito, indignada com a platéia que Roberto e Nelson arranjaram para lhe aplaudir a vitória...

DI CAVALCANTI pediu asilo ao Jockey Club na tarde do Sweepstake, fugindo a certas chateações que lhe violavam o domicílio por via telefônica. E com sua veia ferino-poética garantia a um amigo que as mocinhas suburbanas esperam pelo Grande Prêmio Brasil com a mesma ansiedade com que algumas delicadas criaturas esperam pelo "Municipal dos Aflitos", o travesti carnavalesco do João Caetano. Um e outras economizam meio ano para desfilar na grande ocasião. E só fazem colecionar decepções e complexos.

O **ADVOGADO** Hélio Jaguaribe venceu um marco importante de sua carreira política na tarde do Sweepstake: estreou cartola cinza.

OLHADÍSSIMA a moça Sônia Amaral no presente exercício social. No prado ou no Country, dia 3, de binóculo ou rabo de ôlho, a marmanjada decorava sua beleza.

DEVE TER SIDO inspiração do major Antônio João a disposição que algumas mesas do Country tomaram, na noite do Sweepstake. Trânsito difícilimo para bailarinos e garções, além de farta distribuição de cascudos e petelecos toda vez que pratos e bebidas eram servidos. Resultado: dois sorvetes fizeram uma aterrissagem forçada no decote de um modelo colher. Madame soube pela primeira vez em sua vida o sentido exato de um calafrio na espinha...

TAMBÉM NO COUNTRY a presença marota de um chapéu (!!) recoberto de penugens estranhadíssimas. Como o chapéu era muito dançante e seu gabarito coincidia com os narizes masculinos, tivemos vários acessos de espirro na pista superlotada.

HA UM CAVALHEIRO cujos dons hipnóticos vem alcançando grande sucesso.

Numa das últimas reuniões promovidas em seu apartamento da avenida Atlântica criou-se uma situação delicada, pois o subconsciente falastrão de ilustre dama que recuara no tempo, devidamente hipnotizada, deu com a língua nos dentes e anarquizou a árvore genealógica da sua nobre estirpe. Houve um instante dramático em que a coisa parecia até um plágio da "Nêga Fulô", do saudoso Jorge de Lima...

A **CANDIDATURA** do dr. Nelson Sá Earp à Prefeitura de Petrópolis alegrou imensamente Mariazinha, cujo veraneio é petropolitano por tradição. Vamos ver se a cidade, finalmente, consegue um prefeito que cuide de si. Médico de valor e petropolitano ortodoxo, o dr. Sá Earp é o nome indicado para consertar as burradas dos últimos alcaides que o eleitorado serrano tão infelizmente selecionou.

PARECE GEMIDO de quem tem cólicas o nome desse novo pacote português que substitui o "Vera Cruz": o "Uige". Guilherme D'Orey bem que podia crismar o navio com um nome mais simpático.

O **DISCURSO DE JK** a Foster Dulles, em Brasília, foi de um floreado ridículo e de um estilo nada másculo. Nas entrelinhas os experts sentiram o estro poético de um gordo vate, em divagações supostamente pan-americanas.

AS NOITES CARIOCAS sentiram o impacto dos boatos sobre as cabulosas virtudes da carne tratada por hormônios. O strogonoff de galinha assumiu imediatamente a liderança das pedidas, relegando picadinho e strogonoff bovino a um previdente ostracismo.

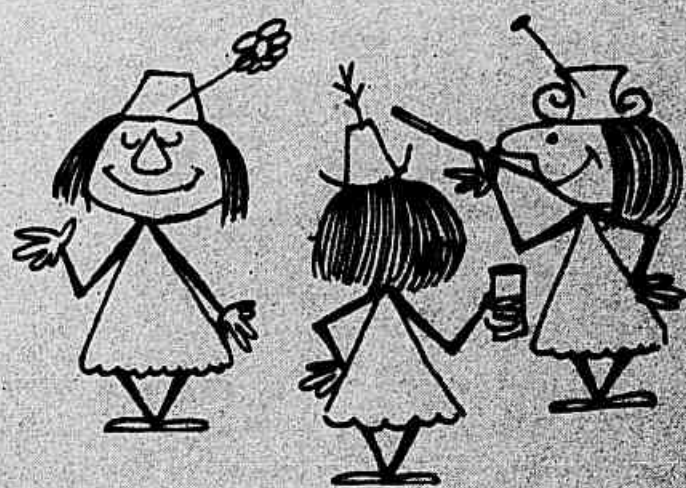
QUEM NÃO DEVE ter se assustado muito com essas versões foi o Virgílio Carneiro, que continua saboreando bifes sangrentos e reforçados. O sôro do velhinho enfrenta qualquer parada.

HA UM DIPLOMATA estrangeiro que deveria ser mais cuidadoso com os locais que freqüenta e as companhias com que é visto. Numa dessas batidas contra a juventude transviada o "tintureiro" pode recolhê-lo e até se provar que pulga não é elefante, teremos um belo escândalo para as manchetes dos pasquins sensacionalistas.

A **DERROTA** do Candinho Motta Filho na Acadmeia Brasileira de Letras veio provar que São Paulo continua mesmo por baixo.

DE CARROÇARIA NOVA o solteirão Sílvio Gomes de Matos: emagreceu dez quilos, perdeu a barriga e deixou crescer as costeletas. Velha mesmo, só a simpatia, que é grande.

CARECAS ASSANHADÍSSIMOS com o miraculoso tônico capilar descoberto pelo deputado Lutero Vargas. Dizem as más línguas que até o sr. Tancredo Neves foi visto comprando pente e gomalina.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



SOCIEDADE

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS



Gregório.

DE VOLTA a Washington, no dia 7, afirma o secretário de Estado Norte-Americano — Sr. Foster Dulles, não ter dúvida de que “será positivo e criador o resultado da Operação Pan-Americana proposta pelo Presidente Kubitschek”, quando da sua estada no Brasil.

“Realizamos uma visita maravilhosa e estamos muito agradecidos pela calorosa recepção que nos foi proporcionada pelo governo e pelo povo brasileiro” — disse, por ocasião de seu desembarque.

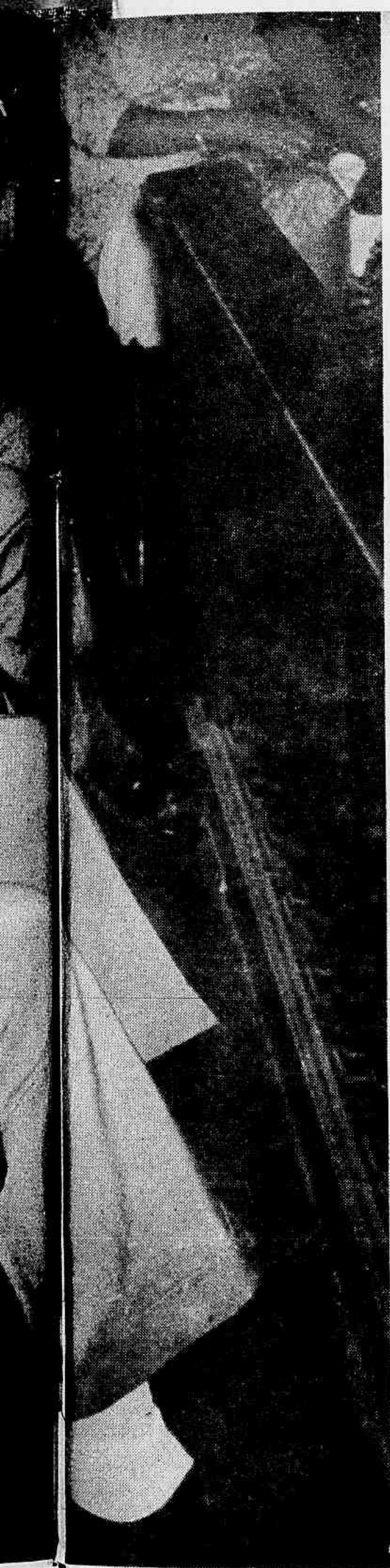
Referiu-se ainda o Secretário de Estado ao “dinamismo dos povos latino-americanos” e à “maior aproximação que sua visita trouxe entre duas nações já tradicionalmente amigas”.

Depois de conferenciar durante trinta minutos na Casa Branca, com o Presidente Eisenhower, convocou Foster Dulles os embaixadores latino-americanos para uma reunião no dia seguinte, com o objetivo de informá-los das conversações mantidas, no Brasil.

O ASSESSOR ECONÔMICO do Ministério da Fazenda — o Sr. Cassimiro Ribeiro, regressa dos Estados Unidos, aonde fôra ultimar negociações referentes à liberação de parte de nossa reserva, em dólar, no Fundo Monetário Internacional.

Com a chegada, esta semana, dos demais encarregados brasileiros às negociações do empréstimo ao Eximbank e a grupos particulares, deverão estar terminados os trabalhos. Segundo certas fontes, o total das operações atingirá a bela cifra de 235 milhões de dólares.

VOLTA A PAUTA o crime da rua Toneleros, ocorrido a 5 de agosto de 1954, onde perdeu a vida o major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, e foi ferido o jornalista Carlos Lacerda — através do julgamento do processo, relativo às apelações interpostas pelos criminosos — Climério Euribes de Almeida, Gregório Fortunato, Nelson Raimundo, José Antônio Soares e Alcino João Nascimento — condenados pelo primeiro tribunal do Júri às penas



Cássio

de 33, 25, 11, 26 e 33 anos de reclusão, respectivamente. Tal crime, como todos se recordam, de natureza política, foi um dos acontecimentos mais sensacionais dos últimos anos, no Brasil, e um dos motivos que levaram ao suicídio o Presidente Getúlio Vargas.

Agora, quatro anos depois, a 2.^a Câmara Criminal do Tribunal de Justiça, em sessão realizada na tarde do dia 7, negou provimento à apelação de Gregório e seus cúmplices.

No julgamento falaram, além dos advogados dos demais, o advogado de Gregório — Romeiro Neto. Na acusação, funcionou somente Adauto Lúcio Cardoso, que contestou, na Tribuna, as razões expostas pelos representantes dos apelantes.

OUTRO IMPORTANTE acontecimento da semana no Rio — este no plano literário, foi o lançamento feito, na livraria São José, do último livro de Jorge Amado — “Gabriela, Cravo e Canela” — com a presença do grande romancista. Foi também lançado, na ocasião, um disco “long-playng” de trabalhos do es-

critor (e por ele ditos) — “Canto de Amor à Bahia” e “Quatro Acalantos de Gabriela”.

Do mesmo modo que Jorge Amado, Dorival Caymmi, responsável pelo acompanhamento musical do disco, autografou na livraria, intransitável nesta tarde. As figuras mais expressivas de nossa literatura ali compareceram para homenagear o grande escritor, e lá ficaram até oito da noite, lado a lado com um público numeroso. Ao alvoreço reinante, não faltou um inesperado choque pugilístico, tendo como participantes duas conhecidas figuras de nosso meio intelectual.

No dia 3, a tarde de autógrafos foi reprisada em São Paulo, contando ainda com o lançamento da peça teatral de Jorge Amado, recém-reeditada: “O Amor do Soldado”.

EM BOGOTÁ, Alberto Lleras Camargo, ex-presidente da Colômbia, assume, no dia 7, a Presidência da República para o período de 1958 a 1962. Inicia-se, assim, o que o próprio Lleras de-



Amado.

nominou de "Segunda República", depois da terrível ditadura que manietou o país durante tanto tempo.

A cerimônia, de grande sobriedade, foi assistida por apenas 600 pessoas (entre elas os representantes de 41 nações amigas). O juramento foi tomado ao novo mandatário pelo velho e doente Laureano Gomez, na sua qualidade de Presidente do Senado.

Também no dia 9, domingo, tomou posse e prestou juramento o novo Presidente da República Portuguesa — Almirante Américo Thomaz. A cerimônia, compareceram as mais altas personalidades de todos os setores da administração, da política, das classes produtoras e da sociedade, do mesmo modo que todo o corpo diplomático estrangeiro. O Sr. Alvaro Lins, embaixador do Brasil, tivera, no dia 7, uma entrevista de 2 horas com o presidente eleito, na sua residência particular de Cascais.

Em Nova Iorque, o popular romancista Ernest Hemingway pede à Corte Suprema que proíba à revista "Esquire" de reeditar três antigas novelas suas, alegando que, quando elas foram escritas e pela primeira vez publicadas pela revista, se encontrava na Espanha como correspondente de guerra e suas simpatias ainda se dirigiam ao Partido Comunista Espanhol. "A atitude do público mudou consideravelmente desde então" — explica o romancista — "e a Rússia que era então nossa aliada, é hoje talvez o nosso maior inimigo".

O LIBELO POPULAR sobre a morte de Aída Cúri, a jovem de 18 anos que foi jogada do alto de um edifício em Copacabana, continua a tomar grandes proporções. Cássio Murilo, assassino e sedutor, está em vias de pegar pelo menos quatro anos de SAM, dos quais possivelmente escaparia, não fôsse a indignação que se apossou da cidade, face à torpeza do episódio.

O "affaire" alcançou duas novas etapas: reconstituição e exame pericial. O crime foi reconstituído com os principais protagonistas, sendo Aída representada por uma moça chamada Teresinha, que de início ia criando um caso, já que reconheceu em Cássio o ladrão de algumas peças de sua lambreta e quis obrigá-lo a devolvê-las. Pouco depois, Cássio e Ronaldo, acusando-se mutuamente, quase se engalfinhavam. O Edifício Rio-Nobre estava cercado por considerável massa, que lá permaneceu até a madrugada para conhecer as conclusões da diligência.

Os laudos periciais inclinam-se para reforçar a hipótese de homicídio: atestam os exames realizados na murada externa do edifício. E o exame histiológico do IML constatou a virgindade

da infeliz Aída. Finalmente, devido ao depoimento secreto de uma nova testemunha, a polícia veio provar a culpabilidade de três: Cássio, Ronaldo, e ainda do porteiro do edifício, partícipe do crime, por omissão.

Enquanto isso os redutos dos transviados estão em pânico com as freqüentes batidas policiais. Kruel agora está no seu elemento: quer prender todo o mundo. Os primeiros pontos visados pela operação foram a Galeria Alaska e Snack-Bar, em Copacabana, mas por estas horas qualquer cidadão que se disponha a beber seu pacato chope em qualquer botequim, corre o o perigo de dar com os costados num distrito policial, acusado de pretendente a "currador"...

BOATOS ALARMANTES inquietaram a população masculina da cidade, divulgando o perigo que representaria a carne posta à venda no mercado, contaminada por uma vacina desvirilizante. Quando o povo, entre atemorizado e divertido, já acumulava um vasto anedotário sobre o acontecimento, veio uma nota tranquilizadora do Conselho Coordenador de Abastecimento. Afirma o parecer não estar o gado brasileiro sendo vacinado com stilbestrol (hormônio sintético) e que os homens podem comer carne à vontade. Acrescenta ainda a nota do Conselho não se ter ao menos cogitado em usar tal medicamento no Brasil, pois experiências nos Estados Unidos já atestaram a nocividade de seu emprego no tratamento do boi.

Com isto, muita gente que andava passando a peixe voltou a comprar o insubstituível bife — agora com seu prestígio recuperado.

NA NOITE DO dia 4, desembarcou no Galeão o famoso romancista inglês Aldous Huxley, em visita ao Brasil à convite do Itamarati, onde fará uma conferência sobre literatura. Em sua chegada, o autor de "Contraponto" e "Admirável Mundo Novo" recusou-se a prestar declarações sobre política internacional. A respeito de literatura brasileira, disse conhecer apenas duas obras de Machado de Assis e "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre. No dia 8, deu o romancista, na A.B.I., uma entrevista coletiva à imprensa.

INFORMA-SE, DOS E.U.A. que várias comissões do Congresso estão fazendo investigações supersecretas sobre discos voadores, completamente inéditas, e que a Força Aérea guarda, secretamente, dados de máxima importância que provariam que os "Discos Vo-

A semana também deixou...



Ivan Lins.



Carne perdeu a vez: araruta (peixe) teve seu dia de mingau.



Hemingway.

dores" realmente existem. Declara que os resultados dos estudos serão finalmente publicados quando se chegar a uma verdadeira conclusão.

É **ELEITO PARA** a Academia Brasileira de Letras, o ministro Ivan Lins, com 20 votos contra 14 (em segundo escrutínio), dados ao Sr. Cândido Mota Filho. O novo acadêmico passará a ocupar a cadeira n. 1, que pertencera ao historiador paulista Afonso d'Escagnole Taunay.

Iva Lins, mineiro, nascido a 16 de abril de 1904 e formado em 1930 pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, é, atualmente, Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Escreveu obras de Sociologia, de Direito, Filosofia e História.

Palavras do acadêmico eleito:

— "Sinto-me profundamente feliz. Foi uma vitória expressiva. Vitória, aliás, almejada há muito tempo".

CONTINUAM AS operações de desembarque de forças ocidentais no Oriente Médio, com a chegada no dia 7, no pôrto de Akaba, na Jordânia, do primeiro batalhão do Regimento Escocês dos "cameronianos". Noticia-se que o desembarque continuará.

Daquele pôrto, o equipamento e os soldados se deslocaram, até Amã, por via aérea — tendo em vista a decisão de Israel de proibir o sobrevôo de seu país. Também aviões norte-americanos levaram material e equipamento para Omã.

Com tal desembarque, elevam-se a 4 000 homens o efetivo das forças britânicas na Jordânia, e que tem, por principal razão, impedir as infiltrações de elementos da República Árabe Unida, presidida por Nasser.

Na verdade, embora ainda persistam infiltrações de agitadores vindos da Síria, de muito tem valido a presença das tropas ocidentais, pois seis "complots" contra o rei Hussein já foram descobertos e sufocados.

Em Beirute, por sua vez, mais mil soldados norte-americanos desembarcam no dia 5, do transporte de tropas "O'Eiges". Um porta-voz do comando americano noticia ser êste o ponto final da operação de reforço da cabeça-de-ponte iniciada uma semana atrás. Navios anteriores haviam trazido 2 batalhões de engenharia, e um batalhão de 72 tanques, sem falar em várias outras viaturas de todos os tipos.

PANORAMA

UM BOMBOM AS CRIANÇAS latino-americanas foi dado, esta semana, pelos poderosos vizinhos da América do Norte, que escolheram para portador o mais notável dos seus políticos da ativa, o Secretário de Estado John Foster Dulles.

Aproveitando os efeitos negativos da visita do Presidente Richard Nixon à América do Sul, onde fôra desfeito em vários países, o sr. Juscelino Kubitschek com aquela ligeireza mental e senso de oportunidade que Deus lhe deu, conclamou os Estados Unidos a uma posição mais realística diante do estranho mundo que se agita "ao sul do Rio Grande". Falou na hora exata. Acontece, entretanto, que os povos latino-americanos estão se libertando rapidamente do ciclo palavroso em que até agora viveram e esperam compensações sólidas e materiais para sua participação em blocos políticos. Daí o Presidente brasileiro ter colocado justamente o ponto básico da nova política continental em termos de integração e ajuda econômica recíproca.

PARA SABER COMO andavam as modas, o sr. John Foster Dulles se dispôs a vir ao Brasil e — justiça se lhe faça — pouca gente contava que ele viesse, no momento em que o Oriente Médio entrava numa das suas crises milenares. Mas veio. Prestando uma homenagem ao país e à América Latina, pois era de América Latina que se tratava. Os irmãos da OPA (Opa é a abreviatura com que familiarmente se designa no Catete a Operação Pan-Americana) rejubilaram-se com a vinda. O poderoso Secretário de Estado, tão importante quanto Eisenhower no funcionamento atual do governo estadunidense, vinha prestigiar a confraria.

E DISSO NÃO PASSOU. Plantou magnólia, sorriu (os brasileiros gostam de sorriso, o sr. Dulles não gosta, mas é diplomata) foi à Brasília assistir à construção do Sans-souci de JK, deu entrevistas, conseguiu mais êxito pessoal do que se esperava, mas não arredou pé. O problema do petróleo — a grande avantesma — não progrediu nada. O sr. John Foster Dulles trazia a sua posição previamente estudada e rigidamente fixada, com a energia que caracteriza o Secretário de Estado. Até o sábado, esperavam-se novas medidas no campo do petróleo. As datilógrafas do Conselho Nacional do Petróleo foram convocadas para trabalhar nesse dia, extraordinariamente, e no domingo. O exemplo argentino estava vivo. Mas, ao que parece, examinados os acordos com as companhias estrangeiras, assinados em Buenos Aires, viu-se que no Brasil o modelo não poderia ser imitado. Pelo menos, por ora. Na Argentina, a Yacimientos Petrolíferos Fiscales é uma empresa do Estado, mas não detém o monopólio do petróleo. O Presidente Frondizi pode dispor do assunto por simples decreto ou atos administrativos. No Brasil, existe o monopólio estatal do petróleo e a Petrobrás é a agência do Governo para executá-la. Só a derrogação da lei da Petrobrás pode alterar os termos presentes do problema. As datilógrafas do Conselho Nacional de Petróleo passaram o fim de semana em repouso.

O NEGÓCIO DO PETRÓLEO ficou adiado. O problema do café continuará a ser tratado pelos meios que o vinham examinando. Assim, resta a Operação Pan-Americana, a justificar toda a euforia com que JK e seus auxiliares saudaram a vinda do Secretário de Estado. Até o Rio de Janeiro, John Foster Dulles não queria ceder nada. Mas no ambiente do Planalto, no bucolismo de Brasília, cedeu alguma coisa. E comprometeu-se com a Operação Pan-Americana. Daqui para o futuro, corre muita água debaixo da ponte. E vamos ver se o bombom de Dulles adoça, mesmo, as relações entre os povos do Continente.



E Mr. Dulles partiu imperturbável. Nem petróleo nem café.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

FIGURAS, FATOS E FUNÇÕES

★ O jornalista Clodomir Leite, (amigo pessoal do sr. João Goulart) ia ser nomeado chefe do Gabinete do novo Ministro do Trabalho, sr. Fernando Nóbrega. Mas surgiram outros nomes. E Clodomir Leite (criatura inquieta, que tem dificuldade em ficar na mesma sala por muito tempo) resolveu não aceitar. Com isto, lucrou a imprensa pernambucana e perdeu a imprensa carieca. (Todos os anos, Clodomir vai ao Recife e traz um ou dois elementos para o jornalismo do Rio).

★ E Lucas Lopes resolveu fazer a grande surpresa de, no decurso das conversações com os assessores de Foster Duller, declarar que a lei da Petrobrás não poderia ser modificada. Seria na previsão dessa atitude que o coronel José Alexínio Bittencourt (Conselho Nacional do Petróleo) me disse, na transmissão do cargo ao novo ministro da Fazenda, que a Petrobrás era inexpugnável?

★ A sorte continua a crescer para o lado do senador Juraci Magalhães. O papa do realismo udenista está vencendo as preliminares da sucessão baiana graças às manobras de pequeno calibre do governador Antônio Balbino, que vetou Vieira de Melo, sacrificou Rômulo de Almeida e impôs um "nome honrado mas sem serviços prestados", como o sr. Pedreira de Freitas. Juraci está capitaneando todos esses descontentamentos.

★ Na farmácia do Largo da Carioca, o funcionário público, para o aplicador de injeções, diante de um cartaz do sr. Alencastro Guimarães: — "Não voto, não voto, não. Da outra vez, votei nesse mesmo, que está aí, no retrato. Aliás, não voto mais para senador. Nenhum dos senadores do Distrito Federal fez qualquer coisa pela cidade. E ainda deixam o Juscelino mudar a capital para Brasília".

★ O Governo continua ajustando a sua política financeira interna às recomendações das autoridades monetárias internacionais. Estas acham que, entre outras providências, o Brasil deve reduzir as suas despesas orçamentárias.

★ O Sindicato dos Economistas prepara-se para acompanhar, com todo o interesse, a votação do projeto criando o Ministério da Economia. Economista Mário Sinibaldi

Maia (presidente) está firmando posição para que o Ministério seja de Economia, mesmo, atenda às necessidades do tempo e não seja mais um trambólio na anacrônica administração federal.

★ O sr. Tancredo Neves está ocupando, aos poucos, o caminho de Alkmim. Da Secretaria de Finanças de Minas, para onde foi, agora, certamente sairá candidato a governador, na frente de Alkmim. Por isso abandonou a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil e evitou uma "prévia" com o sr. Alkmim, na eleição para deputado federal. O pequenino vai longe...

★ Providências foram solicitadas para regularizar a situação do canal da Rádio Eldorado, pertencente a "O Estado de São Paulo". O canal é da Bolívia e tornam-se necessárias gestões entre órgãos dos governos boliviano e brasileiro para que possa ser definitivamente explorado em nosso país.

★ O sr. Lutero Vargas anunciou o seu método cirúrgico para cura da calvície. Com isso, pretende obter recursos para a campanha eleitoral. A coisa é séria. Enquanto o método não produz efeito, diz o sr. Lutero que continuará pondo à mostra a calva de muita gente...

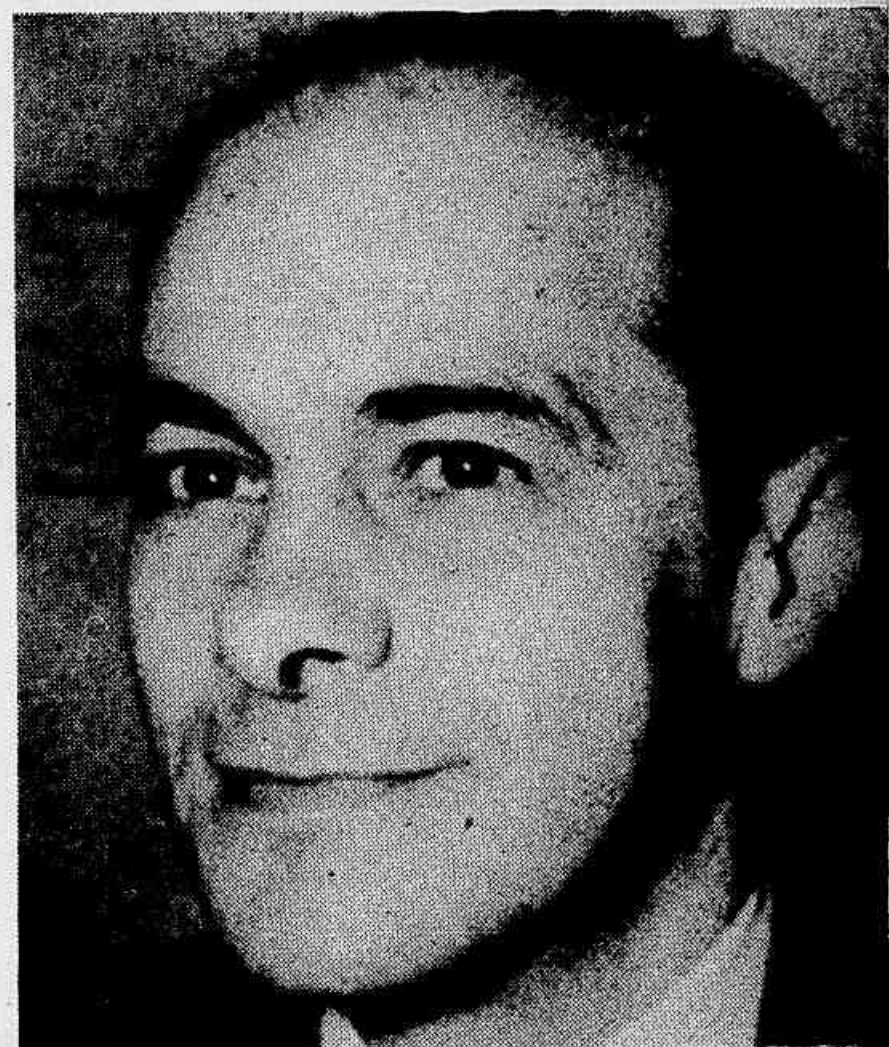
★ Continua a cair o valor em dólares das exportações brasileiras de café. O período de janeiro a julho do ano passado, que foi ruim, ainda se apresentou melhor do que os sete primeiros meses deste ano.

★ A posição do sr. Afonso Arinos, como concorrente ao Senado pelo Distrito Federal, é boa. As forças populistas estão divididas para a eleição majoritária, enquanto os udenistas estão unidos em torno do sr. Afonso Arinos.

★ Breno Silveira (médico), Fernando Arruda (aeroviário) e Manoel Ricardo (operário da Light) são os candidatos que os socialistas cariocas esperam eleger à Câmara dos Deputados, em 3 de Outubro. O Partido Socialista vem procurando penetrar diretamente na massa. Por isso, entre os seus 66 candidatos à vereança, existem diversos dirigentes sindicais do Distrito Federal. Osório Borba é candidato, nessa chapa, a retornar à Câmara Municipal, onde já representou o P.S.B.



Afonso.



Tancredo.

Breno.



BRASÍLIA 1988



ANÍBAL MACHADO

REGRESSARAM ONTEM a Brasília os jovens que vieram conhecer o velho pôrto do Rio de Janeiro. Cerca de vinte moças e rapazes bem sacudidos. O fato atraiu ao local de embarque muito gente curiosa de saber como era essa geração nascida e criada na nova capital da República. Os mais velhos tinham trinta anos, os mais jovens orçavam pelos dezoito. Vistos de longe, não pareciam de rapa muito diferente. São mais altos do que a média de nossa gente. E, em geral, mais corados. Gesticulam pouco, aparentam serenidade. Verdadeiros homens do centro. Esses indícios de sobriedade representavam uma barreira à nossa tarefa de repórter. Tivemos que transpô-la, o que não foi difícil. Mostravam-se ao mesmo tempo encantados e escandalizados com o Rio:

— Que montanhas vocês têm... oh, que montanhas!... Mas que barulheira! Como podem viver neste inferno!

— E neste calor!

— Estamos habituados, balbuciei.

— E como conseguem transitar pelas ruas? É verdade que nenhum de nós chegou a ser atropelado, mas andamos quase... O senhor já foi?

Respondi exibindo-lhe a minha perna ortopédica. Mostraram-se comovidos. Outros se juntaram em torno da perna, menos por ela que pelos autógrafos de alguns de nossos campeões de futebol, nos idos de 58. "Ó professor, venha ver", gritaram os rapazes. Aproximou-se um moço de olhar contemplativo: "É o nosso cate-drático de futebol na Faculdade de Filosofia". Enquanto o professor soletrava os nomes quase apagados na madeira, eu ia obtendo outros esclarecimentos. Vim a saber que na administração de Brasília figuram alguns jogadores. O atual Prefeito é o maior goleador do Planalto. "O nosso futebol é todo de cabeça, quase matemático, explicou o professor. Lembra o que hoje se pratica na China socialista. Proscuremos o dribling e a improvisação."

Daí passei a outras perguntas. "Será que nos hábitos da população não está se refletindo o espírito de planejamento que presidiu à construção da cidade?"

— "Oh, sem dúvida", disse um jovem diretor de orquestra.

"Mas a vida não fica monótona?"

— "Não. Parece, mas não fica. Dá mais segurança."

"E os índios? Não são uma vizinhança um tanto incômoda?"

— "O contrário, respondeu um técnico em vitaminas. Ajudam a quebrar a monotonia a que o senhor se refere. Alguns aderiram à capital, e se elegeram vereadores; fizeram passar uma lei que lhes permite sair de flecha e tacape pelas ruas, o que é de grande interesse turístico. Tem havido muito cruzamento de japoneses com xavante, o que dá quase um chinês. Coisas de genética..."

"E aquela rebelião dos habitantes da floresta?"

— "O senhor quer se referir a uma que houve há muitos anos, não é? Não teve a menor importância. Foi até divertido. Cerca de 150 silvícolas de diferentes tribos atacaram de surpresa a cidade. A operação foi noturna. Um enxame de flechas voou na direção do Palácio da Alvorada. Famílias apavoradas pediram a intervenção do Exército. Seria um duelo de tanques e flechas. Mas o Exército não foi nisso. Chamou o Corpo de Bombeiros e a indiada se dispersou debaixo dos esguichos. O povo achou graça. Algumas vidraças do bairro residencial amanhecaram perfuradas. Foi só". — Meu interlocutor parou para falar a um companheiro; depois, voltando-se para mim: "Deseja fazer mais alguma pergunta?"

Eu queria que me dissesse algo sobre os cafajestes. Há cafajestes em Brasília?

— "Nas primeiras décadas, sim, respondeu um universitário que interferiu na conversa. Hoje, quase desapareceram por falta de aclimação social. Figuram com muito sucesso nos teatros-revista."

Donde se conclui que é uma cidade séria, Brasília, eu disse.

— "Diga antes que é uma cidade calma onde se trabalha, se diverte e se ama, tudo com a maior naturalidade."

— "E também onde se lê e estuda bastante", interveio um rapaz de camisa esporte. Os desesperados, lá, não têm chance. Evita-se falar em angústia. Ultimamente os psiquiatras, apoiados pelos estudantes, abriram uma campanha contra uma doença a que deram o nome de **mal-de-planalto**.

Faltavam poucos minutos para a partida, meu interlocutor não tinha tempo para maiores explicações: "Em resumo, concluiu ele, esse **mal-de-planalto** é uma espécie de melancolia, com implicações metafísicas, que corrói a alegria de viver. Os doentes acham falsa a correspondência entre o traçado da cidade e o comportamento social dos habitantes; para eles, a beleza de Brasília, de tão harmoniosa e monumental, só serve de tapume para esconder o sentido trágico da vida. É um grupo pequeno, mas ativo e perigoso. Chegam a proclamar que é ridículo ser feliz. Conceção absurda, como o senhor vê; pois se em parte alguma existe felicidade, que é conceito abstrato, não se pode negar que exista em Brasília o gosto e a alegria de viver". Aliás, pensei comigo, o espírito e o jeito daquela rapaziada confirmavam o que me dizia o jovem brasiliense.

"Ainda há muitos cariocas por lá?"

— "A colônia carioca está hoje bem reduzida. A maioria pertence a famílias de antigos funcionários. Reúnem-se todas as noites num clube onde matam saudades do Rio ouvindo samba e olhando para fotografias de morros e praias cariocas. Nas rodas esnobes é considerado "bem" ouvir uma senhora dizer que esteve na antiga capital e se banhou em Copacabana. A juventude gosta de apreciar na televisão os aspectos de verão no Rio, o que não é bem visto pela Igreja."

"E o Carnaval? Vocês têm Carnaval?"

— "Não como o daqui, é evidente... apesar dos esforços do Clube Carioca. O samba de Brasília é inexpressivo e aguado. Falta bossa aos nossos compositores; falta principalmente esse fundo de lirismo, bagunça e desgraça que os senhores têm aqui... Carnaval demasiado artificial, quase geométrico..."

O alto-falante dera o primeiro aviso. Meu interlocutor apontou para uma moça robusta que viera em nossa direção: "Minha noiva. Terminou o curso de química-industrial. Campeã de volei, e toca violão". Apareceu um rapaz de olhos verdes, mistura de índio carajá com alemão: "Este é o Arosca, arquiteto". Pedi notícias de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer: — "Dois velhinhos muito simpáticos. Andam indignados com certas deformações que Brasília vem sofrendo."

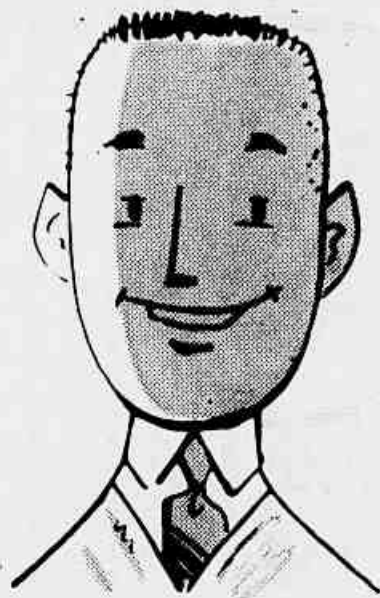
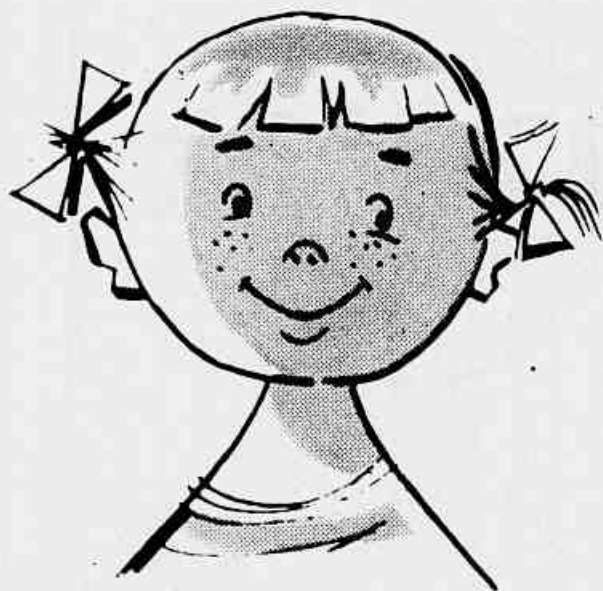
"E Juscelino?" — perguntei.

— "Velhinho danado. Ainda se lembra de tudo que se passou em seu governo. De vez em quando toma o helicóptero e vai namorar a cidade lá de cima. Voa até hoje. Já é um cacoete."

Quando o aparelho desapareceu na serra dos Órgãos, ainda me achava colado à parede de vidro. Tranquila e saudável geração de Brasília!...

Será que na composição da alma desses jovens não estarão faltando aqueles ingredientes que dão encanto ao Nordeste desgraçado e humano, e sedução a este confuso e aflitivo pôrto do Rio de Janeiro? Boa viagem, rapazes!...

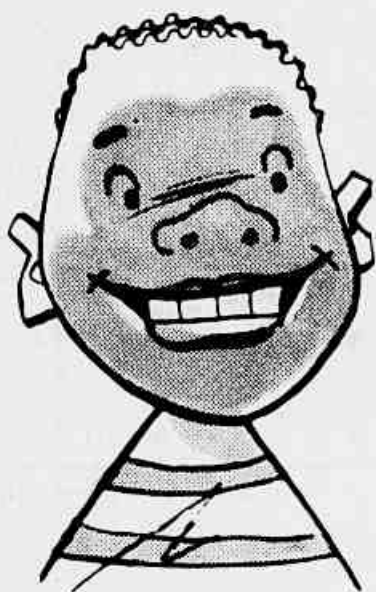
Meus votos para que se estenda por todo o país a nova imagem de uma geração que não tem medo de viver e confia no futuro. Boa viagem, otimistas!...



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

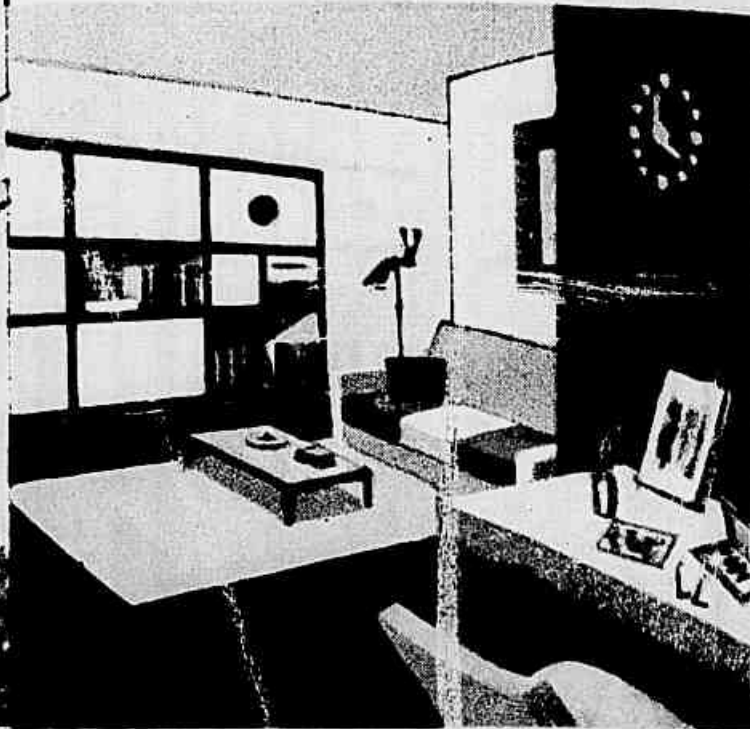
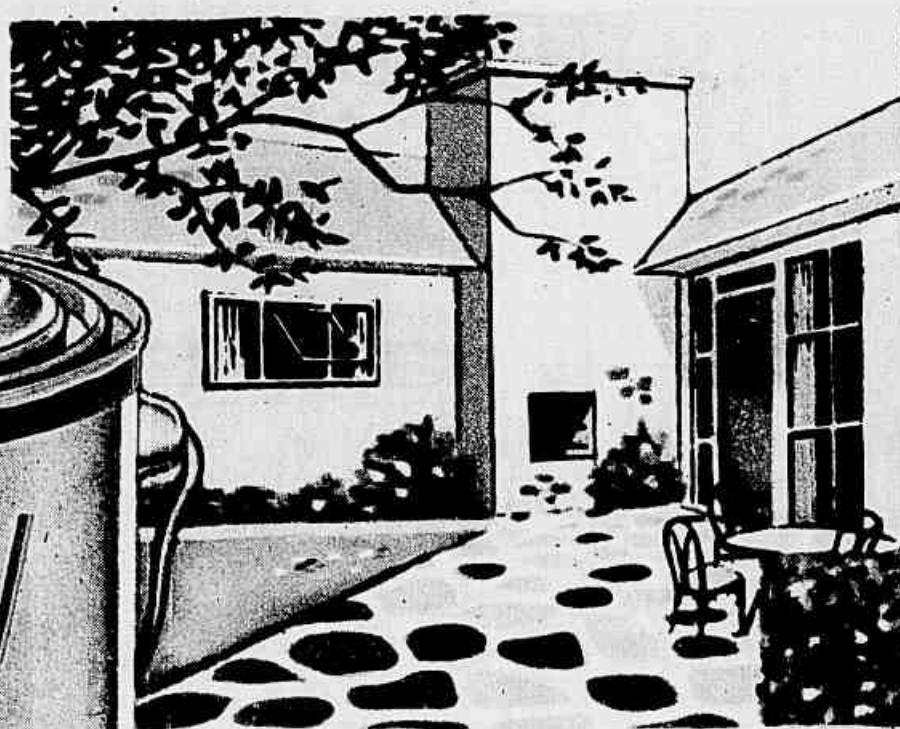
PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

Proteção e

Côr



para
exteriores
e interiores



Tintas, esmaltes e vernizes

International

para todos os fins da construção civil

Sociedade Anônima



Composições International (do Brasil)

Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 50
São Paulo: Av. 9 de Julho, 50